



**Bruno Moreira Rodrigues**

**A dimensão catequética na formação dos futuros  
presbíteros**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro  
fevereiro de 2024



**Bruno Moreira Rodrigues**

**A dimensão catequética na formação dos futuros  
presbíteros**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Abimar Oliveira de Moraes**

Orientador  
PUC-Rio

**André Luiz Rodrigues**

PUC-Rio

**Jânison de Sá Santos**

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Rio de Janeiro, 14 de março de 2024

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

### **Bruno Moreira Rodrigues**

Graduou-se em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, em 2010. Recebeu a graduação em Filosofia (2014) e em Teologia (2018) pela Faculdade Católica de Fortaleza. Fez curso de Especialização em Pedagogia Catequética, pela UNISAL-SP (2021-2022). Participou de inúmeros congressos e publicações na área de Teologia Pastoral e Catequética Fundamental. Atualmente é professor e coordenador do curso de Especialização em Pedagogia Catequética da Faculdade Católica de Fortaleza. Desde 2012 é membro da Coordenação Arquidiocesana de Catequese da Arquidiocese de Fortaleza. E desde 2019 é professor da Escola de Pastoral Catequética - ESPAC, onde presta assessoria formativa para várias dioceses do Regional NE 1 e diversas paróquias da Arquidiocese de Fortaleza. Desde 2022 é o coordenador da ESPAC.

### Ficha Catalográfica

Rodrigues, Bruno Moreira

A dimensão catequética na formação dos futuros presbíteros / Bruno Moreira Rodrigues ; orientador: Abimar Oliveira de Moraes. – 2024.

141 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2024.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Catequese. 3. Futuros presbíteros. 4. Formação presbiteral. 5. Iniciação à vida cristã. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Aos catequistas da Arquidiocese de Fortaleza que tanto se dedicam à missão evangelizadora da Igreja, e com a vida testemunham a beleza do anúncio de Jesus Cristo.

## **Agradecimentos**

O presente trabalho foi realizado graças ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ao meu Professor e Orientador, Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes, pelo carinho, acompanhamento, sabedoria na orientação e motivação nesta caminhada.

A todos da PUC-Rio, de maneira especial à coordenação do Departamento de Teologia, por terem aberto as portas do campus no momento que mais precisava para alcançar meus êxitos como universitário.

Aos colegas professores e presbíteros amigos, que sempre me estimularam a não desistir e terminar esta etapa que hoje concluo. De maneira especial, (...), pela leitura e observações necessárias para a entrega final desta pesquisa.

A Escola de Pastoral Catequética da Arquidiocese de Fortaleza – ESPAC, por todo apoio e incentivo para a realização desta pesquisa.

Aos paroquianos da cidade Beberibe e da Paróquia Senhor do Bonfim – Monte Castelo, que entenderam muitas ausências de minha parte na comunidade durante o período das pesquisas e leituras.

Aos catequistas de minha amada Arquidiocese de Fortaleza, fonte inspiradora para o meu ministéri

## Resumo

Rodrigues, Bruno Moreira. **A dimensão catequética na formação dos futuros presbíteros**. Rio de Janeiro, 2024, 141p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A realidade atual exige dos educadores da fé novos passos em busca de uma renovação catequética, que requer anunciadores convertidos e bem preparados. A Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal se apresenta como uma boa proposta para a transmissão da fé no mundo atual. Os presbíteros, enquanto colaboradores do ministério Episcopal, são os primeiros educadores da fé de uma comunidade, sobretudo pela missão que desempenham. A presente pesquisa tem como objeto material a dimensão catequética na formação dos futuros presbíteros. Do ponto de vista formal, nosso objetivo será analisar como tem sido realizado a formação catequética dos seminaristas, principalmente na perspectiva do paradigma da Iniciação à Vida Cristã e a partir da reflexão do Magistério da Igreja, nos documentos publicados a partir do Concílio Vaticano II sobre a formação presbiteral. Assim, o escopo do presente trabalho visa explicitar a importância da catequese no processo formativo dos candidatos ao ministério presbiteral, tendo em vista o desenvolvimento da missão dos futuros presbíteros. Para tanto, abordaremos a realidade na qual o contexto da formação presbiteral se realiza, considerando os desafios que interpelam a missão dos futuros presbíteros, no intuito de estabelecermos uma nova configuração para sua atuação diante do paradigma da catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã: formadora de discípulos missionários em comunidade.

## Palavras-chave

Catequese; Futuros Presbíteros; Formação presbiteral; Iniciação à Vida Cristã.

## **Abstract**

Rodrigues, Bruno Moreira. **The catechetical dimension in the formation of future priests**. Rio de Janeiro, 2024, 141p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Today's reality demands that educators of the faith take new steps in search of catechetical renewal, which requires converted and well-prepared proclaimers. Initiation into Christian Life with catechumenal inspiration is a good proposal for transmitting the faith in today's world. Priests, as collaborators in the Episcopal ministry, are the first educators of the faith in a community, above all because of the mission they carry out. The material object of this research is the catechetical dimension in the formation of future priests. From a formal point of view, our objective will be to analyze how the catechetical formation of seminarians has been carried out, mainly from the perspective of the paradigm of Initiation into Christian Life and from the reflection of the Magisterium of the Church, in the documents published since the Second Vatican Council on priestly formation. Thus, the scope of this work is to explain the importance of catechesis in the formation process of candidates for priestly ministry, with a view to developing the mission of future priests. To this end, we will address the reality in which the context of priestly formation takes place, considering the challenges that challenge the mission of future priests, in order to establish a new configuration for their performance in the face of the paradigm of catechesis at the service of Initiation into Christian Life: forming missionary disciples in community.

## **Keywords**

Catechesis; Future priests; Priestly formation; Initiation into Christian Life.

## Sumário

1. Introdução	10
2. A formação em vista do ministério presbiteral no mundo contemporâneo	14
2.1. Desafios que interpelam a formação presbiteral	15
2.1.1. O Desafio da cultura atual	17
2.1.2. O desafio da evangelização	21
2.1.3. Desafios da prática pastoral no ministério presbiteral	27
2.2. A formação presbiteral em mudança de época	31
2.3. A Pastoral Vocacional no contexto atual	37
2.4. A fragmentação da formação catequética no âmbito da formação inicial	44
3. Os presbíteros e a dimensão catequética	51
3.1. A relação catequese e presbítero: Síntese histórica	52
3.2. A Identidade presbiteral à luz do Vaticano II	62
3.3. A formação dos futuros presbíteros na perspectiva pós conciliar	67
3.3.1. A dimensão catequética na formação dos futuros presbíteros	73
3.3.2. A responsabilidade dos futuros presbíteros para com a catequese	81
4. Nova configuração para a atuação dos futuros presbíteros	88
4.1. O futuro presbítero articulador da comunidade nos processos de Iniciação à Vida Cristã.	90
4.2. O futuro presbítero promotor dos ministérios na comunidade	99
4.3. O futuro presbítero responsável por sua formação permanente	108
4.4. O futuro presbítero em uma Igreja Sinodal	113
5. Conclusão	123
6. Referências bibliográficas	131



## **Siglas e abreviaturas**

AM	Antiquum Ministerium
AN	Acerbo Nimis
AG	Ad Gentes
CNP	Comissão Nacional de Presbíteros
CT	Catechesi Tradendae
CV	Christus Vivit
DAp	Documento de Aparecida
DCE	Deus Caritas Est
DC	Diretório para a Catequese
DCG	Diretório Catequético Geral
DGC	Diretório Geral para a Catequese
DNC	Diretório Nacional de Catequese
DV	Dei Verbum
EM	Ecclesiae de Mysterio
EN	Evangelii Nuntiandi
EV	Evangelium Vitae
GE	Gaudete et Exsultate
GS	Gaudium et Spes
LG	Lumen Gentium
NMI	Novo Milenium Ineunte
OT	Optatam Totius
PF	Porta Fidei
PDV	Pastores Dabo Vobis
RFIS	Ratio Fundamentalis institutione Sacerdotalis
RM	Redemptoris Missio
SS	Spe Salvi
SC	Sacrossactum Concilium
VD	Verbum Domini
UR	Unitatis Redintegrati

## Introdução

“Como faz a diferença a presença e o envolvimento do padre na catequese”. Nos últimos anos temos escutado com muita frequência esta afirmação, seja por meio dos catequistas, leigos e leigas, familiares e catequizandos, seja nos diferentes encontros, seminários e congressos que tratam do tema da catequese, sobretudo, com a dinamização do processo de Iniciação à Vida Cristã com Inspiração Catecumenal, que recobra uma maior presença dos presbíteros no acompanhamento da ação catequética.

Os presbíteros que fazem a experiência catequética, podem testemunhar as transformações resultantes como fruto desse processo, principalmente, quando toda a comunidade se envolve na dinâmica catequética. Enquanto pesquisador e presbítero católico, podemos testemunhar como faz a diferença a presença do presbítero na catequese, sobremaneira, pelo envolvimento e acompanhamento que fizemos, ao longo dos últimos anos, tanto na formação inicial como no exercício do ministério presbiteral na dinamização dos processos catequéticos.

Tivemos a oportunidade de participar de diversos encontros nacionais e internacionais, que abordaram o tema da catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. No campo desta pesquisa podemos refletir em congressos teológicos sobre a temática da formação dos futuros presbíteros, bem como a própria Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, por meio da Comissão para a Animação Bíblico-Catequética, tem proposto a reflexão do tema da Iniciação à Vida Cristã para os presbíteros no intuito de responder à necessidade que reclama a presença dos presbíteros nos processos catequéticos.

E aqui tocamos o ponto fulcral desta pesquisa: a formação catequética dos futuros presbíteros em vista de uma nova configuração para a sua atuação. O presbítero não nasce pronto, de modo que, precisa na formação de sua identidade fazer uma experiência catequética, que favoreça sua configuração a Jesus, Bom Pastor.

A pesquisa se situa diante do desafio da Evangelização no mundo contemporâneo, onde a exigência que se impõe aos evangelizadores, sobretudo no âmbito catequético, torna-se cada vez mais urgente. O contexto histórico que

estamos inseridos, com seus valores e contravalores, desafios e mudanças, exige dos evangelizadores preparo, qualificação e atualização.

A catequese é compreendida, dentro desse contexto, a partir de uma perspectiva mais ampla, de um processo de renovação que a Igreja é impulsionada a realizar, para cumprir fielmente o mandato de Jesus Cristo de levar o Evangelho e “fazer discípulos de todas as nações” (Mt 28, 18). A catequese participa no empenho da evangelização, conforme sua natureza própria, a fim de que “a fé possa ser sustentada em um permanente amadurecimento que se expressa em um estilo de vida que deve caracterizar a existência dos discípulos de Cristo”<sup>1</sup>.

Os Bispos da América Latina e do Caribe, reunidos na Conferência de Aparecida em 2007, reafirmaram a necessidade de uma renovação no processo de Iniciação à Vida Cristã “que comece pelo querigma e, guiado pela Palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito homem”<sup>2</sup>, de modo que, a partir desse encontro se chegue “à conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão”<sup>3</sup>.

A Inspiração Catecumenal é um dos marcos para a catequese à serviço da Iniciação à Vida Cristã, proposta pelo Concílio Vaticano II, que convidou a Igreja a tomar novos rumos para a transmissão da fé no mundo atual. Com as contribuições catequéticas do Papa Francisco, a Iniciação à Vida Cristã se fortaleceu, especialmente nas dimensões querigmática e mistagógica.

O anúncio do Evangelho nutre a comunidade cristã, quando há a busca por mergulhar no mistério pascal e nos momentos celebrativos. Para tanto, temos consciência que a Iniciação à Vida Cristã é expressão de uma comunidade de fé que educa a partir do seu testemunho, da sua vida. Portanto, é modelo e paradigma inspirador para a vida da comunidade eclesial missionária.

Diante desse processo de renovação da catequese, descobrimos que muitos pesquisadores da área de Teologia Pastoral e muitos catequetas têm buscado desenvolver pesquisas neste âmbito. Essa dimensão tem também despertado a publicação de diversos livros e documentos da Igreja, assim como a elaboração de dissertações e teses que têm contribuído para esta reflexão.

---

<sup>1</sup> DC 1.

<sup>2</sup> DAp 289.

<sup>3</sup> DAp 289.

Desde já, ressaltamos que o foco desta pesquisa, será a formação catequética dos futuros presbíteros em vista de uma nova configuração para a sua atuação, por isso, não pretendemos abordar diretamente o fazer atual dos presbíteros. No entanto, será necessário fazer referências aos presbíteros, uma vez que não é possível compreender a atuação que se espera dos novos presbíteros sem um olhar para a realidade presbiteral. Portanto, esta pesquisa, se situa no campo de uma projeção do que os futuros presbíteros devem fazer diante da missão recebida.

A urgência de uma formação inicial que favoreça um verdadeiro processo formativo catequético dos candidatos ao ministério ordenado é uma necessidade que precisa ser assumida caso se queira ser uma Igreja verdadeiramente iniciática, atenta a sua missão evangelizadora. Destarte, torna-se condição indispensável favorecer estratégias e configurações que promovam uma renovação formativa-pastoral a partir da estruturação do projeto formativo dos seminários, que leve em consideração a dimensão catequética na formação dos futuros presbíteros.

Neste intuito, a pesquisa está distribuída em três grandes blocos. No primeiro momento, a preocupação se dará com os desafios que interpelam a formação em vista do ministério presbiteral no mundo contemporâneo, buscando olhar a realidade na qual se realiza a formação e a prática pastoral dos futuros presbíteros. No segundo momento, a reflexão se dará em vista da configuração do novo presbítero na sua relação com a catequese e a formação da sua identidade. No terceiro momento, se apresentará a práxis dos futuros presbíteros a partir de sua formação catequética, tendo em vista uma nova configuração da sua atuação na comunidade cristã, de modo especial, nos processos catequéticos.

No primeiro capítulo, faremos uma análise dos desafios da formação dos futuros presbíteros no mundo contemporâneo. Serão evidenciados os principais desafios pastorais enfrentados pela Igreja no processo de Evangelização, no intuito de identificar as principais dificuldades da formação presbiteral no mundo hodierno. Uma vez que as dificuldades são muito vastas, serão priorizadas algumas delas: o desafio da cultura atual no processo de evangelização em um mundo de constantes transformações, o contexto em que se realiza a formação e os desafios da prática pastoral dos futuros presbíteros.

No segundo capítulo, refletiremos sobre o agente da formação presbiteral e sua relação com a dimensão catequética. Para tanto, apresentaremos uma síntese histórica sobre a relação catequese e presbítero, tendo em vista que nem sempre a

catequese chamou em causa a figura do presbítero. Diante do resgate histórico apresentado, voltaremos o olhar para a identidade presbiteral à luz do Concílio Vaticano II, que situa o presbítero dentro de uma perspectiva de abertura e diálogo para com a sociedade.

O Concílio Vaticano II também enfatizou a importância da comunidade eclesial na formação e no apoio aos presbíteros. Isso significa que a identidade presbiteral está intrinsecamente ligada à comunidade paroquial e à vida da Igreja como um todo. Para comprovar isso, destacaremos a importância da formação catequética dos futuros presbíteros e a sua responsabilidade para com esta dimensão na configuração de sua identidade.

No terceiro capítulo, apresentaremos a prática que se espera dos futuros presbíteros como fruto de sua formação catequética diante da missão evangelizadora da Igreja. Para isso, faremos uma reflexão da missão que os futuros presbíteros deverão desempenhar diante da comunidade cristã, sobretudo nos processos catequéticos. Desta reflexão, propomos uma nova configuração para a atuação dos futuros presbíteros.

A nova configuração para a atuação dos novos presbíteros proposta por esta pesquisa, coloca o novo presbítero como articulador dos processos de Iniciação à Vida Cristã na comunidade, bem como aquele que pode promover uma harmonização entre os serviços e ministérios e a dimensão catequética dos mesmos. Não obstante, a caminhada formativa do novo presbítero não terminará na ordenação, por isso, o intuito final do terceiro capítulo, é apontar para o aprofundamento da formação inicial com a valorização da formação catequética permanente, pois, sempre surgirão novos desafios a interpelar a missão dos futuros presbíteros.

## 2

### **A formação em vista do ministério presbiteral no mundo contemporâneo**

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe realizada em Aparecida em 2007, ao se referir a formação presbiteral e o ministério dos presbíteros, ressalta a necessidade de olhar a realidade na qual o presbítero é formado e vive o seu ministério. Frente às profundas transformações, que afetam e desafiam a missão que o presbítero é chamado a viver no mundo, o documento aponta alguns desafios a serem considerados na formação em vista do ministério presbiteral.

Dentre alguns desafios apontados, destaca-se o desafio do exercício do ministério presbiteral na cultura atual. O presbítero é chamado a conhecer a realidade para “semear nela a semente do Evangelho, ou seja, para que a mensagem de Jesus chegue a ser uma interpelação válida, compreensível, cheia de esperança e relevante para a vida do homem e da mulher de hoje, especialmente para os jovens”<sup>4</sup>. Destarte, a necessidade de “potencializar adequadamente a formação inicial e permanente dos presbíteros, em suas quatro dimensões: humana, espiritual, intelectual e pastoral”<sup>5</sup>.

O escopo deste capítulo é demonstrar que para uma adequada formação catequética dos futuros presbíteros, deve-se levar em consideração os desafios atuais em vista da missão evangelizadora da Igreja no mundo. Apresentaremos alguns desses desafios no contexto da formação dos futuros presbíteros<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> DAp 194.

<sup>5</sup> DAp 194.

<sup>6</sup> O Concílio Vaticano II representou uma grande reviravolta missionária na Igreja. Logo em seguida houve sínodos centralizados na pessoa dos sacerdotes em 1967, 1971, 1974 e 1990. O Papa João Paulo II escrevia uma ‘carta aos padres’ por ocasião da Quinta-feira Santa. Bento XVI proclamou a celebração do Ano Sacerdotal (19/06/2009 a 16/06/2010). A CNBB promoveu dois congressos vocacionais, escreveu uma ‘Carta aos presbíteros’ como fruto da 42ª Assembleia Geral (2004), na qual o tema central foi: ‘Vida e Ministério dos presbíteros’. A 47ª Assembleia Geral (2009) teve como tema central: ‘A Formação Presbiteral’. Os bispos do Brasil ainda incentivaram a Pastoral Presbiteral, o Encontro Nacional de Presbíteros, a organização dos seminários, os cursos de formação permanente do clero. (BRANDES, O., Presbítero: vocação e missão, p. 43).

## 2.1.

### Desafios que interpelam a formação presbiteral

Vivemos em um mundo de rápidas e profundas transformações nos campos social, político, econômico e cultural. O crescimento das cidades e o consequente desenvolvimento industrial e tecnológico, bem como os novos meios de comunicação, são sinais de um mundo em constante transformação. A humanidade passou por uma grande crise com o agravamento da Pandemia da COVID 19 nos anos de 2020 e 2021.

A cultura contemporânea é uma realidade muito complexa, uma vez que, devido aos fenômenos da globalização e do uso massivo dos meios de comunicação, aumentaram as conexões e as interdependências entre questões e setores que, no passado, era possível considerar em separado e que hoje, pelo contrário, requerem uma abordagem integrada. No mundo atual, com efeito, fundem-se continuamente progressos do conhecimento e das tendências culturais, globalização dos modelos de vida e condicionamentos dos sistemas econômico - políticos, sentido de pertença étnica e religiosa, questões sociais antigas e novas, gerando situações concretas variadas e flutuantes. Nesta condição de grande complexidade, os homens colocam-se diante da vida e da fé em formas muito diversificadas, dando origem a um pluralismo cultural e religioso particularmente acentuado e dificilmente catalogável.<sup>7</sup>

O desenvolvimento da cultura digital foi acelerado com a pandemia, que não permitia o contato real entre as pessoas. Todo esse contexto trouxe muitas consequências para a sociedade que busca reerguer-se frente aos novos problemas e desafios que vão surgindo.

A humanidade vive, neste momento, uma viragem histórica, que podemos constatar nos progressos que se verificam em vários campos. São louváveis os sucessos que contribuem para o bem-estar das pessoas, por exemplo, no âmbito da saúde, da educação e da comunicação. Todavia não podemos esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente, com funestas consequências. Aumentam algumas doenças. O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente. É preciso lutar para viver, e muitas vezes viver com pouca dignidade.<sup>8</sup>

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco recorda que, esta mudança de época “foi causada pelos enormes saltos qualitativos, quantitativos, velozes e acumulados que se verificam no progresso científico, nas

---

<sup>7</sup> DC 320.

<sup>8</sup> EG 52.

inovações tecnológicas e nas suas rápidas aplicações em diversos âmbitos da natureza e da vida”<sup>9</sup>.

Diante de todo avanço constatado, o que é benéfico para a sociedade, podemos também constatar as ambiguidades decorrentes do desenvolvimento, o que se verifica pela falta de sentido de vida, sobretudo agravado pelo isolamento em decorrência da Pandemia da COVID 19, o que tem levado muitos ao suicídio e ao descontentamento com a existência humana, bem como o agravamento das doenças psicológicas, a busca pelo ter através do consumismo desenfreado; a banalização do ser humano e do sagrado, as fragmentadas relações de trabalho, onde o ser humano passa a ser substituído pelas máquinas e o mais recente desenvolvimento da inteligência artificial.

Diante dessa realidade complexa, muitos valores foram substituídos e descartados. Com o agravamento da polarização política, sobretudo, no Brasil, surgiram crises em relação às autoridades, principalmente na família e no campo político. Os Bispos do Brasil, analisando a conjuntura atual na 60ª Assembleia Geral, afirmaram que o tema da polarização impacta diretamente o campo religioso e eclesial “mostrando a mútua imbricação entre sociedade e religião, e da força e ambiguidade do que é constitutivo desta última”<sup>10</sup>.

Para o Episcopado brasileiro grande parte da polarização ocorrida no país nos últimos anos se deu através das redes sociais com forte apelo religioso.

O uso da religião para fins políticos ganhou então nova configuração. Muitos grupos religiosos, católicos ou não, têm sido bombardeados com uma avalanche de notícias (muitas delas falsas) sustentadas na negação da ciência e da evidência. Este fenômeno sociopolítico-religioso extrapola, e muito, os limites geográficos da nação brasileira. Trata-se de um acontecimento mundial, com ramificações internacionais e financiamento de grandes grupos econômicos. As consequências concretas desse fenômeno são, em parte, conhecidas, mas ainda não se sabe qual será seu alcance real nas diferentes camadas da população. Ninguém se atreve a responder até onde os braços (ou tentáculos) desta aliança fundamentalista-tradicionalista serão capazes de chegar. Uma coisa é possível afirmar: não será por um curto período, pelo simples fato de que essa rede se amplia cada vez mais.<sup>11</sup>

No campo religioso experimentamos também o impacto das transformações em curso, que “em meio à crise do projeto civilizacional moderno, têm forte

---

<sup>9</sup> EG 52.

<sup>10</sup> CNBB, Análise de conjuntura eclesial 2023.

<sup>11</sup> CNBB, Análise de conjuntura eclesial 2023.



incidência sobre a experiência religiosa em geral e, em particular, sobre o cristianismo, incluída a Igreja Católica”<sup>12</sup>.

De igual modo, a crise que a sociedade experimenta afeta diretamente a Igreja, sobremaneira, não poderia ser de outro modo, pois a Igreja está no mundo e nesse mundo realiza a sua missão evangelizadora, tendo em vista que ela existe para evangelizar<sup>13</sup>. Assim, “não é o mundo que está na Igreja, mas é a Igreja que está no mundo”<sup>14</sup>.

Em sintonia com o Vaticano II, Agenor Brighenti ressalta que, “o povo de Deus peregrina no seio de uma humanidade toda ela peregrinante e o destino do Povo de Deus não é diferente do destino da humanidade”<sup>15</sup>. O autor ainda destaca com relação à modernidade, as dificuldades que na Igreja, do mesmo modo que na sociedade atual há em “situar-se no novo tempo, em interagir com a irrupção de novas perguntas que exigem novas respostas e, sobretudo, há dificuldade para abrir-se às novas realidades emergentes, para acolher os diferentes e as diferenças”<sup>16</sup>.

### 2.1.1

#### **O Desafio da cultura atual**

A sociedade hodierna é marcada pela pressa, pela agitação e pelo imediatismo. Tais características são sinais visíveis de uma sociedade adoecida pela globalização da indiferença, que enraizada produz efeitos devastadores, tais como, não enxergar no outro o seu semelhante, o seu irmão, um prolongamento de si mesmo.

Esse fenômeno tão cruel, presente em nossa época, tende a aprisionarmos em uma redoma de egoísmo e individualismo. Portanto, é urgente combater a proliferação deste vírus, que sofre constantes mutações. O Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, colocou-se como um forte combatente contra esse fenômeno devastador. Quando esteve em Lampedusa no ano de 2013, em sua homilia, ele fez uma crítica contundente a este fenômeno:

---

<sup>12</sup> BRIGHENTI, A., O novo rosto do clero, p. 19.

<sup>13</sup> EN 14.

<sup>14</sup> BRIGHENTI, A., O novo rosto do clero, p. 19.

<sup>15</sup> BRIGHENTI, A., O novo rosto do clero, p. 19.

<sup>16</sup> BRIGHENTI, A., O novo rosto do clero, p. 20.

Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habitua-mo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa [...]. Somos uma sociedade que esqueceu a experiência de chorar, de "padecer com": a globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar!<sup>17</sup>

A Fala do Papa Francisco, apresenta contundentes denúncias ao sistema que exclui aqueles que não podem pagar pelos benefícios da globalização e são considerados para a sociedade como descartados. Diante dessa constatação vergonhosa, Francisco, constantemente convida aos cristãos e toda a Igreja para sair e assumir o combate a Globalização da Indiferença.

Essa perspectiva, afeta o processo de evangelização da Igreja e aponta para a necessidade de evangelizadores capazes de superar todas as formas de indiferença, que tendem a excluir e marginalizar. Diante do desafio da evangelização no mundo de hoje, é preciso pensar o processo de formação presbiteral, sobretudo, no âmbito da formação dos seminaristas, conscientes dessa realidade complexa e fragmentada.

A consequência disso é que, se a Modernidade acentuou o *orgulho* humano, a Pós-modernidade reforçou sua *fraqueza*. O homem pós-moderno se tornou fraco porque perdeu toda e qualquer referência última e unificadora capaz de guiar seu comportamento. Já não existe Deus, nem Razão e muito menos uma regra moral válida para todos. Cada cultura, cada época, cada estado elabora “democraticamente” seu próprio projeto de vida, colocando a humanidade numa situação tal de fragmentação que a torna incapaz de reencontrar as vias da reunificação, vendo-se impelida para os braços do extremo *Relativismo*.<sup>18</sup>

Considerar o contexto histórico e social na formação dos futuros presbíteros torna-se essencial, pois o formando, assim como cada indivíduo é influenciado pelas circunstâncias de sua época, o que pode impactar sua formação e visão de mundo. O seminário não pode ser considerado uma grande redoma de vidro que separa os formandos da realidade atual.

Para tanto, o Diretório para a Catequese sugere que para uma adequada formação catequética dos candidatos a Ordem Sagrada deve-se considerar alguns sinais concretos, dos quais destacamos, a capacidade de diálogo com a cultura e o espírito de discernimento<sup>19</sup>.

As numerosas contradições e potencialidades que marcam as nossas sociedades e culturas e, ao mesmo tempo, as nossas comunidades eclesiais, são percebidas,

---

<sup>17</sup> FRANCISCO, PP., Homilia em Lampedusa no dia 8 de julho de 2013.

<sup>18</sup> VIANA, W.C., Um longo e belo caminho: um itinerário formativo para seminaristas, p. 27.

<sup>19</sup> DC 151.

vividas e experimentadas com uma intensidade muito particular pelo mundo dos jovens, com repercussões imediatas e incisivas sobre o seu caminho educativo. Deste modo, a aparição e o desenvolvimento da vocação sacerdotal nas crianças, nos adolescentes e nos jovens debate-se simultaneamente com obstáculos e solicitações.<sup>20</sup>

*A Pastores dabo Vobis* ao apresentar os desafios da Igreja quanto à formação dos futuros presbíteros, constata que os jovens são aqueles que mais se encontram expostos às rápidas transformações da sociedade, os mais vulneráveis aos encantos da “sociedade de consumo, a uma visão distorcida da sexualidade humana e a uma experiência deformada da liberdade”<sup>21</sup>.

Diante das mudanças e contradições da sociedade contemporânea, é possível perceber algumas luzes frente aos desafios apresentados quando em muitos jovens aparece um forte desejo de encontrar valores mais sólidos para a própria vida. Muitos procuram na religião e na espiritualidade uma compreensão mais plena da própria existência, renascendo em muitos, o desejo da oração, a leitura das Sagradas Escrituras e até mesmo o estudo da teologia.

O contexto de renovação eclesial suscitado pelo Concílio Vaticano II, diante dos apelos de um mundo necessitado de uma “Nova Evangelização”<sup>22</sup>, predispõe os jovens para um engajamento sempre maior na Igreja, fato que pode contribuir

---

<sup>20</sup> PDV 8.

<sup>21</sup> PDV 8.

<sup>22</sup> O conceito de Nova Evangelização surgiu e se fixou a partir do pontificado do Papa João Paulo II (1978-2005). É possível constatar a existência de algum tipo de referência à ideia do que hoje se chama de Nova Evangelização já nos predecessores do pontificado do Papa João Paulo II, particularmente, nos pontificados dos Papas João XXIII e Paulo VI, por se encontrarem elementos importantes que auxiliam a fundamentar a ideia e o desejo de uma Nova Evangelização, diretamente ligados à realização do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). Estes dois Papas referem-se aos desafios provenientes da realidade na qual vivia a Igreja há mais de cinquenta anos atrás e que, até hoje, continuam a desafiar a Igreja, exigindo uma renovação urgente da evangelização. Da mesma forma como seu predecessor, o Papa João Paulo II, o Papa Bento XVI (2005-2013) procurou, de diversas formas, dar continuidade à Nova Evangelização. A Nova Evangelização, seguindo o caminho traçado pelo Papa João Paulo II, no sentido de uma evangelização com “novo ardor, novos métodos e novas expressões”, em Bento XVI, se incorpora à organização institucional da Igreja com a criação de um novo Dicastério. Para tal, o Papa Bento XVI instituiu, em junho de 2010, através da Carta Apostólica em forma de Motu Proprio *Ubicumque et Semper*, o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização. A relação entre o pontificado do Papa Francisco, eleito em 13 de março de 2013, e a expressão em estudo, a Nova Evangelização, é estreita, pois, desde o início de seu pontificado, em 2013, ele está dando grande importância em seus pronunciamentos à missão evangelizadora da Igreja nos dias de hoje. O Papa Francisco afirma, de acordo com o Sínodo, que a Nova Evangelização se realiza em três âmbitos: o da pastoral ordinária, o das pessoas batizadas que não vivem as exigências do batismo e o do anúncio do Evangelho para os que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre o recusaram (EG 14). Para tal, ele convida a Igreja a uma transformação missionária, ou seja, que a Igreja torne-se uma verdadeira comunidade evangelizadora, pois “a alegria do Evangelho que enche a vida da comunidade dos discípulos é uma alegria missionária” (EG 21), o que a conduz a uma renovação inadiável (EG 27).

para uma decisão de compromisso radical para com Cristo no exercício do ministério presbiteral<sup>23</sup>.

Toda essa realidade apresentada é uma grande provocação à formação presbiteral hoje, sobretudo, à formação inicial dos futuros presbíteros, tendo em vista que, muitas vezes, os candidatos que chegam ao seminário não apresentam uma sólida base de fé. Assim, como muitos candidatos chegam ao seminário influenciados pela “nova religiosidade”, divulgada sobretudo pelas redes sociais e fomentada pelos novos movimentos e comunidades novas, o que se torna um grande desafio para a formação.

Novas tecnologias aproximam e distanciam, conectam e isolam. Se antes a inteligência artificial parecia algo distante da nossa realidade, agora ela se faz cada vez mais presente alterando nossa rotina e gerando questionamentos sobre o futuro da tecnologia. Vivemos num contexto social polarizado, onde crescem as desinformações e as fake News, especialmente atingindo os membros mais atuantes das comunidades.<sup>24</sup>

Tal realidade, chama atenção para uma nova ênfase de certas dimensões da formação que, até então, não tinha recebido um grande destaque, como a formação humana e pastoral e, aponta para novas necessidades e iniciativas, como a articulação do eixo formativo a partir do ano propedêutico<sup>25</sup>.

Os desafios devem ser enfrentados, pois são empecilhos para formar verdadeiros pastores e homens de Deus, homens com clara identidade de fé e grande abertura ao mundo, animados pela caridade de Cristo Bom Pastor, atentos aos sinais dos tempos e aos clamores de seus irmãos<sup>26</sup>.

A complexa situação atual, rapidamente evocada em traços largos e de modo exemplificativo, necessita de ser conhecida, e sobretudo interpretada. Só assim se poderá responder de modo adequado à questão fundamental: como formar sacerdotes que estejam verdadeiramente à altura destes tempos, capazes de evangelizar o mundo de hoje?<sup>27</sup>

A pergunta fundamental da Exortação Apostólica de João Paulo II sobre a formação dos Sacerdotes continua a ressoar e interpelar a formação dos futuros presbíteros. É necessário conhecer a realidade, não só a partir do levantamento de

---

<sup>23</sup> PDV 9.

<sup>24</sup> BRUSTOLIN, L.A., Desafios da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, p. 2.

<sup>25</sup> PDV 62.

<sup>26</sup> GS 1.

<sup>27</sup> PDV 10.

dados apresentados pelos institutos de pesquisa, mas, sobretudo, a partir da experiência concreta com as questões que afetam a vida sociocultural e eclesial.

Saber olhar a realidade para discernir a luz do Evangelho as alegrias e esperanças do tempo presente<sup>28</sup> sem medo de avançar para águas mais profundas e lançar as redes para outra margem (Lc 5,4). Deste modo, “o discernimento evangélico vê, na situação histórica e nas suas vicissitudes e circunstâncias, não um simples dado a registrar com precisão, mas uma tarefa, um desafio à liberdade responsável”<sup>29</sup>.

Este discernimento evangélico tem seu fundamento na confiança no amor de Jesus, que cuida sempre de sua Igreja. Ao vislumbrar essa realidade com esperança podemos contemplar o desafio evangelizador que a Igreja enfrenta a cada nova etapa da história. Por isso, no tópico seguinte voltamos o nosso olhar para os desafios que interpelam a Igreja no processo de Evangelização.

### **2.1.2.**

#### **O desafio da evangelização**

As rápidas transformações vividas pelo mundo atual e todas as suas consequências são grandes desafios para uma vivência autêntica da fé. Os valores que a sociedade tem como mais importantes hoje nem sempre condizem com os valores anunciados por Jesus como projeto de Deus para seu reino. Estar inseridos nessa realidade faz com que muitos cristãos também vivenciem determinados valores que o mundo contemporâneo apresenta, colocando os valores evangélicos em segundo plano.

Dentro dessa realidade, os discípulos missionários, confiando no Mestre, sabem que o bem tende a comunicar-se<sup>30</sup>, a Igreja, portanto, é encorajada a lançar as redes mais profundamente (Lc 5,4)<sup>31</sup>.

Desde a primeira evangelização até os tempos recentes, a Igreja tem experimentado luzes e sombras. Ela escreveu páginas de nossa história com grande sabedoria e santidade. Sofreu também tempos difíceis, tanto por torturas e perseguições como pelas debilidades, compromissos mundanos e incoerências, que desfiguram a

---

<sup>28</sup> GS 1.

<sup>29</sup> PDV 10.

<sup>30</sup> EG 9.

<sup>31</sup> NMI 1.

novidade do Evangelho, a luminosidade da verdade e a prática da justiça e da caridade.<sup>32</sup>

No tocante ao desafio da Evangelização<sup>33</sup>, mesmo diante de todo esforço da Igreja nas últimas décadas, ainda é incompreensível, para muitos, essa dimensão na vida da Igreja. Evangelizar não se trata da mera transmissão de ideias ou proselitismo, mas trata-se de uma missão da própria natureza da Igreja. Toda a Igreja é missionária, responsável pela missão e chamada a evangelizar<sup>34</sup>. A missão da Igreja tem duplo objetivo: a implantação da Igreja e o serviço ao mundo<sup>35</sup>.

Impulsionada pelo Espírito Santo, na diversidade de carismas e ministérios, a comunidade cristã anuncia a Boa Nova de Jesus de Nazaré, através do serviço, da participação da construção de uma sociedade mais justa e solidária, do diálogo com as culturas e outras religiões, do anúncio do Evangelho e da vivência e do testemunho da comunhão eclesial<sup>36</sup>.

A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária. Experimentam-na os setenta e dois discípulos, que voltam da missão cheios de alegria (cf. *Lc* 10, 17). Vive-a Jesus, que exulta de alegria no Espírito Santo e louva o Pai, porque a sua revelação chega aos pobres e aos pequeninos (cf. *Lc* 10, 21). Sentem-na, cheios de admiração, os primeiros que se convertem no Pentecostes, ao ouvir «cada um na sua própria língua» (*At* 2, 6) a pregação dos Apóstolos. Esta alegria é um sinal de que o Evangelho foi anunciado e está a frutificar. Mas contém sempre a dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além. O Senhor diz: «Vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, a fim de pregar aí, pois foi para isso que Eu vim» (*Mc* 1, 38). Ele, depois de lançar a semente num lugar, não se demora lá a explicar melhor ou a cumprir novos sinais, mas o Espírito leva-O a partir para outras aldeias.<sup>37</sup>

---

<sup>32</sup> DAp 5.

<sup>33</sup> De acordo com a CNBB, a evangelização, como expressão da missão da Igreja, conhece um seu desenvolvimento nos documentos da Igreja no Brasil a partir do Sínodo dos Bispos de 1974 e da Exortação *Evangelii Nuntiandi* (1975) do Papa Paulo VI. A partir daí a evangelização não é mais considerada unicamente como o aspecto inicial da missão, primeiro contato do Evangelho com a culturas, mas como o conjunto da ação que a Igreja realiza para anunciar o Evangelho, viver e celebrar a fé, transformar o mundo e edificar o Reino. O Sínodo dos Bispos de 1971, e depois enfatizado na *Evangelii Nuntiandi*, expressou a conexão existente entre pregação do Evangelho, ação pela justiça e participação na transformação do mundo, entre evangelização e libertação integral do homem. Os caminhos e objetivos da evangelização foram explicitados pela Conferência Episcopal de Puebla com libertação e Comunhão e Participação, em vista do Reino definitivo, onde a dimensão do serviço em vista da realização do plano de Deus vem colocada em destaque (Doc 20, 126-128; EM 17-39; CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, 1979-1982, 8-14).

<sup>34</sup> AG 35; EN 59.

<sup>35</sup> EN 29-37.

<sup>36</sup> CNBB, Doc. 62, 113.

<sup>37</sup> EG 21.

A missão dos presbíteros, assim como de cada cristão, encontra-se na missão da Igreja e tende para o mesmo fim. Existe uma direção comum, na medida que cada um realiza a sua parte na missão de acordo com o dom recebido, bem como o lugar próprio que ocupa na comunidade. A missão de anunciar Jesus Cristo, o seu centro e a sua essência são sempre o mesmo: “o Deus que manifestou o seu amor imenso em Cristo morto e ressuscitado”<sup>38</sup> e que vivo e presente na Igreja, continua comunicando a sua graça de salvação (1Pd 2,9).

Portanto, é missão da Igreja chamar a todos para segui-Lo na fé em comunidade, na esperança e no amor, servindo com humildade e generosidade, para a glória do Pai e a salvação do mundo<sup>39</sup>.

A evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado» (Mt 28, 19-20). Nestes versículos, aparece o momento em que o Ressuscitado envia os seus a pregar o Evangelho em todos os tempos e lugares, para que a fé n’Ele se estenda a todos os cantos da terra<sup>40</sup>.

O Papa Francisco desde o início do seu Pontificado tem apontado para a perspectiva de uma Igreja em saída missionária atenta às novidades do mundo atual para que a luz do Evangelho possa iluminar a realidade em que se anuncia a Boa Nova do Reino.

Não obstante, “com a velocidade das comunicações e a seleção interessada dos conteúdos feita pelos *mass-media*, a mensagem que anunciamos corre mais do que nunca o risco de aparecer mutilada e reduzida a alguns dos seus aspectos secundários”<sup>41</sup>. Anunciar a beleza do Evangelho na era digital onde as pessoas, com facilidade, acedem a orações, missas e formações virtuais é provocador porque questiona a preparação dos agentes de pastorais no momento de evangelizar.

O que o Concílio Vaticano II continua nos pedindo é a capacidade de encontrar novos paradigmas de compreensão do Evangelho e novos paradigmas de comunicação da mensagem cristã. Encontrar que boa notícia podemos oferecer às pessoas que vivem num contexto cultural novo, fortemente marcado pelo digital.<sup>42</sup>

---

<sup>38</sup> EG 11.

<sup>39</sup> EM 23.

<sup>40</sup> EG 19.

<sup>41</sup> EG 34.

<sup>42</sup> MORAES, A. O.; BRAIDO, O., Presença do ministro ordenado nas redes sociais, p. 281.

Diante da perspectiva exposta, assevera Francisco, chamando a atenção para a realidade em “não dar por suposto que os nossos interlocutores conhecem o horizonte completo daquilo que dizemos ou que eles podem relacionar o nosso discurso com o núcleo essencial do Evangelho que lhe confere sentido, beleza e fascínio”<sup>43</sup>.

Por essa razão, a Igreja vê, diante de si, importantes e exigentes desafios, sejam os que dizem respeito às próprias questões intra-eclesiais, sejam ao diálogo com os que creem ou não creem em Deus. Acrescenta-se, a estes fatos, a árdua e urgente missão de evangelizar os batizados, na perspectiva da “nova evangelização”. Discernir os aspectos primários e secundários da missão, saber distinguir entre o próprio e o acessório, é a chave que ajuda os discípulos a concentrar-se no essencial do anúncio<sup>44</sup>, para assim, não esquecer que existe uma ordem interna na doutrina católica<sup>45</sup>.

O protagonismo do laicato no processo de evangelização enriquece a Igreja e fortalece a compreensão e vivência de uma Igreja em perspectiva sinodal de comunhão participação e missão, porém, é aos presbíteros que, em razão do ministério recebido, cabe um papel fundamental no enfrentamento dos desafios atuais ao processo de evangelização, como continuadores da missão de Jesus Cristo e da Igreja no mundo.

O presbítero é então chamado a formar-se para que o seu coração e a sua vida sejam conformados ao Senhor Jesus, de modo a tornar-se um sinal do amor de Deus por cada homem. Unido intimamente a Cristo, ele poderá: anunciar o Evangelho e tornar-se instrumento da misericórdia de Deus; guiar e corrigir; interceder e ter a seu cuidado a vida espiritual dos fiéis que lhe estão confiados; escutar e acolher, correspondendo também às exigências e às questões profundas do nosso tempo<sup>46</sup>.

O futuro presbítero, assim como todos os seguidores de Jesus Cristo, deverá saber diferenciar três palavras fundamentais: anúncio, missão e evangelização, pois toda missão parte do anúncio, no encontro pessoal com o Filho. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo coração humano<sup>47</sup>. Quem faz a experiência com a paixão, morte e ressurreição do Senhor, compreende

---

<sup>43</sup> EG 34.

<sup>44</sup> EG 35.

<sup>45</sup> UR 11.

<sup>46</sup> RFIS 40.

<sup>47</sup> EG 165.



adequadamente o evento salvífico e ruma cada momento da história sabendo que Deus fala em cada nova etapa evangelizadora.

O encontro pessoal e a experiência do anúncio, são as bases para a missão e a evangelização, o impulso que busca relações pessoais e comunitárias e o sustento para construir uma sociedade fraterna e pacífica, que busque não rejeitar ou ignorar os conflitos, senão, suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de um novo processo<sup>48</sup>.

O anúncio nasce do encontro com o Senhor; toda a atividade cristã, especialmente a missão, começa a partir dali. Não se aprende numa academia: não! Começa pelo encontro com o Senhor. Com efeito, testemunhá-lo significa irradiá-lo; mas, se não recebermos a sua luz, extinguir-nos-emos; se não o frequentarmos, anunciar-nos-emos a nós próprios e não a Ele – anuncio-me a mim mesmo, não a Ele - e tudo será vão. Portanto, só a pessoa que andar com Ele poderá anunciar o Evangelho de Jesus. Quem não andar com Ele não pode anunciar o Evangelho<sup>49</sup>.

Desta maneira, só poderá ter a coragem de ser verdadeiros missionários aqueles que se encontrarem com Jesus Cristo. Sem o anúncio, não se pode ser missionário, “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”<sup>50</sup>.

No caminho do discipulado, pode-se afirmar que a missão está intimamente ligada à saída, envio e projeto. Ela tem o seu início no amor misericordioso do Pai e no Seu projeto que é o próprio amor. Esta saída não é, de maneira alguma, feita individualmente. Ela é comunitária, relacional, resulta de um encontro entre seguidores. É a comunidade de discípulos missionários que vai para relacionar-se e que toma a iniciativa.

A missão é inseparável do discipulado, o qual não deve ser entendido como etapa posterior à formação, ainda que esta seja realizada de diversas maneiras de acordo com a própria vocação e com o momento da maturidade humana e cristã em que se encontre a pessoa<sup>51</sup>.

Para tanto, receber o anúncio e viver a missão são o caminho para compreender o significado da evangelização. De acordo com o Papa Francisco “o anúncio não começa por nós, mas pela beleza do que recebemos de graça, sem

---

<sup>48</sup> EG 227.

<sup>49</sup> FRANCISCO, PP., Discurso por ocasião da Audiência geral em 15 de fevereiro de 2023.

<sup>50</sup> DCE 12.

<sup>51</sup> DAp 278e.

mérito: encontrar Jesus, conhecê-lo, descobrir que somos amados e salvos”<sup>52</sup>. Consequentemente quem diferencia este itinerário processual pode realizar uma evangelização cheia de coragem e ardor, enfrentando com ousadia os desafios do mundo contemporâneo. O amor é sempre criativo e supõe uma ousadia missionária<sup>53</sup>. Assim, chegamos a entender que a evangelização consiste no anúncio do Reino de Deus alicerçado no amor.

O discípulo missionário conhece a importância do caráter social do Evangelho e não deve deixar-se conduzir pela tentação de reduzir o discipulado a mero relacionamento pessoal. Sobremaneira, “a Igreja necessita de sacerdotes e consagrados que nunca percam a consciência de serem discípulos em comunhão”<sup>54</sup>. Ir ao encontro dos que se afastaram ou não conhecem a fé é a tarefa primeira da Igreja<sup>55</sup>.

O grande desafio para essa nova etapa evangelizadora da história humana está em assumir verdadeiramente a proposta do Evangelho do Reino de Deus que, trata-se de amar a Deus, que reina no mundo e ao próximo, que vive no mundo. À medida que Deus conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos<sup>56</sup>.

O anúncio do Evangelho no mundo atual deve ser entendido em chave de reproposição da mensagem cristã, colocando, novamente, de maneira criativa, nas questões do nosso tempo. Isto não significa promover uma campanha de reconquista de posições passadas ou de uma revitalização de modelos historicamente superados. Mas trata-se de propor a fé no hoje para a construção do amanhã, e de ser, mediante a renovação da vida cristã (e de suas expressões institucionais), fermento para a renovação da humanidade. Evangelizar hoje é, portanto, apresentar a resposta cristã a uma nova situação.<sup>57</sup>

Nessa perspectiva, os futuros presbíteros deverão ser formados para serem discípulos missionários de Jesus, com verdadeiro espírito missionário de quem “vive o constante desejo de buscar os afastados”<sup>58</sup>, cada vez mais atentos às necessidades do ser humano, pois a missão requer presbíteros capazes de fazer esse

---

<sup>52</sup> FRANCISCO, PP., Audiência geral, 15 de fevereiro de 2023.

<sup>53</sup> EG 259.

<sup>54</sup> DAp 324.

<sup>55</sup> RM 34.

<sup>56</sup> EG 180.

<sup>57</sup> MORAES, A. O., O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à Evangelii Gaudium. In. AMADO, J.; FERNANDES, L. (org.). Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais, p. 45.

<sup>58</sup> EG 180.

movimento de saída em busca daqueles que estão distantes da fé, ou mesmo que não fizeram uma profunda experiência pessoal com Jesus Cristo.

### 2.1.3.

#### **Desafios da prática pastoral no ministério presbiteral**

Pensar sobre a missão confiada aos presbíteros nos coloca diante de grandes desafios e exigências. A própria natureza do ministério presbiteral e de suas atribuições é responsável pela grande exigência de atividades que se espera da missão do presbítero.

Desta feita, para não estabelecermos uma reflexão superficial sobre a missão do presbítero e reduzirmos sua prática pastoral ao mero funcionalismo, faz-se necessário destacar o desafio que se apresenta em relação à identidade teológica do ministério presbiteral.

A formação pastoral tem por objetivo formar verdadeiros pastores em condições de comungar da caridade pastoral de Cristo e de manifestar no exercício do ministério da palavra, do culto e da santificação como obra de salvação e serviço ao povo de Deus. Destarte, todas as dimensões da formação presbiteral visam a ação pastoral.

Mas o estudo e a actividade pastoral remetem para uma fonte interior que a formação terá o cuidado de defender e valorizar: é a *comunhão cada vez mais profunda com a caridade pastoral de Jesus*, a qual, como constituiu o princípio e a força do seu agir salvífico, assim, graças à efusão do Espírito Santo no sacramento da Ordem, deve constituir o princípio e a força do ministério do presbítero. Trata-se efectivamente de uma formação destinada não apenas a assegurar uma competência pastoral científica e uma habilitação operativa, mas sobretudo a garantir o crescimento de *um modo de ser* em comunhão com os mesmos sentimentos e comportamentos de Cristo, Bom Pastor: "Tende entre vós os mesmos sentimentos que existiram em Jesus Cristo" (*Fil 2, 5*).<sup>59</sup>

O que se pode perceber é que a formação pastoral não é aprendizagem de qualquer técnica, mas uma iniciação à sensibilidade missionária e de pastor, o que tornará o seminarista muito mais estimulado para as diversas atividades da Igreja<sup>60</sup>. O grande risco é transformar a formação pastoral em algo funcional, tornando-a unicamente pragmática.

---

<sup>59</sup> PDV 57.

<sup>60</sup> PDV 58.

Toda ação pastoral é, portanto, compreensível à luz da missão de Cristo que a Igreja continua em nosso mundo e em nossa história. Esta continuidade da missão ocorre dentro de uma tensão dialética entre Cristo e a Igreja, possibilitada pelo Espírito da Páscoa de Jesus. Graças a ele, os laços entre Cristo e a Igreja são grandes nas estruturas da unidade da missão; mas é também o Espírito que garante uma distinção de mistérios em que as relações só podem ser entendidas por analogia. Isso significa que há sempre uma distância entre a Igreja e Cristo, que se torna um apelo contínuo à fidelidade e um desejo de conversão. Ao adotar esta postura de comportamento, a Igreja de Jesus atualizará gradativamente a ação pastoral de seu Senhor e tornará presente ao mundo a eficácia salvífica de sua obra. Cristo, pelo seu Espírito, continua a atuar na ação pastoral da sua Igreja.<sup>61</sup>

Somente com a renovação da formação presbiteral, com uma nova dinamização da pastoral vocacional, segundo a nova realidade dos jovens, formando presbíteros conscientes da missão da Igreja no mundo de hoje, servidores de Jesus de Nazaré e dos homens, convictos e fervorosos ministros da comunhão e ardor missionário, a Igreja poderá enfrentar bem as dificuldades e desafio que a história apresenta.

Hoje, de uma forma particular, a prioritária tarefa pastoral da nova evangelização, que diz respeito a todo o Povo de Deus e postula um novo ardor, novos métodos e uma nova expressão para o anúncio e o testemunho do Evangelho, exige sacerdotes, radical e integralmente imersos no mistério de Cristo, e capazes de realizar um novo estilo de vida pastoral, marcado por uma profunda comunhão com o Papa, os Bispos e entre si próprios, e por uma fecunda colaboração com os leigos, no respeito e na promoção dos diversos papéis, carismas e ministérios no interior da comunidade eclesial.<sup>62</sup>

A exortação já apontava para a necessidade de presbíteros missionários e agentes, não protagonistas, da “nova evangelização”, e de certo modo, já apontava para a dimensão sinodal no exercício do ministério presbiteral com um novo estilo de pastoral que envolva toda a Igreja, tendo em vista que a mudança eclesial não envolve apenas os presbíteros.

No espírito sinodal da missão, diante das exigências da realidade, faz-se mister uma mudança de mentalidade e uma ação pastoral conjunta, que esteja aberta às novas técnicas e novas possibilidades para o exercício do ministério presbiteral, com a difusão de uma nova cultura digital, assim como as novas aberturas de campos de evangelização, sobretudo, no mundo digital e na sociedade de consumo,

---

<sup>61</sup> RAMOS J. A., Teologia Pastoral. In: Lima, E. R., Ser presbítero católico, p. 47.

<sup>62</sup> PDV 18.

onde a crise ecológica planetária se consolida e a sociedade passa por uma profunda crise civilizacional<sup>63</sup>.

É, portanto, nessa sociedade que o evangelho deve ser anunciado com alegria e ousadia e que o Verbo de Deus deseja fazer morada. A feliz proclamação da Igreja: “O Senhor esteja convosco!” em que o povo responde: “Ele está no meio de nós!”, deve ressoar hoje como a grande proclamação de fé de uma Igreja que compreende a sua missão no mundo de hoje. A prática pastoral dos novos presbíteros exigirá novos meios para uma ação evangelizadora mais eficaz, porém sem nunca perder o olhar e a sensibilidade para com os mais pobres, promovendo a dignidade da pessoa e os direitos humanos<sup>64</sup>.

No entanto, alguns desafios permanecem na prática pastoral dos presbíteros e que continuam a interpelar a formação presbiteral. Tais desafios são de caráter mais estrutural, como: as instâncias eclesiais com pouco envolvimento missionário, a extensão territorial da paróquia, que dificulta para um adequado acompanhamento pastoral, a realidade das paróquias mais pobres, bem como a falta e distribuição de presbíteros<sup>65</sup>.

A realidade da cultura urbana e digital, com seus “novos areópagos e centros de decisão”<sup>66</sup> trazem para a ação pastoral da Igreja uma série de desafios, sobretudo para a ação evangelizadora. A Igreja e sua ação devem ser tais que possam vir a ser

---

<sup>63</sup> “A crise da modernidade afeta diretamente a Igreja, pois nela está também implicado o Concílio Vaticano II, dado que, entre outros, significou a reconciliação da Igreja com o mundo moderno, depois de cinco séculos de oposição e de sua excomunhão em bloco. O que representa a modernidade para a humanidade, o Vaticano II significa para a Igreja. E da mesma forma que a modernidade está em crise, também a recepção da renovação do Vaticano II atravessa uma profunda crise. Para muitos segmentos eclesiais, o Concílio Vaticano II foi um grande equívoco, um momento de ingênuo otimismo eclesial, comparado ao agitado ‘Maio de 68’, de encantamento com a modernidade, quando ela já estava em crise. Para grupos tradicionalistas, compostos não só por seguidores de G.M. Lefebvre, mas também por segmentos mais conservadores, é preciso anular o Vaticano II, pois ele destruiu a Igreja. Quando nos remetemos à tradição eclesial libertadora, tecida em torno à ‘recepção criativa’ (J. Sobrino) do Vaticano II, a oposição destes segmentos, somados àqueles ligados ao pentecostalismo católico, é ainda maior. Mesmo que a tradição libertadora seja um desdobramento do Concílio Vaticano II, tomado como ‘ponto de partida’ tal como recomendou o Papa Paulo VI ao encerrar o evento, há a tendência a confundi-la com marxismo ou de acusá-la de politização da fé ou de uma ideologia secularizante. Mártires das causas sociais como Dom Oscar Romero, o primeiro deles a ser canonizado, ou figuras como Dom Hélder Câmara, Mendez Arceo, Samuel Ruiz, Leonidas Proaño, Enrique Angelelli, Dom Paulo Evaristo Arns, Pedro Casaldáliga e tantos outros, têm sido qualificados de ‘bispos vermelhos’. Posturas estas, ainda mais explícitas, na oposição aberta ao Papa Francisco, um pontificado que está fazendo nada mais do que resgatar o Vaticano II e a tradição eclesial libertadora da Igreja na América Latina, de onde ele é originário.” (BRIGHENTI, Agenor (Org.). O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil, p. 20).

<sup>64</sup> PDV 9.

<sup>65</sup> CNBB, Doc. 110, 14.

<sup>66</sup> DAp 491-500.

escolhidas entre inúmeras alternativas. E a formação dos futuros presbíteros deve ser tal que leve em conta estas novas realidades.

A conversão pastoral requer atitude constante de saída, favorecendo a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade e a passagem de uma pastoral de “mera conservação para uma pastoral decididamente missionária”. Ela deve estimular e inspirar atitudes e iniciativas de autoavaliação das estruturas eclesiais, dentre as quais, as formativas, pois “falta espírito missionário em membros do clero, inclusive em sua formação”.<sup>67</sup>

Somos reiteradamente convocados a uma nova ação evangelizadora da Igreja, e de portas abertas ao mundo, às periferias e de maneira sinodal, em um caminhar juntos. O tempo, como um kairós, nos interpela e nos convida a algo novo, a uma nova missão.

Para Francisco, este é um tempo em que a Igreja deve ter uma postura em que ela “não se alheie da vida, mas cuide das fragilidades e pobreza do nosso tempo, curando as feridas e sarando os corações dilacerados com o bálsamo de Deus”<sup>68</sup>.

Na perspectiva de impulsionar toda a Igreja a viver este novo tempo, Francisco enfatiza: “Não esqueçamos o estilo de Deus que nos deve ajudar: proximidade, compaixão e ternura”<sup>69</sup>. Eis aqui o foco da missão da Igreja e que deverá impulsionar a vida e a missão dos futuros presbíteros: ser uma Igreja em saída e sinodal.

Na formação dos futuros presbíteros a compreensão de uma Igreja em saída missionária torna-se fundamental, sobretudo para combater as forças que destroem a vida em sua dignidade mais profunda de filhos e filhas de Deus. Bem como, para assumir a missão de construtores e anunciadores do Reino e da Boa Nova, a exemplo de Cristo, que por meio do Mistério da Encarnação se fez homem e habitou entre os homens, vivendo em uma realidade concreta, com todos os seus desafios, dissabores e alegrias.

Assim como Cristo, o futuro presbítero deve se comprometer com os mais frágeis desta sociedade, com homens e mulheres que não são notícias, que não são vistos e nem lembrados. Destarte, formar os futuros pastores para uma Igreja Sinodal requer um projeto formativo que inclua a valorização de todas as vocações

---

<sup>67</sup> CNBB, Doc. 110, 19.

<sup>68</sup> FRANCISCO, PP., Discurso por ocasião do momento de reflexão para o início do percurso sinodal de 2021.

<sup>69</sup> FRANCISCO, PP., Discurso por ocasião do momento de reflexão para o início do percurso sinodal de 2021.

eclesiais, pois “o presbítero, de fato, é chamado a ser o animador da diversidade dos carismas no interior da Igreja”<sup>70</sup>.

## 2.2.

### A formação presbiteral em mudança de época

A dinâmica do processo da formação presbiteral inicial e permanente, configura-se a partir da própria natureza do Sacramento da Ordem, atento à realidade na qual estão inseridos os presbíteros e dos que são chamados ao ministério ordenado, no intuito de garantir que a formação presbiteral “corresponda às necessidades pastorais daquelas regiões nas quais o ministério será exercido”<sup>71</sup>.

Nesse sentido, torna-se fundamental conhecer bem a realidade, para que, ao longo do processo formativo sejam assumidos e transformados, à luz do Evangelho, o contexto de profundas transformações no qual a sociedade está inserida<sup>72</sup>.

A realidade atual exige de nós maior atenção aos projetos de formação dos Seminários, pois os jovens são vítimas da influência negativa da cultura pós-moderna, especialmente dos meios de comunicação, trazendo consigo a fragmentação da personalidade, a incapacidade de assumir compromisso definitivos, a ausência de maturidade humana, o enfraquecimento da identidade espiritual, entre outros, que dificultam o processo de formação de autênticos discípulos e missionários.<sup>73</sup>

O grande desafio que se apresenta ao seminário de hoje é a missão de formar novos presbíteros capazes de dialogar com a realidade plural e atuar pastoralmente no meio do povo, valorizando os leigos e leigas em seus diversos carismas, serviços e ministérios.

Para tanto, é necessário que os candidatos ao presbiterato estejam abertos a uma profunda experiência de conversão pastoral, sobretudo, pelo fato de que o perfil do candidato que ingressa no seminário está cercado da influência dos desafios da sociedade contemporânea, como já apontava o Documento de

---

<sup>70</sup> RFIS 150.

<sup>71</sup> OT 1.

<sup>72</sup> Quatro documentos podem ser considerados como indispensáveis para expressar essa realidade. O primeiro é Novo Millennio Ineunte; o Documento de Aparecida, que, em seu número 34, manifesta com clareza o fato de estarmos vivendo uma mudança de época, uma verdadeira mudança de era, expressão que acena a radicalidade das transformações do mundo; a Carta Apostólica Porta Fidei; e a Exortação Apostólica Evangelii Gaudium.

<sup>73</sup> DAp 318.

Aparecida em 2007, o mesmo que aponta a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* em 2016 e as diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja do Brasil em 2019. Para o teólogo José Comblin,

A formação consiste nisso, que o seminarista vai se identificando, consciente e pessoalmente, com sua vocação, com a missão que lhe veio de Jesus Cristo; que o seminarista vai se identificando com um modelo de sacerdote não ideal, abstrato, teórico, mas concretamente existente na Igreja de hoje. Por conseguinte, o verdadeiro formador ou educador é o próprio seminarista, o que não quer dizer, muito pelo contrário, que ele é quem deve fazer o programa de formação.<sup>74</sup>

A formação se realiza no contexto histórico, que sofre constantemente profundas mudanças, assim como a história se transforma, o ser humano também se transforma com ela. Destarte, “o ideal da formação deveria centrar-se em fornecer elementos que suportassem a formação da identidade livre de adultos capazes de exercer o seguimento de Jesus, dialogando com as questões do tempo presente”<sup>75</sup>.

No segundo capítulo do Documento de Aparecida, ao falar de “um olhar dos discípulos missionários sobre a realidade”, afirma-se categoricamente: “vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural”<sup>76</sup>. Isso significa dizer que, estamos saindo de um modelo ou sistema de sociedade e entrando em outro, ou seja, um modelo ou sistema está passando e outro vem chegando. Assim, estamos no tempo da passagem de um para outro.

De fato, já não estamos em época de mudanças acidentais ou graduais dentro do mesmo modelo ou sistema social, mas, sim, de mudanças substanciais e essenciais, que caracterizam outro modelo ou outro sistema de sociedade.

Sucedem não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando esta como um pressuposto óbvio da sua vida diária. Ora, um tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado. Enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, amplamente compartilhado no seu apelo aos conteúdos da fé e aos valores por ela inspirados, hoje parece que já não é assim em grandes setores da sociedade devido a uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas.<sup>77</sup>

<sup>74</sup> COMBLIN, J., Algumas reflexões sobre a formação sacerdotal hoje, p. 323.

<sup>75</sup> SOUZA, A. R., A Formação presbiteral em questão. In. BRIGHENTI, A., O novo rosto do catolicismo brasileiro, p. 267-268.

<sup>76</sup> DAp 44.

<sup>77</sup> PF 2.



Tal virada cultural “exige de todos a coragem de assumir um novo estilo de vida que se exprime colocando o primado do ser sobre o ter, da pessoa sobre as coisas”<sup>78</sup>, mais ainda “a passagem da indiferença ao interesse pelo outro: Os outros não são concorrentes de quem temos de nos defender, mas irmãos e irmãs de quem devemos ser solidários”<sup>79</sup>.

Tal proposta foi renovada, em *Novo Milênio Ineunte*, onde indica a santidade de vida, como a primeira prioridade pastoral no início do novo milênio: “Não hesito em dizer que o horizonte para que deve tender todo o dinamismo pastoral é a santidade”<sup>80</sup>. Não obstante, o Papa João Paulo II, conclama a um novo impulso: “é hora de propor de novo a todos, com convicção, essa ‘medida alta’ da vida cristã ordinária: toda a vida da comunidade eclesial e das famílias cristãs deve apontar nessa direção”<sup>81</sup>.

Diante da abordagem dos desafios da formação presbiteral no contexto de mudança de época, emerge a necessidade de repensar sobre a “identidade teológica do ministério presbiteral, sua inserção na cultura atual e as situações que incidem em sua existência”<sup>82</sup>. Na atual configuração social, são muitas as situações que afetam e desafiam a vida e o ministério dos presbíteros.

Destacamos em nossa pesquisa o secularismo, que pode levar a um esvaziamento do sentido sobrenatural do exercício ministerial do presbítero no mundo. Com relação ao Desafio da secularização, o Papa Francisco, assevera:

Para nós cristãos, não deve ser o da menor relevância social da Igreja ou da perda de riquezas materiais e privilégios; antes, aquela pede-nos para refletir sobre as mudanças da sociedade, que influíram sobre o modo como as pessoas pensam e organizam a vida. Se nos debruçarmos sobre este aspecto, damo-nos conta de não ser a fé que está em crise, mas certas formas e modos com que a anunciamos.<sup>83</sup>

Ao se referir sobre o desafio da secularização, o Papa Francisco, recorrendo a Charles Taylor, filósofo canadense e referência mundial nas reflexões sobre a secularização, afirma: “a secularização é um desafio para a nossa imaginação

---

<sup>78</sup> EV 98.

<sup>79</sup> EV 96.

<sup>80</sup> NMI 30.

<sup>81</sup> NMI 30.

<sup>82</sup> DAp 192.

<sup>83</sup> FRANCISCO, PP., Discurso por ocasião da celebração das Vésperas com bispos, padres, consagrados, seminaristas e agentes de pastoral na Catedral Notre Dame de Québec em Julho de 2022.

pastoral, é a ocasião para a recomposição da vida espiritual em novas formas e para novas maneiras de existir”<sup>84</sup>.

Para Francisco, o olhar negativo sobre a secularização, nasce com frequência duma fé que, “sentindo-se atacada, considera-se como uma espécie de “armadura” para se defender do mundo. Com amargura, acusa a realidade dizendo: O mundo é mau, reina o pecado, e assim corre o risco de se revestir dum ‘espírito de cruzada’”<sup>85</sup>.

A concepção de uma vivência religiosa desconectada da realidade e em oposição ao mundo<sup>86</sup> está cada vez mais crescente nos discursos e pregações de grupos e movimentos católicos, bem como de alguns presbíteros, que exercem grande influência na “formação” de grande parte dos jovens, que se denominam como conservadores da doutrina católica.

Haja vista, boa parte dessa pregação assume proporções gigantescas, pois são disseminados pelas redes sociais<sup>87</sup>. Muitos dos jovens que ingressam no seminário são seguidores fiéis de alguns padres, que desqualificam a formação da Igreja e até chegam a ensinar os seminaristas a se camuflarem durante o período formativo para que não se deixem formar por uma perspectiva integrativa fé-vida<sup>88</sup>.

Temos visto exemplos disso na atualidade, como quando o Papa Francisco se viu obrigado a intervir na questão das missas em latim (FRANCISCO 2021b) porque defensores desse comportamento aproveitavam-se dele para negar o magistério e o Concílio Vaticano II, em clara oposição de ruptura institucional. A recente Campanha da Fraternidade, realizada de forma ecumênica, recebeu não apenas crítica, mas aberto combate vindo de setores tradicionalistas que ameaçavam até

---

<sup>84</sup> FRANCISCO, PP., Discurso por ocasião da celebração das Vésperas com bispos, padres, consagrados, seminaristas e agentes de pastoral na Catedral Notre Dame de Québec em Julho de 2022.

<sup>85</sup> FRANCISCO, PP., Discurso por ocasião da celebração das Vésperas com bispos, padres, consagrados, seminaristas e agentes de pastoral na Catedral Notre Dame de Québec em Julho de 2022.

<sup>86</sup> “Tudo o que é humano está marcado pela positividade e negatividade, pela acolhida e pela recusa às interpelações do Espírito, que se manifestam nos acontecimentos. O grande desafio é identificar estes “sinais dos tempos”, em meio à ambiguidade da história. Sem o devido discernimento e abertura ao novo, facilmente se pode satanizar a obra de Deus, que nos chega muitas vezes na contramão, onde e quando jamais se esperava. Como advertiu o Papa João XXIII na convocação do Concílio Vaticano II: “Em nosso tempo, abundam profetas de calamidades, para os quais não há nada de bom no mundo de hoje; no fundo, eles não aceitam a história; eles não assumem a radical ambiguidade da história” (BRIGHENTI, A., O novo rosto do clero, p. 110 -111).

<sup>87</sup> “A nova perspectiva de presbíteros, por suas práticas pastorais e comportamentos pessoais, ao se vincularem ao recente deslocamento do profético para o terapêutico e do ético para o estético na esfera da experiência religiosa, tem provocado tensões e entraves nos processos pastorais em curso, tanto nas dioceses entre os presbíteros como nas paróquias onde atuam frente a religiosas, leigos e leigas” (BRIGHENTI, A., O novo rosto do clero, p. 17).

<sup>88</sup> Sobre esta afirmação segue o link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=cTdDYf9TaFE>.

mesmo a integridade dos agentes eclesiais. A pandemia, que obrigou os templos a fecharem suas portas, foi ocasião para o reaparecimento de grupos tradicionalistas que exigiam seu direito à eucaristia, com campanhas abertas contra os bispos e as organizações diocesanas. As redes sociais estão repletas de comportamentos beligerantes e cismáticos, com testemunhos de violência que não promovem a comunhão e, por isso, não são propriamente cristãos.<sup>89</sup>

Consequentemente, é possível constatar um grande embate de concepções e discursos ideológicos que provocam cada vez mais um distanciamento entre as pessoas e a Igreja, e não só a Igreja, mas uma profunda aversão a toda forma de religião, prova disso são as últimas pesquisas relacionadas ao Censo divulgado pelo IBGE, que nos chama a atenção não a diminuição de católicos, mas o número de jovens que já se declaram sem religião<sup>90</sup>.

O desafio de dialogar e reconhecer os valores e limites presentes na sociedade permanece, e de certo modo, vai tomando parte da formação do clero e legitimando certos discursos religiosos que mais afastam do que aproximam de Deus. Há um grande problema eclesiológico, fruto de uma visão tridentina distorcida, a ser levado em consideração.

Compete-nos a nós, como Igreja e sobretudo como pastores do Povo de Deus, como consagradas e consagrados, como seminaristas e como agentes pastorais, saber fazer estas distinções, discernir. Se cedermos ao olhar negativo e julgarmos de forma superficial, arriscamo-nos a fazer passar uma mensagem errada, como se, por trás da crítica da secularização, houvesse da nossa parte a nostalgia dum mundo sacralizado, duma sociedade doutros tempos onde a Igreja e os seus ministros tinham mais poder e relevância social. E esta é uma perspectiva errada.<sup>91</sup>

As diretrizes gerais para a formação dos presbíteros da Igreja do Brasil, afirma que, “vive-se uma mudança de época que afeta paradigmas estabelecidos e valores

---

<sup>89</sup> MANZATTO, A., Modelos de Igreja a partir do perfil dos “padres novos”. In. BRIGHENTI, A., O novo rosto do catolicismo brasileiro, p. 203.

<sup>90</sup> As primeiras pesquisas Datafolha de 2022, por exemplo, mostram que, em nível nacional, 49% dos entrevistados se dizem católicos, 26% evangélicos e 14% sem religião — já acima dos 8% sem religião identificados no último Censo. Entre os jovens de 16 a 24, o percentual dos sem religião chega a 25% em âmbito nacional. Nas pesquisas Datafolha para Rio de Janeiro e São Paulo, o crescimento dos brasileiros que se dizem “sem religião” é ainda mais marcante, particularmente entre os jovens. Em São Paulo, os jovens de 16 a 24 anos que se dizem sem religião chegam a 30% dos entrevistados, superando evangélicos (27%), católicos (24%) e outras religiões (19%). No Rio, os sem religião nessa faixa etária chegam a 34%, também acima de evangélicos (32%), católicos (17%) e demais religiões (17%). (CARRANÇA, T., Jovens 'sem religião' superam católicos e evangélicos em SP e Rio. In. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257>).

<sup>91</sup> FRANCISCO, PP., Discurso por ocasião da celebração das Vésperas com bispos, padres, consagrados, seminaristas e agentes de pastoral na Catedral Notre Dame de Québec em Julho de 2022.

culturais e morais. Essa mudança de época clama por pessoas integradas, capazes de ler e interpretar os ‘sinais dos tempos’, no horizonte da fé”<sup>92</sup>.

Considerando os candidatos acolhidos no seminário para o processo de formação, bem como, as possibilidades e riscos oferecidos pela cultura contemporânea, na qual estão profundamente inseridos, há de se considerar os cenários que se apresentam como complexos, mas que podem favorecer uma maior integração dos candidatos ao ministério ordenado. Francisco em audiência com os seminaristas das dioceses de Calábria recorda a importância do tempo de seminário para a formação de verdadeiros pastores:

O seminário é o tempo de ser verdadeiros com nós mesmos, deixando cair as máscaras, artimanhas e aparências. Neste processo de discernimento, deixem que o Senhor trabalhe em vocês, que os fará pastores segundo o seu próprio coração porque o contrário é usar máscara, maquiagem, aparecer é coisa de funcionários, não de pastores do povo, mas de clérigos de Estado.<sup>93</sup>

Para Francisco o seminário é o lugar para amadurecer as decisões pastorais que se deverá tomar em vista da missão, mas para que isso aconteça é necessário compreender que não se forma presbíteros para agirem de forma isolada no processo de evangelização, o presbítero não é um “pastor solitário”<sup>94</sup>.

Este discernimento é mais necessário hoje do que nunca, porque no tempo em que um certo cristianismo do passado se desvaneceu, abriu-se diante de nós um novo tempo eclesial, que exigiu e ainda exige uma reflexão também sobre a figura e o ministério do sacerdote. Não podemos mais pensá-lo como um pastor solitário, fechado no recinto paroquial; é preciso unir forças e partilhar ideias, para enfrentar alguns desafios pastorais que já são transversais a todas as Igrejas diocesanas de uma Região. Penso na evangelização dos jovens, nos percursos de iniciação cristã, na piedade popular, que necessita de escolhas unitárias inspiradas no Evangelho. Penso também nas exigências da caridade e na promoção da cultura da legalidade.<sup>95</sup>

Desse modo, deve-se buscar formar sacerdotes que, “vindos de seus próprios contextos, saibam cultivar uma visão comum do território e tenham uma formação humana, espiritual e teológica unitária”<sup>96</sup>. A formação dos futuros presbíteros deve

---

<sup>92</sup> CNBB, Doc. 110, 9.

<sup>93</sup> FRANCISCO, PP., Discurso por ocasião da audiência com os seminaristas das Dioceses da Calábria em Março de 2023.

<sup>94</sup> FRANCISCO, PP., Discurso por ocasião da audiência com os seminaristas das Dioceses da Calábria em Março de 2023.

<sup>95</sup> FRANCISCO, PP., Discurso por ocasião da audiência com os seminaristas das Dioceses da Calábria em Março de 2023.

<sup>96</sup> FRANCISCO, PP., Discurso por ocasião da audiência com os seminaristas das Dioceses da Calábria em Março de 2023.

ser “única, integral, comunitária e missionária”<sup>97</sup>, sobretudo, para que no exercício do futuro ministério, o presbítero de amanhã, saiba conjugar com a sua vida o verbo evangelizar.

As diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, elencam alguns desafios que se apresentam como riscos e possibilidades para uma formação integrativa, que seja capaz de conjugar o convívio humano dentro de uma perspectiva evangélica e sua compreensão como dom, tarefa e missão dos futuros presbíteros frente a cultura contemporânea: a subjetividade pós-moderna, a compreensão do tempo e suas relações, a comunicação, a economia, o poder, o comportamento, a religiosidade, a relação com o próximo e a natureza<sup>98</sup>.

Os bispos do Brasil destacam a repercussão de tais desafios na formação presbiteral e apontam para a necessidade de uma “resposta pessoal dentro de um processo que se inicia com o conhecimento do dom recebido e amadurece gradualmente ao longo do itinerário formativo”<sup>99</sup>, cuja finalidade é a configuração a uma “forma estável de vida, com um conjunto de deveres e diretos, e uma missão específica”<sup>100</sup>. Diante dos desafios evidenciados, os bispos do Brasil, asseveram:

Urge evitar alguns perigos, entre os quais se destacam, por um lado, o mundanismo, o relaxamento na disciplina e os abusos na liturgia, por outro lado, as práticas fundamentalistas, marcadas pela rigidez e busca de segurança em um estilo de vida próprio do passado, bem como as atitudes individualistas, marcadas pelo relativismo ético, pela indiferença religiosa e pela busca de exterioridades, privilégios e status. Essas posturas revelam como as mudanças afetam a todos, ainda que de modos diferentes.<sup>101</sup>

### **2.3. A Pastoral Vocacional no contexto atual**

Frente às exigências apontadas para a formação dos futuros presbitérios, faz-se necessário um olhar para as questões que interpelam a pastoral vocacional no contexto atual. Falar de vocação para as novas gerações é um grande desafio para as famílias, para a Igreja e a própria sociedade.

---

<sup>97</sup> RFIS 3.

<sup>98</sup> CNBB, Doc. 110, 10.

<sup>99</sup> CNBB, Doc. 110, 11.

<sup>100</sup> RFIS 34.

<sup>101</sup> CNBB, Doc. 110, 12.

O Papa Francisco, recorda-nos, que falar de pastoral vocacional significa afirmar que “toda a ação pastoral da Igreja está orientada, por sua natureza, para o discernimento vocacional, tendo ela como objetivo último ajudar o crente a descobrir o caminho concreto para realizar o projeto de vida ao qual Deus o chama”<sup>102</sup>.

Na Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*, Francisco apresenta um pequeno testemunho sobre o desafio de falar aos jovens sobre a vocação presbiteral:

Algumas vezes fiz esta proposta a jovens que me responderam quase em tom de zombaria: «Não! Verdadeiramente não me sinto inclinado para esse lado». E todavia, anos depois, alguns deles estavam no Seminário. O Senhor não pode falhar na sua promessa de não deixar a Igreja privada dos pastores, sem os quais não poderia viver nem desempenhar a sua missão. E, se alguns sacerdotes não dão bom testemunho, não é por isso que o Senhor deixará de os chamar. Pelo contrário, redobra a aposta, porque não cessa de cuidar da sua amada Igreja.<sup>103</sup>

No tocante a vocação presbiteral, o desafio está em despertar para a beleza do ministério aos jovens de hoje. Para isso, é fundamental que seja transmitida uma mensagem desafiadora e atraente, cativante, um ministério exigente, mas alegre e bonito, cheio de alegrias e realizações humanas e espirituais.

Para Bento XVI é preciso falar ao coração dos jovens, tendo em vista que são chamados a transcender as meras realidades humanas que o mundo apresenta. Os jovens gostam e esperam que os presbíteros sejam testemunha da beleza que é a vocação<sup>104</sup>. Nesse sentido, João Paulo II, na carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, asseverou:

É necessário e urgente estruturar uma vasta e capilar *pastoral das vocações*, que envolva as paróquias, os centros educativos, as famílias, suscitando uma reflexão mais atenta sobre os valores essenciais da vida, cuja síntese decisiva está na resposta que cada um é convidado a dar ao chamamento de Deus, especialmente quando esta pede a total doação de si mesmo e das próprias forças à causa do Reino.<sup>105</sup>

Diante da atual configuração da pastoral vocacional, sobretudo no Brasil, é possível identificar alguns desafios que permanecem e que devem ser levados em consideração na animação vocacional para o ministério presbiteral.

---

<sup>102</sup> FRANCISCO, PP., Mensagem aos participantes do congresso sobre o tema: pastoral vocacional e vida consagrada: horizontes e esperanças em dezembro de 2017.

<sup>103</sup> CV 275.

<sup>104</sup> BENTO XVI, PP., Discurso por ocasião do encontro com os jovens no Brasil em Maio de 2007.

<sup>105</sup> NMI 46.

Dentre alguns destes desafios, destacamos: a apatia em relação à Pastoral vocacional, o contratestemunho de alguns presbíteros e a polarização e divisões internas<sup>106</sup>, concorrência em alguns lugares entre as dioceses e as congregações religiosas, a integração da pastoral vocacional com a pastoral de conjunto, isolamento das atividades da pastoral vocacional em nível das atividades dos seminários, o processo seletivo dos candidatos, o processo de capacitação dos próprios formadores, maior continuidade no processo formativo, modelos formativos sempre mais adaptados à realidade da Igreja onde os novos presbíteros irão exercer seu ministério, processo formativo mais integrado aos desafios pastorais da Igreja<sup>107</sup>.

Para tal fim, queremos destacar o desafio enfrentado pela pastoral vocacional no tocante ao diálogo com os jovens, tendo em vista que o contexto atual é de uma cultura altamente relativista e subjetiva, na qual a tendência da juventude é enveredar-se pela mentalidade “líquida”<sup>108</sup> e superficial.

Os jovens, por sua vez, estão cada vez mais com dificuldade de assumir compromissos duradouros, que exigem uma tomada de decisão radical e corajosa<sup>109</sup>. Logo, falar de vocação nessas circunstâncias socioculturais e religiosas é desafiante, mas também se torna uma possibilidade que se abre para escutar os apelos dos jovens, que se mostram desejosos e disponíveis para enfrentar as realidades que lhe são impostas.

Os jovens são chamados continuamente a realizar opções que norteiam a sua existência; exprimem o desejo de serem ouvidos, reconhecidos, acompanhados. Muitos sentem por experiência que a sua voz não é considerada interessante nem útil no âmbito social e eclesial. Em vários contextos, verifica-se pouca atenção ao seu clamor, de maneira particular ao daqueles que são mais pobres e explorados, e à falta de adultos disponíveis e capazes de ouvir.<sup>110</sup>

O Sínodo dos Bispos sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional, aponta para a necessidade da Igreja em escutar os jovens a partir de suas realidades

---

<sup>106</sup> CNBB, DOC. 55, 149-150.

<sup>107</sup> CNBB, DOC. 110, 79-100.

<sup>108</sup> A atualidade é conceituada por Zygmunt Bauman como “modernidade líquida”, pela incapacidade de manter a forma. As relações, instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar. Nesse contexto, as vidas humanas são transformadas em objetos de consumo. O ser humano deixa de ser sujeito e passa a ser objeto na relação de compra e venda (BAUMAN, Z., *Modernidade líquida*, p.170).

<sup>109</sup> CV 264.

<sup>110</sup> SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 7.

humano-existenciais, considerando aquilo que mais interpela a juventude em sua forma de se expressar na pluralidade.

Como afirma o documento final do Sínodo, “existe uma pluralidade de mundos juvenis, a tal ponto que, em determinados países, se tende a recorrer ao termo “juventude” no plural”<sup>111</sup>. O Sínodo reconhece a riqueza da diversidade cultural apresentada pelos jovens de hoje, bem como os acolhe com seus dons e carismas a serem colocados a serviço da Igreja e da sociedade.

Em todas as nossas instituições, devemos desenvolver e reforçar muito mais a nossa capacidade de recepção cordial, porque muitos dos jovens que chegam encontram-se numa situação profunda de orfandade. E não me refiro a certos conflitos familiares, mas a uma experiência que atinge igualmente crianças, jovens e adultos, mães, pais e filhos. Para muitos órfãos e órfãs, nossos contemporâneos – talvez para nós mesmos –, comunidades como a paróquia e a escola deveriam oferecer percursos de amor gratuito e promoção, de afirmação e crescimento. Hoje, muitos jovens sentem-se filhos do fracasso, porque os sonhos de seus pais e avós acabaram queimados na fogueira da injustiça, da violência social, do «salve-se quem puder». Quanto desenraizamento! Se os jovens cresceram num mundo de cinzas, não é fácil para eles sustentar o fogo de grandes ilusões e projetos. Se cresceram num deserto vazio de sentido, como poderão ter vontade de se sacrificar para semear? A experiência de descontinuidade, desenraizamento e queda das certezas basilares, favorecida pela cultura midiática atual, provoca esta sensação de profunda orfandade à qual devemos responder, criando espaços fraternos e atraentes onde haja um sentido para viver.<sup>112</sup>

Outro aspecto que deve ser levado em consideração pela Pastoral Vocacional com os jovens, diz respeito ao ambiente familiar e social que, muitas vezes, não favorecem a uma busca do sagrado, pois não os educam para a escuta e para se colocarem a disponibilidade do serviço, bem como evidencia-se a pressão sofrida, por alguns jovens, por parte de seus familiares, de responder aos anseios e planos projetados para o futuro.

Esses dados influenciam muito na opção de um jovem em ser padre, pois, sentem a necessidade de serem protagonistas de sua história e de realizar por meio de sua vida os planos e ações em vista da transformação de suas vidas e das realidades da sociedade. O Papa Francisco, atento à realidade dos jovens, exorta-nos:

Nem sempre um jovem tem a possibilidade de decidir a que vai dedicar os seus esforços, em que tarefas vai empregar as suas energias e a sua capacidade de inovação. Com efeito, aos próprios desejos e mesmo às próprias capacidades e

<sup>111</sup> SÍNODO DOS BISPOS, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, 10.

<sup>112</sup> CV 216.



discernimento que a pessoa pode maturar, sobrepõem-se os duros limites da realidade. É verdade que não podes viver sem trabalhar e que, às vezes, tens de aceitar o que encontras, mas nunca renuncies aos teus sonhos, nunca enterres definitivamente uma vocação, nunca te dês por vencido. Continua sempre a procurar, ao menos, modalidades parciais ou imperfeitas de viver aquilo que, no teu discernimento, reconheces como uma verdadeira vocação.<sup>113</sup>

Por conseguinte, os animadores da Pastoral Vocacional precisam ter uma linguagem adaptada à realidade dos jovens, levando em conta as várias juventudes que temos hoje. Deve-se buscar uma pedagogia onde a mensagem seja atraente, dinâmica e criativa, sempre jovial, mas sem deixar de ser a mensagem de Jesus Cristo, com toda a verdade que ela comporta. Não se pode prescindir dessa verdade: “Jesus caminha no meio de nós, como fazia na Galileia. Passa pelas nossas estradas, detém-Se e fixa-nos nos olhos, sem pressa. A sua chamada é atraente, fascinante”<sup>114</sup>.

Para os jovens, só será significativa e atraente uma pastoral capaz de se renovar a partir do cuidado das relações e da qualidade da comunidade cristã. Assim, a Igreja poderá aparecer aos olhos deles como uma casa que acolhe, caracterizada por um clima de família feito de confiança e confidência. O desejo de fraternidade, muitas vezes assomado na escuta sinodal dos jovens, pede que a Igreja seja «uma casa para muitos, uma mãe para todos»: a pastoral tem o dever de realizar, na história, a maternidade universal da Igreja através de gestos concretos e proféticos de acolhimento jubiloso e quotidiano que fazem dela uma casa para os jovens.<sup>115</sup>

Diante do exposto pelo sínodo dos bispos sobre os jovens, surge um questionamento: O que é preciso fazer para se ter uma pastoral vocacional forte e com resultados concretos? É evidente que se trata de uma pergunta muito complexa e engloba muitos aspectos: desde uma promoção vocacional eficaz, dinâmica, criativa, chamativa, atrativa, propositiva e adaptada à diversidade das juventudes que temos hoje a uma consciência vocacional bem mais ampla. Embora, devemos considerar não ser uma garantia de resposta totalizante.

Desse modo, é fundamental direcionar um olhar atento para as questões que envolvem os jovens contemporâneos, porém não esquecer que o chamado é dom de Deus, é vocação, e não mera proposta dos agentes. Tendo isso em vista, pode-se

---

<sup>113</sup> CV 272.

<sup>114</sup> CV 277.

<sup>115</sup> SÍNODO DOS BISPOS, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, 138.

garantir que a eficácia da pastoral vocacional está, em grande parte, fundamentada na oração da comunidade eclesial, que pede ao “Dono da Messe” que envie operário para a sua Messe (Mt 9, 38).

De igual modo, a Pastoral Vocacional precisa superar o distanciamento que existe hoje com as famílias e conscientizá-las da missão de serem as primeiras responsáveis pela vocação dos filhos. Para tanto, a comunidade cristã precisa também assumir a responsabilidade primordial na animação vocacional e encorajamento daqueles que estão dispostos a trilhar uma caminhada de discernimento de sua vocação, “quando a comunidade se constitui como lugar de comunhão e como verdadeira família dos filhos de Deus, exprime uma força generativa que transmite a fé”<sup>116</sup>.

Nesse aspecto a Igreja está dando passos, mas ainda falta muito, “é urgente repensar profundamente a abordagem da catequese e a ligação entre transmissão familiar e comunitária da fé, valorizando os processos de acompanhamento pessoais”<sup>117</sup>.

Outro fator de grande importância, que deve interpelar a promoção vocacional para vida presbiteral é o testemunho alegre e jovial dos padres. O testemunho dos próprios padres é o que mais encanta e atrai os jovens. João Paulo II, em uma de suas últimas mensagens para o dia mundial de oração pelas vocações elencou três características como impactantes na promoção vocacional: “a alegria dos consagrados ao ministério ordenado, a oração pelas vocações e o testemunho de comunhão”<sup>118</sup>.

Testemunhamos nas últimas décadas, sobretudo, nos países de antiga tradição cristã a preocupante diminuição numérica dos presbíteros, o crescente aumento da sua média de idade e a necessidade de uma nova evangelização, que esboçaram uma nova situação eclesial. Portanto, a Igreja que tem uma preocupação maternal, busca ver todas as realidades de seus filhos.

Essa preocupação já está expressa nos documentos de Aparecida, nas Diretrizes para a Evangelização da Igreja no Brasil, nos documentos sobre a formação do clero, nos documentos finais dos Congressos Vocacionais, no

---

<sup>116</sup> SÍNODO DOS BISPOS, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, 19.

<sup>117</sup> SÍNODO DOS BISPOS, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, 19.

<sup>118</sup> JOÃO PAULO II, PP., Mensagem por ocasião do XXXVII dia mundial de oração pelas vocações.

documento final do Congresso Vocacional Latino-Americano e Caribenho: todos apontam para a necessidade de uma nova evangelização.

Os seminários e as casas de formação são lugares de grande importância, onde os jovens chamados ao sacerdócio e à vida consagrada aprofundam a sua escolha vocacional e amadurecem no discipulado. Por vezes, estes ambientes não têm na devida conta as experiências precedentes dos candidatos, subestimando a sua importância. Isto impede o crescimento da pessoa e corre o risco de induzir mais à adoção de atitudes formais, do que ao incremento dos dons de Deus e à conversão profunda do coração.<sup>119</sup>

Estamos imersos em uma nova situação eclesial, que interpelando a ação evangelizadora da Igreja no mundo, aponta para que os agentes da Pastoral Vocacional, bem como os formadores, precisam estar atentos aos sinais dos tempos especialmente na questão vocacional.

Nesse sentido, mais do que nunca é urgente investir em um novo jeito de evangelizar cada pessoa e a cultura atual, ou as culturas. Do contrário, a Igreja continuará a fortalecer apenas uma pastoral de conservação para os que já estão caminhando sem investimentos na grande missão evangelizadora.

A vocação constitui o fulcro em volta do qual se integram todas as dimensões da pessoa. Tal princípio não se refere unicamente a cada um dos fiéis, mas também à pastoral no seu conjunto. Por isso, é muito importante deixar claro que toda a pastoral pode encontrar um princípio unificador apenas na dimensão vocacional, porque nesta encontra a sua origem e realização. Por conseguinte, no caminho de conversão pastoral em curso, não se pede para reforçar a pastoral vocacional como setor separado e independente, mas sim para animar toda a pastoral da Igreja, apresentando eficazmente a multiplicidade das vocações. Com efeito, a finalidade da pastoral é ajudar todos e cada um, através dum caminho de discernimento, a chegar à «medida completa de plenitude de Cristo» (*Ef* 4, 13).<sup>120</sup>

Hoje faz-se muito necessário que em todas as pastorais, movimentos, associações eclesiais e em todas as comunidade e realidades eclesiais se criem essa cultura vocacional<sup>121</sup>. Por conseguinte, a partir desta consciência, a Pastoral Vocacional será mais eficaz. Assim, obterá uma eficácia maior pela sua esmerada missão.

Para tanto, é preciso compreender que esta realidade está na raiz mesma do termo Igreja, assembleia dos chamados. Todos os batizados precisam tomar

---

<sup>119</sup> SÍNODO DOS BISPOS, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, 20.

<sup>120</sup> SÍNODO DOS BISPOS, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, 139.

<sup>121</sup> GIAQUINTA, C. Formar verdaderos pastores, p. 16.

consciência de sua vocação na Igreja e pedir ao Senhor da messe e Pastor do rebanho que envie operários para a colheita.

Urge tocar nos ombros dos jovens e motivá-los no seguimento a Jesus. É preciso apontar, falar, questionar, atrair, conquistar os vocacionados. Vocação tem tudo a ver com atração. Os pais e os padres são os primeiros promotores vocacionais. Promover vocações é uma urgência para toda a Igreja e uma prioridade presbiteral inadiável. Um presbítero alegre e unido é propaganda para vocações sadias, servidoras.<sup>122</sup>

A missão de uma pastoral vocacional frente aos desafios que se apresentam, requer a consciência de que se deve sempre lembrar que os jovens da pós-modernidade também têm sede e fome de Deus e de radicalidade no seguimento a Jesus de Nazaré. A Pastoral vocacional se desenvolverá na medida em que crescer a consciência sobre a importância da missão do presbítero na comunidade eclesial.

## 2.4.

### **A fragmentação da formação catequética no âmbito da formação inicial**

Diante dos desafios apresentados quanto à formação presbiteral e tendo em vista a missão dos presbíteros em relação a dimensão catequética, podemos identificar que, a missão dos presbíteros está intimamente ligada à dimensão catequética. Portanto, os presbíteros não podem delegar essa missão apenas aos leigos e catequistas, mas devem buscar estar inseridos em todo processo catequético. No entanto, constatamos a fragilidade da formação catequética dos futuros presbíteros, sobretudo, no âmbito de sua formação inicial.

Durante a etapa da formação inicial, percebemos que a linguagem<sup>123</sup> utilizada

---

<sup>122</sup> BRANDES, O., Presbítero: Vocação e Missão, p. 15.

<sup>123</sup> Também não se descarta a necessidade de reforma da linguagem e do estilo: “se um pároco, durante um ano litúrgico, fala dez vezes sobre a temperança e apenas duas ou três vezes sobre a caridade ou sobre a justiça, gera-se uma desproporção, acabando obscurecidas precisamente aquelas virtudes que deveriam estar mais presentes na pregação e na catequese. E o mesmo acontece quando se fala mais da lei que da graça, mais da Igreja que de Jesus Cristo, mais do Papa que da Palavra de Deus.”(EG 38). Uma “reforma da linguagem” é percebida como decisiva para a reforma da Igreja: “São Tomás de Aquino observava que os preceitos adicionados posteriormente pela Igreja se devem exigir com moderação, ‘para não tornar pesada a vida aos fiéis’ nem transformar a nossa religião numa escravidão, quando a misericórdia de Deus quis que fosse livre’. Esta advertência, feita há vários séculos, tem uma atualidade tremenda. Deveria ser um dos critérios a considerar, quando se pensa numa reforma da Igreja e da sua pregação que permita realmente chegar a todos”(EG 43).

predominantemente pelos seminaristas, parece revelar uma certa predominância da formação intelectual, filosófico-teológica, enquanto a formação pastoral e, sobretudo, a formação humano-afetiva, comunitária e espiritual, parecem ser recessivas. Prova disso, se apresenta de forma mais concreta quando os seminaristas afirmam: estou em tal ano da filosofia ou em tal ano de Teologia. A linguagem parece revelar uma dicotomia no processo de formação inicial.

A linguagem utilizada pode sugerir que todo o processo de formação no seminário se resume à etapa filosófica e teológica. Por sua vez, essa linguagem também se revela no discernimento feito, muitas vezes, por parte dos formadores e dos critérios estabelecidos para o discernimento da vocação. Basta considerar o tempo dedicado aos estudos filosóficos e teológicos. Por isso, há de se cuidar para que a medida da vocação do candidato não esteja restrita aos seus conhecimentos filosóficos e teológicos, mas que de fato, ele tenha desenvolvido na etapa inicial de sua formação a disponibilidade de um coração de Pastor.

O propósito desta constatação não é de afirmar que a filosofia e teologia não sejam fundamentais na formação dos futuros presbíteros. Pelo contrário, o que se deseja destacar é que elas não devem ser dominantes e determinantes ao processo formativo, mas parte e dimensão da formação, pois o processo é integral, gradual e permanente. E se tem um elemento que deve ser considerado determinante e fundamental, é a disposição do formando para assumir as atitudes de Cristo, Bom Pastor.

O desafio que se coloca é de como se desviar, no processo de formação inicial, de tal tendência? Quando olhamos a linguagem utilizada pelos próprios presbíteros, por ocasião da celebração de jubileus, ao recordar a missão de bispos e padres, relacionam ordinariamente seus empreendimentos ou suas obras. A missão dos presbíteros é reduzida a um de seus aspectos, sobremaneira boa parte da sua missão é dedicada a alguns empreendimentos.

Na prática pastoral dos presbíteros o que mais identificamos é um grande excesso de atividades burocráticas administrativas. Muitas vezes se dedicam mais esforços com as reformas estruturais do que com as reformas pastorais. Aqui estamos em um grande entrave que deverá ser reconfigurado com a formação presbiteral. O padre não é um fazedor de atividades, ele é pastor<sup>124</sup>.

---

<sup>124</sup> O documento 100 da CNBB - Comunidade de comunidades: uma nova paróquia – A conversão pastoral da paróquia, em seu capítulo 5, tem como título: sujeitos e tarefas da conversão pastoral.

Nos últimos anos, percebeu-se a necessidade de cuidar dos presbíteros sobrecarregados com tantas atividades nas suas paróquias. Os presbíteros sofrem grande pressão por parte da instituição e por parte da sua própria comunidade. Em algumas comunidades, encontram-se presbíteros desencantados, cansados.

A sobrecarga de trabalhos pode dificultar a capacidade de relacionamento dos presbíteros, tornando-os apáticos aos sofrimentos dos outros, insensíveis aos pobres, rude no tratamento de seus paroquianos e incapazes de manifestar a misericórdia e a bondade de Cristo do qual são ministros. Eles precisam ser ajudados.<sup>125</sup>

No magistério do Papa Francisco ele tem insistido reiteradas vezes para que os presbíteros não caiam no mundanismo espiritual, “porque é um modo de vida que reduz a espiritualidade à aparência: leva-nos a ser ‘comerciantes do espírito’, homens revestidos de formas sagradas que, na realidade, continuam pensando e agindo segundo as modas do mundo”<sup>126</sup>. Francisco destaca as razões que levam os presbíteros a assumirem essa forma de vida.

Isso ocorre quando nos deixamos fascinar pelas seduções do efêmero, pela mediocridade e pela rotina, pelas tentações do poder e da influência social. E, ainda, pela vanglória e pelo narcisismo, por intransigências doutrinárias e por esteticismos litúrgicos, formas e modos em que o mundanismo “se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja”, mas na realidade consiste em “buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal” (*Evangelii gaudium*, n. 93).<sup>127</sup>

Quando voltamos o olhar para os seminários, percebemos uma fragmentação ainda maior no que diz respeito a visão dos seminaristas sobre o exercício do ministério presbiteral, o que se revela é que no centro da preocupação dos seminaristas está a administração dos bens e do culto de uma comunidade. Tal constatação revela a ruptura no processo de formação inicial, sobremaneira, na formação catequética.

Cabe considerar também que a prática pastoral dos seminaristas, salvo honrosas exceções, não é aproveitada adequadamente durante seus anos de estudo; não é organizada devidamente e, em muitos casos, até antecipa dissabores e incompreensões aos estudantes, a quem com frequência são designadas, nas

---

Elenca quais são os sujeitos da referida conversão (Bispos, presbíteros, diáconos permanentes, os consagrados e os leigos). Esta parte começa afirmando que o presbítero é chamado a ser padre-pastor, colocando quais as características do mesmo: dedicado, generoso, acolhedor e aberto ao serviço da comunidade; faz referência ao excesso de atividades como um sinal preocupante que pode prejudicar o equilíbrio pessoal do padre (CNBB, Doc. 100, 199).

<sup>125</sup> CNBB, Doc. 100, 200.

<sup>126</sup> FRANCISCO, PP., Carta aos Sacerdotes da Diocese de Roma em Agosto de 2023.

<sup>127</sup> FRANCISCO, PP., Carta aos Sacerdotes da Diocese de Roma em Agosto de 2023.

paróquias, as tarefas para as quais ainda não estão preparados, sem que lhe seja dada a devida orientação, acompanhamento e avaliação.<sup>128</sup>

Para muitos seminaristas, a compreensão que se tem é de que a catequese é uma tarefa da Igreja, cuja responsabilidade deve ser assumida pelos catequistas. Assim, a prática catequética participa da mesma situação, “com o inconveniente adicional de os seminaristas não poderem, em função das exigências acadêmicas, acompanhar a formação doutrinal e metodológica normalmente oferecida pela paróquia aos catequistas”<sup>129</sup>.

A terceirização da catequese, por parte dos presbíteros, reflete na formação dos seminaristas. São poucos os seminaristas que se interessam pela catequese, muitos consideram o processo de iniciação desnecessário, exigente e sem relevância para a sua formação. Por isso, é pertinente perguntar se tem sido proporcionada aos seminaristas a devida correlação entre teologia e catequese<sup>130</sup>, bem como os elementos necessários para a futura prática pastoral no âmbito da catequese.

Embora, nos últimos anos, muito se tenha feito em relação aos processos de formação catequética, sobretudo, no âmbito da Iniciação à Vida Cristã, pouco se tem visto o envolvimento dos presbíteros e seminaristas nesse processo. Mesmo sabendo que as atividades dos seminaristas, no período de formação, são bem limitadas à casa de formação, percebe-se um distanciamento cada vez maior da formação intelectual dos seminaristas, as exigências catequéticas. Porém, essa formação deve auxiliar os formandos para sua vivência pastoral, fazendo a conexão entre teoria e prática. A formação catequética também se realiza fora do âmbito acadêmico, sobretudo na vivência pastoral.

Particularmente importante é preparar os futuros sacerdotes para a *colaboração com os leigos*. “Estejam prontos - diz o Concílio - a escutar o parecer dos leigos, considerando com interesse fraterno as suas aspirações e aproveitando a sua experiência e competência nos diversos campos da atividade humana, de modo a poder juntamente com eles reconhecer os sinais dos tempos”.<sup>131</sup>

Por conseguinte, avaliar qual o espaço que a catequética tem nos cursos de Teologia no atual contexto, torna-se condição indispensável, pois constata-se que, a disciplina ministrada nos cursos de teologia se resume, muitas vezes, ao caráter

<sup>128</sup> CELAM, Manual de Catequética, p. 150.

<sup>129</sup> CELAM, Manual de Catequética, p. 150.

<sup>130</sup> CT 61.

<sup>131</sup> PDV 59.

teórico, ou mesmo, é absorvida em outras disciplinas de teologia ou da pastoral.

Entretanto, sabemos que não é só a inclusão da catequética na grade curricular dos cursos de teologia que irá sanar toda a fragilidade da formação catequética nos seminários, pelo contrário, ela representa apenas uma etapa de toda a caminhada necessária. Assim, nas atividades pastorais vivenciadas pelos seminaristas e na própria articulação do eixo formativo nas casas de formação poderá ser desenvolvido essa competência tão necessária para os futuros presbíteros.

O projeto educativo ajuda os seminaristas a reconduzir a Cristo todos os aspectos da sua personalidade, de modo a torná-los conscientemente livres para Deus e para os outros. De fato, é somente em Cristo crucificado e ressuscitado que este percurso de integração ganha sentido e atinge o seu cumprimento; n'Ele se recapitulam todas as coisas (Ef 1,10), a fim de que «Deus seja tudo em todos» (1Cor 15, 28).<sup>132</sup>

Para uma nova configuração dessa realidade, é urgente uma mudança de mentalidade, na qual se deve partir da concepção de que só teremos novos presbíteros, conscientes de sua missão catequética, se esse processo, já antes, começar na formação dos seminaristas. Visto que, “o tempo de formação para o sacerdócio ministerial é um tempo de prova, de amadurecimento e de discernimento por parte do seminarista e da instituição formativa”<sup>133</sup>.

A urgência de uma formação inicial que favoreça um verdadeiro processo catequético aos seminaristas é uma necessidade que precisa ser assumida caso se queira ser uma Igreja verdadeiramente iniciática, atenta a sua missão evangelizadora, com presbíteros iniciadores e mistagogos. Nesse sentido, é preciso propor novas estratégias e configurações que favoreçam uma renovação a partir da estruturação de um projeto formativo para os seminários, que leve em consideração a dimensão catequética na formação da Identidade Presbiteral.

Para iluminar essa perspectiva formativa, o Diretório para a Catequese, sugere algumas ações concretas a serem observadas nos seminários e casas de formação a partir do que propõe a *RFIS*:

a) através da formação espiritual, permear os candidatos de um espírito missionário que os estimule a anunciar explicitamente o Evangelho a quem não o conhece e a não descurar a educação na fé de todos os batizados; b) garantir experiências de primeiro anúncio e exercícios nas várias formas de catequese; c) introduzi-los num conhecimento pormenorizado do Catecismo da Igreja Católica; d) aprofundar o Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos, enquanto instrumento precioso para a

<sup>132</sup> RFIS 29.

<sup>133</sup> RFIS 28.



catequese e a mistagogia; e) dar a conhecer as orientações relativas à catequese da própria Igreja particular; f) assegurar, no plano de estudos, o estudo da catequética, do Magistério em matéria da catequética, da pedagogia e das outras ciências humanas.<sup>134</sup>

As indicações propostas visam que o processo de formação no seminário seja um verdadeiro caminho catequético, inspirado na pedagogia catecumenal, em tempos e etapas em vista do amadurecimento do candidato. Por isso, há a necessidade de um itinerário formativo realizado de forma gradual, progressiva e permanente<sup>135</sup>.

O ambiente formativo do seminário deverá contribuir para que o seminarista, desde o início de sua formação, eduque e molde sua vida para ser sinal e portador do amor misericordioso de Jesus, o pastor por excelência. O seminário é o tempo em que o futuro presbítero se educa no que diz respeito à catequese, eliminando qualquer tendência que o leve a atitudes fundamentalistas diante do desafio da evangelização. Ousamos afirmar que é o tempo propício para uma reflexão profunda sobre a vida cristã. O seminário deve nutrir no coração dos formados o desejo de aprofundar a cada dia a experiência do encontro com Cristo, o que é determinante para a catequese hoje.

Uma vez que a finalidade do Seminário é preparar os seminaristas para serem pastores à imagem de Cristo, a formação sacerdotal deverá estar permeada por um

---

<sup>134</sup> DC 152.

<sup>135</sup> “Dentro desta única formação, integral e progressiva, distinguem-se duas fases: inicial e permanente. Por sua vez, nesta *Ratio Fundamental*, a formação inicial está articulada em quatro etapas: propedêutica, dos estudos filosóficos ou “do discipulado”, dos estudos teológicos ou “de configuração”, e pastoral ou de síntese vocacional. Nos termos apresentados acima, o percurso formativo traz alguns desenvolvimentos em relação à *Ratio Fundamental* de 1970. Depois da fase de experimentação e verificação, iniciada com o Sínodo dos Bispos de 1990 (VIII Assembleia Geral), a “etapa propedêutica”, com uma identidade e uma proposta formativa específicas, apresenta-se como necessária e obrigatória. A respeito da “etapa do discipulado” e daquela “de configuração”, tais denominações acompanham aquelas habitualmente identificadas como “fase dos estudos filosóficos” e “fase dos estudos teológicos”, que, juntas, se estendem por seis anos. O objetivo disto é evidenciar que o âmbito intelectual, com os estudos previstos de Filosofia e de Teologia, não é o único a ser considerado no momento de avaliar, em cada etapa, o caminho já concluído pelo seminarista, e os progressos alcançados. Ao contrário, um discernimento global, realizado pelos formadores sobre todos os âmbitos da formação, consentirá a passagem para a etapa sucessiva somente daqueles seminaristas que, mesmo havendo superado os exames previstos, tenham alcançado o grau de maturidade humana e vocacional requerido em cada fase. Finalmente, a “etapa pastoral” ou “de síntese vocacional”, visa conferir uma peculiar importância ao tempo transcorrido entre a conclusão da formação no Seminário e a ordenação presbiteral, com a finalidade de favorecer nos candidatos uma adequada tomada de consciência em relação à mesma. O discipulado e a configuração a Cristo, obviamente, acompanham toda a vida; por isso, o que se entende por etapa de discipulado e etapa de configuração é a especial atenção dedicada em dois momentos da formação inicial à compreensão de que se é discípulo e à necessidade de entender a chamada ao ministério e à vida sacerdotal como uma contínua configuração a Cristo”. (RFIS, Introdução, 3).

espírito pastoral que os torne capazes de ter aquela mesma compaixão, generosidade, amor por todos, especialmente pelos mais pobres, e pronta solicitude pela causa do Reino, que caracterizaram o ministério público do Filho de Deus, e que se podem resumir na caridade pastoral.<sup>136</sup>

O tempo de formação no seminário deverá ser um período de intensa formação para o discipulado missionário. Portanto, é tempo de discernimento e formação intensa. Há de cuidar para que os seminaristas façam uma experiência de iniciação à vida presbiteral para que a compreendam como um verdadeiro exercício sacerdotal e não uma profissão a ser exercida como as outras. Que o seminarista aprenda e busque viver desde o vínculo com Cristo na oração e na ação. De igual modo, a catequética poderá ajudar nesse processo para formar presbíteros discípulos missionários numa Igreja Sinodal.

---

<sup>136</sup> RFIS 119.

### **3. Os presbíteros e a dimensão catequética**

Diante dos desafios apresentados em relação ao processo de Evangelização no mundo contemporâneo, bem como as exigências que se impõe aos evangelizadores, sobretudo no âmbito catequético, torna-se cada vez mais urgente repensar a formação da identidade do futuro presbítero em sua relação com a catequese.

Tomando como referência as exigências que interpelam o exercício do ministério presbiteral em sua dimensão catequética, percebemos uma lacuna no processo de formação inicial dos candidatos ao presbiterado. Essa dimensão, muitas vezes, aparece apenas como um apêndice da dimensão pastoral, ou apenas como uma disciplina no curso de teologia. Tal constatação aponta para a necessidade de uma nova perspectiva formativa, que leve em consideração a dimensão catequética de forma mais efetiva ao longo de todo processo formativo dos futuros presbíteros.

Este capítulo pretende olhar para o agente da formação inicial em vista do ministério presbiteral, sobretudo os jovens vocacionados e seminaristas que estão no processo de discernimento. Dessa maneira, se faz necessário uma melhor compreensão da relação entre catequese e presbítero.

Os presbíteros em virtude de sua vocação, exercem uma missão essencial no processo catequético. No entanto, essa perspectiva foi sendo desenvolvida ao longo de um percurso histórico em que a figura do presbítero, por muitas vezes, não foi considerada essencial. Assim, cabe-nos neste capítulo apresentar uma síntese desse percurso histórico que marca a relação entre catequese e presbíteros.

Inicialmente faremos uma síntese histórica dessa relação, pois a catequese está presente desde os primórdios da Igreja, no entanto, nem sempre chamou em causa a figura do presbítero. Portanto, procuraremos no desenvolvimento deste capítulo responder algumas questões fundamentais: Qual a missão do presbítero com relação a catequese? Qual tem sido a contribuição dos presbíteros para a catequese? Como o ministério dos novos presbíteros poderá ser fortalecido por uma formação catequética adequada?

Por fim, interessa-nos evidenciar, na perspectiva da formação dos futuros presbíteros, que não se pode prescindir de uma adequada formação catequética. O processo de Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal poderá iluminar,

também, todas as etapas do processo formativo dos seminaristas por meio de um itinerário, que se inicia na pastoral vocacional, desenvolve-se na formação inicial e contínua na formação permanente.

### 3.1.

#### **A relação catequese e presbítero: Síntese histórica**

Desde os primeiros tempos do Cristianismo, a catequese foi realizada de várias maneiras e envolveu diferentes membros da comunidade cristã. Os primeiros cristãos, incluindo os apóstolos e outros líderes eclesiais, desempenharam um papel fundamental na catequese, mas também houveram contribuições significativas de leigos, especialmente nas famílias e comunidades locais. Nesse sentido, podemos afirmar que “a catequese é tão antiga como a própria Igreja”<sup>137</sup>.

Analisando a história da catequese podemos perceber que a responsabilidade pela dimensão catequética não é exclusiva dos presbíteros. Embora o clero, incluindo os presbíteros, tenha desempenhado um papel significativo na catequese ao longo dos séculos, a responsabilidade pela instrução religiosa e transmissão da fé não se limitou apenas ao clero.

Prova disso é que, ao longo da história da Igreja, surgiram diferentes formas de catequese que envolveram diversos grupos de pessoas, como as ordens religiosas, os movimentos leigos e as escolas paroquiais. A responsabilidade pela catequese sempre foi compartilhada entre o clero e os leigos, com diferentes formas de colaboração e participação de toda a comunidade cristã<sup>138</sup>.

Os primeiros séculos de história do cristianismo foi marcado por uma catequese realizada pelos apóstolos e por seus sucessores com o objetivo de levar o mistério de nosso Senhor Jesus Cristo ao coração da humanidade, para que a mesma, pudesse acolhê-lo e num caminho de conversão, pudesse também receber os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã e com isso, assumir os compromissos do seguimento a Cristo, colocando-se a serviço da Igreja, nascente, e da evangelização, levando o testemunho de fé também à outras pessoas, povos, culturas e nações. “Era

---

<sup>137</sup> CELAM, Manual de Catequética, p. 59.

<sup>138</sup> CR 4-29.

na comunidade que se vivia a doutrina dos apóstolos, seu ensinamento recebido do próprio Cristo que, pouco a pouco, foi sendo formulado nos símbolos da fé”<sup>139</sup>.

Nos primeiros séculos do cristianismo, a responsabilidade pela catequese era dos Padres da Igreja, que eram líderes cristãos e teólogos influentes. Eles desempenhavam um papel fundamental na transmissão da doutrina e ensinamentos cristãos aos novos convertidos e à comunidade em geral. A contribuição dos Padres foi essencial para o desenvolvimento da catequese nesse período, sobretudo com o *catecumenato institucionalizado*<sup>140</sup>, onde os grandes catequetas desse período eram os bispos.

O primeiro anúncio, a comunicação da fé, o primeiro testemunho e convite a aceitar a Palavra e a conversão eram tarefas da comunidade, ao passo que a catequese propriamente dita, como ensinamento e instrução, era competência do *catequista*: ele era o *doctor*, ou seja, aquele que sabe e tem capacidade de instruir, ensinar, educar. A partir de determinado momento, o bispo, que presidia a comunidade como sucessor dos apóstolos, instruía oficialmente: era o “catequista”.<sup>141</sup>

O primeiro anúncio, querigma, era realizado pelos instrutores, introdutores, acompanhantes, com o passar do tempo, esse processo foi reconhecido como o pré-catecumenato. E, após uma introdução nos mistérios da fé cristã, viria o tempo da catequese, o catecumenato, tempo de aprofundamento dos dados essenciais da fé cristã, tendo em vista o recebimento dos sacramentos e a inclusão definitiva na vida da comunidade.

Na Idade Média, a responsabilidade pela catequese era principalmente atribuída aos membros do clero, como os padres, bispos e monges. Eles desempenhavam um papel fundamental na instrução religiosa e na transmissão dos ensinamentos da Igreja aos fiéis. Além disso, as ordens religiosas, como os beneditinos e franciscanos, também desempenharam um papel significativo na disseminação da catequese durante esse período.

Pode-se dizer que a Catequese já não consistia tanto numa iniciação à comunidade de fé. É que a sociedade inteira, em todos os seus aspectos, se considerava animada pela religião cristã, a ponto de se estabelecer uma aliança entre o poder civil e o

---

<sup>139</sup> CR 5.

<sup>140</sup> De acordo com o grande catequeta brasileiro, Luiz Alves de Lima, o Catecumenato foi uma das instituições mais eficazes e frutuosas da história da Igreja. “[...] tempo extremamente sério de formação, para afirmar bem a fé, para testar a vida no mundo pagão, e no seio de uma comunidade que comunicava sua fé e transmitia seu credo”. (ALVES DE LIMA, L., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 27).

<sup>141</sup> ALVES DE LIMA, L., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 27.

poder eclesiástico. Foi o que se chamou de cristandade<sup>142</sup>.

Ao longo da Idade Média, num contexto de cristandade, foi muito marcante a realização do catecumenato social, tendo como referência a Igreja trabalhando pela conversão dos migrantes do Norte, os “bárbaros”<sup>143</sup>. A fé era transmitida no seio familiar, nas atividades do dia a dia e pelo testemunho e atitudes dos adultos. Não se tinha estruturas catequéticas específicas. “Neste contexto, a educação da fé era feita pelos gestos, pela liturgia, pela devoção e pela arte, e não através de atividades pedagógicas próprias”<sup>144</sup>. No catecumenato social:

A pessoa, imergida nessa sociedade sacral, naturalmente era educada na fé cristã: mais do que uma *iniciação* (como no catecumenato), podemos falar de uma socialização cristã. Fundamental era o testemunho vivo da família, pois os pais tinham a clara e arraigada responsabilidade de ser os catequistas de seus filhos; como dever irrenunciável, tinham que ensinar as orações do Pai-Nosso e Ave-Maria, a profissão de fé formulada no *Credo* e introduzi-los nas práticas de piedade (devoção) e à vida honesta: o santo temor de Deus, a veneração dos santos, o respeito aos sacerdotes e autoridades. Tais deveres eram lembrados pela Igreja através das pregações e também por ocasião das confissões (obrigatórias ao menos uma vez ao ano após 1215).<sup>145</sup>

A família desempenhava um papel importante na catequese, especialmente no que diz respeito à transmissão da fé e dos valores religiosos de geração em geração. Os pais e familiares eram responsáveis por ensinar e instruir as crianças sobre a doutrina cristã, as orações, os sacramentos e os princípios morais. A educação religiosa dentro do ambiente familiar era uma parte essencial da formação espiritual das crianças durante a Idade Média. Em contrapartida, a dimensão catequética e o itinerário catecumenal perdem todo o vigor, pois, pertencer a sociedade da época, já era suficiente para ser cristão.

Neste momento da história, dos sécs. IV ao VI e que vai perdurar na Idade Média, a responsabilidade da educação da fé das crianças passa para os pais, sobretudo as mães, que nem sempre são sólidas em suas convicções e na vivência cristã. Mas acredita-se que o contexto familiar, social, cultural, todo impregnado pelo cristianismo, fará a pessoa ser cristã de modo automático, pelo simples fato de estar neste contexto, estar mergulhada na realidade cristã.<sup>146</sup>

O documento Catequese renovada destaca que nesse período se desenvolveu

---

<sup>142</sup> CR 8.

<sup>143</sup> ALVES DE LIMA, L., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 32-33.

<sup>144</sup> ALVES DE LIMA, L., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 33.

<sup>145</sup> ALVES DE LIMA, L., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 36.

<sup>146</sup> NERY, I., Catequese com adultos e catecumenato, p. 64-65.

o que se denomina “catequese por imersão”, ou seja, nascendo nesse contexto se tornava automaticamente cristão, por escolha ou não<sup>147</sup>. Por conseguinte, a importância dos catequistas, os “doutores” da fé, e a formação do clero são deixadas de lado, tendo em vista que, não há razões para um itinerário de fé conduzido pelos catequistas, onde todos são obrigados a ser cristãos.

Com o advento da instituição paroquial, a catequese passa por um processo de estruturação. A responsabilidade pela atividade catequética passa a ser assumida pelas paróquias, estabelecendo programas formais de instrução religiosa para crianças, jovens e adultos.

Por sua vez, os párocos e outros membros do clero, passam a desempenhar um papel central na supervisão e no ensino da catequese, de modo, a garantir que os fiéis recebessem uma formação sólida na fé cristã. Por conseguinte, as paróquias se tornaram centros de educação religiosa e espiritualidade para a comunidade local, fortalecendo assim a prática da catequese.<sup>148</sup>

Na Idade Moderna, a ação catequética na Igreja foi marcada pelo surgimento dos catecismos e de outros manuais, que ajudam a aprofundar de maneira mística e racional os mistérios da fé cristã.

Com a Idade Moderna, sobretudo com o movimento da Reforma, nasceu a era dos catecismos, um gênero literário que irá se firmar como o grande instrumento da catequese pelos séculos seguintes. Já em 1402 o bispo Jean Gerson publicou sua *Tríplice obra sobre o decálogo, a confissão e a arte de bem morrer* e depois sua obra mais importante: *De pueris ad Christum trahendis* [Como conduzir os jovens a Cristo], com manuais de instrução religiosa, para o uso dos leigos que sabiam ler e para o uso dos pastores na instrução dos iletrados.<sup>149</sup>

A partir do Concílio de Trento, no século XVI, a responsabilidade pela catequese foi reafirmada e atribuída principalmente aos párocos e ao clero local. A teóloga, Solange do Carmo<sup>150</sup>, destaca:

Acompanhamos na Igreja um desenvolvimento marcante do processo catequético. Instigado pela Reforma, a Igreja se pôs a procurar caminhos para a transmissão da fé católica, ameaçada pelo movimento que teve Lutero como ícone. A Reforma Protestante havia assumido princípios da modernidade, que despontava com força no cenário da história. A tríade *sola fide*, *sola scriptura* e *sola gratia* não deixava dúvidas de que os reformadores estavam mergulhados nas fortes águas da

<sup>147</sup> CR 8-9.

<sup>148</sup> REINERT, J. F., Paróquia e iniciação cristã, p. 14-15.

<sup>149</sup> ALVES DE LIMA, L., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 37

<sup>150</sup> Solange do Carmo, importante teóloga do Brasil, sobretudo na linha da teologia catequética, apresenta uma reflexão sobre o Concílio de Trento (1545-1563) no livro: Catequese no mundo atual.

modernidade, que como inundação invadiam sem piedade todos os âmbitos, conquanto a Igreja tentasse inutilmente contê-la. Alicerçada na sociedade tradicional, o Concílio cuidou para que fosse redigido o Catecismo dos párocos (1566), uma espécie de síntese doutrinal empreendido pelo Concílio. Que se tornou modelo para os catecismos que, em número crescente, vieram a ser redigidos nos séculos seguintes. A finalidade desses catecismos era transmitir a sagrada doutrina católica.<sup>151</sup>

O Concílio de Trento enfatizou a importância da catequese na formação dos fiéis e estabeleceu diretrizes claras para a instrução religiosa, visando assegurar que todos os cristãos recebessem uma educação sólida na doutrina católica.

O Concílio de Trento (1545-1563) considera a catequese como tarefa dos pastores, inserida na estrutura diocesana e paroquial, e conectada aos momentos sacramentais. Isso promove certa clericalização da catequese, inibindo a iniciativa dos leigos, especialmente das mulheres. Numerosas congregações religiosas fundadas na Europa passam a catequizar na América.<sup>152</sup>

Para tanto, os párocos<sup>153</sup> foram encarregados de ministrar a catequese, garantindo que os ensinamentos da Igreja fossem transmitidos de maneira adequada e compreensível para as pessoas em suas comunidades locais. Para o teólogo e catequeta, Luiz Alves de Lima,

O concílio de Trento (1545-1563), convocado para realizar a verdadeira Reforma da Igreja e fazer frente aos reformadores, entre outras coisas ordenou a publicação de um catecismo em latim e em vulgar, baseado na Bíblia e nos padres ortodoxos para que os fiéis, instruídos por seus mestres, recordassem a profissão de fé no Batismo e se preparassem para o estudo da Bíblia. Note-se, conforme a mentalidade da época, a precedência do catecismo sobre a Bíblia.<sup>154</sup>

A figura do presbítero, nessa etapa histórica, torna-se predominante na catequese, de modo que, o próprio catecismo publicado em 1566 recebe o título de *Catechismus ad parochos* (Catecismo para os párocos), o mesmo ficou conhecido como Catecismo de Trento ou Romano. Assim, “é composto com a intenção de instruir os párocos para que esses possam instruir solidamente os fiéis”<sup>155</sup>.

<sup>151</sup> CARMO, S.M., Catequese no mundo atual, p. 67.

<sup>152</sup> CELAM, Manual de catequética, p. 69.

<sup>153</sup> “pelo menos aos domingos e nas festas solenes, (os párocos) alimentem os povos a eles confiados com palavras proveitosas, segundo sua capacidade, ensinando o que é necessário a todos para a salvação, mostrando-lhes, de modo breve e fácil, os vícios que devem evitar e a virtudes que devem praticar, para que possam salvar-se do castigo eterno e conseguir a glória celestial”. Decreto Segundo, da Sessão quinta, do Concílio de Trento. (NERY, I., Catequese com adultos e catecumenato, p. 133).

<sup>154</sup> ALVES DE LIMA, L., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 38-39.

<sup>155</sup> ALVES DE LIMA, L., A iniciação cristã ontem e hoje. In. COMISSÃO EPISCOPAL PARA ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA, 3ª Semana Brasileira de Catequese, p. 72.



O catecismo se escolarizou, trazendo aspectos positivos e negativos: sob o regime escolar, com toda sua riqueza pedagógica e didática, a catequese perdeu seu hùmus próprio, que é a *comunidade de fé*. Portanto, a paróquia, embora tenha ganhado do ponto de vista metodológico, perdeu do ponto de vista teológico, comunitário. Esse revés chegou até os dias de hoje.<sup>156</sup>

Na “catequese escolar”, os presbíteros, sobretudo, os religiosos estão ligados ao ensino religioso nas escolas confessionais e assumindo a coordenação da catequese, através da orientação espiritual e educacional aos alunos. Pode-se afirmar, que a presença dos presbíteros na “catequese escolar”, contribuía para uma formação mais de cunho doutrinal e visando a formação ética dos estudantes<sup>157</sup>.

Nos séculos XIX e XX surgiu o *movimento catequético*<sup>158</sup>, as *Semanas Catequéticas Internacionais*, a publicação no ano de 1903 dos *Catecismos da Doutrina Cristã*. Sobre o movimento catequético pode-se ressaltar que:

O movimento catequético se deslocou em três direções consecutivas e interdependentes dentro da catequese: 1) o *movimento querigmático*, apontando para um retorno não só bíblico-litúrgico do ensino religioso, mas sobretudo, para seu núcleo central em torno do Mistério Pascal; 2) o *movimento antropológico-experiencial*, deslocando o interesse para a pessoa do catequizando e sua experiência vital dos mistérios da fé; e 3) o movimento *profético-libertador*, interessando-se pelas consequências sociopolíticas da vida cristã.<sup>159</sup>

No Brasil, todo esse movimento possibilitou o desenvolvimento da catequese, embora o caráter doutrinal estivesse bastante evidente. Assim, o principal marco para a catequese no Brasil, nesse período foi a publicação dos *Catecismos da*

<sup>156</sup> ALVES DE LIMA, L., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 48.

<sup>157</sup> O Papa João Paulo II, em 1979, com a publicação da exortação apostólica *Catechesi Tradendae*, apresenta como diferentes e complementares a catequese e a Educação Religiosa Escolar. Faz essa distinção partindo da finalidade das ações da Igreja para a educação da fé, na dimensão da família, da escola e da paróquia. (CT 67-69). “São distintas em suas fontes de iniciativa, em seus objetivos, em seus conteúdos, em seus destinatários, em suas metodologias e nos lugares onde são oferecidas. São complementares porque são duas ações pastorais da Igreja que procuram anunciar Jesus Cristo em dois âmbitos distintos”. (CELAM, Manual de Catequética, p. 274).

<sup>158</sup> “Quando se fala de movimento catequético em geral se entende um conjunto de pessoas que, com seu pensamento, reflexões, pesquisas e influência, determinam avanços na compreensão e atuação da catequese, sua identidade, seus métodos, seus destinatários e responsáveis. Mas, ao mesmo tempo, se entende um conjunto de ações, em geral de âmbito nacional e internacional, que facilitam a veiculação e a propagação de novas ideias, tais como a semanas, congressos, assembleias, comemorações etc., criando, enfim, um vasto movimento organizado que se difundiu por publicações e propagação rápida de ideias e experiências. Daí se entende como o Vaticano II foi não só a confluência, mas a expressão máxima de todos esses movimentos eclesiais” (ALVES DE LIMA, L., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 54).

<sup>159</sup> ALVES DE LIMA, L., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 54.

*Doutrina Cristã*<sup>160</sup> em 1903 pelas províncias eclesiásticas do sul do Brasil, em seguida, assumida por todas as dioceses do Brasil.

O Papa Pio X<sup>161</sup>, considerado o papa da catequese, elaborou o catecismo que traz o seu nome. Entretanto, no Brasil já havia o *Catecismo da Doutrina Cristã*, deste modo, influências deste catecismo para a catequese do Brasil, foram mais em nível de animação e organização. Sobremaneira, a catequese se popularizou, na medida em que não era direcionado somente a alguns, mas incluía adultos, jovens e crianças e assumindo a dimensão de um processo educativo permanente.

Nas orientações da *Acerbo Nimis*, o Papa Pio X, destaca a responsabilidade dos pastores para com o ensino do catecismo,

E aqui, Veneráveis Irmãos, não há lugar para dúvidas; pois este gravíssimo dever recai sobre aqueles que são Pastores de almas. Pelo mandamento de Cristo, eles são obrigados a conhecer e apascentar as ovelhas que lhes foram confiadas; agora pastorear significa antes de tudo ensinar: “Eu te darei”, como Deus prometeu a Jeremias, “pastores segundo o meu coração, e eles te pastorearão com conhecimento e doutrina” (Jer. III, 15). Por isso o Apóstolo São Paulo disse: «Cristo não me enviou para batizar, mas para evangelizar» (1 Cor. I, 17); isto é, querendo indicar que o primeiro dever daqueles que, em certa medida, são colocados para governar a Igreja, é instruir os fiéis na doutrina sagrada.<sup>162</sup>

Para Pio X, todo sacerdote tem o dever de ensinar os fiéis, “não há dever mais sério ou obrigação mais rigorosa do que esta para quem é sacerdote”<sup>163</sup>. Como desdobramento da encíclica *Acerbo Nimis*, os leigos tiveram uma presença mais significativa na catequese, sendo mais valorizados. Por sua vez, os párocos, conscientes de suas responsabilidades para com a catequese, “recrutam seus leigos auxiliares para o trabalho catequético entre os membros das várias associações paroquiais (Apostolado da Oração, Marianos, Vicentinos, Filhas de Maria, etc.)”<sup>164</sup>.

---

<sup>160</sup> “Trata-se de um catecismo doutrinal-teológico, com fórmulas precisas e ao mesmo tempo simples dentro do padrão doutrinal, e por isso mesmo, memorizável. Impôs-se em todo o território nacional, perdurando suas edições sucessivas até os dias de hoje, com muito sucesso. Milhões de cristãos a partir de 1903 até às vésperas do Vaticano II, bem ou mal, foram formados tendo como texto base estes Catecismos da Doutrina Cristã. Eram considerados por muitos o catecismo por antonomásia. De um modo especial nos colégios, as respostas destes Catecismos eram memorizadas, enquanto se adotavam outros textos, menos doutrinários e mais didáticos, para a explicação daqueles formulários. As célebres maratonas ou certames promulgados oficialmente tinham, em geral, como base, os textos do Catecismo da Doutrina Cristã, com ricas premiações para os primeiros lugares”. (ALVES DE LIMA, L., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 56-57).

<sup>161</sup> Por sua grande contribuição para o desenvolvimento da catequese, em muitos países, tornou-se padroeiro dos catequistas.

<sup>162</sup> AN 5.

<sup>163</sup> AN 6.

<sup>164</sup> ALVES DE LIMA, L., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 58.

A abertura para os leigos na ação catequética, é reflexo do surgimento da Ação Católica na Europa e que se desenvolveu muito no Brasil, como consequência direta da força da necessidade que se apresentava com relação a falta de presbíteros, o que obriga bispos e padres a recorrerem cada vez mais aos leigos. Desta feita, os catequistas passam a receber uma formação mais sistemática e profunda para assumir essa tarefa, que é responsabilidade primeira dos presbíteros, mas que não pode ser assumida por inteiro sem a colaboração dos leigos.

A catequese passou por um processo de renovação e reestruturação, especialmente após o Concílio Vaticano II. Houve uma ênfase na participação ativa dos leigos na catequese, além do papel tradicional do clero. Isso resultou em uma abordagem mais participativa e inclusiva, buscando envolver toda a comunidade na transmissão da fé. Para tanto, novos métodos de catequese foram desenvolvidos, buscando adaptar-se às necessidades e realidades contemporâneas.

O Vaticano II enfatizou a responsabilidade de toda a comunidade cristã pela catequese, não se limitando apenas ao clero. O Concílio destacou o papel ativo dos leigos na transmissão da fé e na educação religiosa, reconhecendo que a responsabilidade pela catequese era compartilhada por todos os membros da Igreja.

Os leigos foram encorajados a participar ativamente na catequese, contribuindo com seus dons e talentos para a formação religiosa das crianças, jovens e adultos. Além disso, o Concílio Vaticano II reafirmou o papel dos pais como os primeiros educadores da fé de seus filhos, destacando a importância da família na catequese. Dessa forma, o Vaticano II colocou a responsabilidade pela catequese em toda a comunidade cristã, reconhecendo que a transmissão da fé é uma tarefa compartilhada que envolve os bispos, os presbíteros, os diáconos, os leigos e as famílias.

A catequese é compreendida hoje, a partir de uma perspectiva mais ampla, dentro de um processo de renovação da Igreja, que busca cumprir fielmente o mandato de Jesus Cristo de levar o Evangelho e fazer com que todas as nações se tornem discípulas (Mt. 28, 19). A catequese, por sua vez, participa no empenho da evangelização, conforme sua natureza própria, a fim de que “a fé possa ser sustentada em um permanente amadurecimento que se expressa em um estilo de vida que deve caracterizar a existência dos discípulos de Cristo”<sup>165</sup>.

---

<sup>165</sup> DC 1.

Na solicitude da Igreja pela catequese, há uma responsabilidade que compete a todos os que, pelo sacramento da Ordem, são constituídos ministros da Palavra de Deus. De facto, a qualidade da catequese de uma comunidade depende também dos ministros ordenados que cuidam dela. Por este motivo, ao longo do processo formativo dos candidatos às sagradas Ordens, não pode faltar uma instrução específica sobre o anúncio e a catequese.<sup>166</sup>

No contexto de renovação eclesial suscitado pelo Concílio Vaticano II e impulsionado pelo magistério do Papa Francisco, que é fruto da teologia que o precedeu, a Igreja esforça-se para que cada uma das suas atividades tenha uma intrínseca conotação evangelizadora e missionária, sobremaneira, para que o anúncio do Evangelho chegue aos cenários alterados da cultura contemporânea.

É necessário que também a catequese esteja ao serviço da nova evangelização e que, a partir dela, a catequese desenvolva algumas atenções fundamentais, de modo que o acesso pessoal ao encontro com Cristo esteja aberto de forma inequívoca a todos os homens. Em diversos contextos eclesiais, até com linguagens diferentes, vai-se assinalando alguns acentos da catequese, qual testemunho de um sentir comum, no qual se reconhece a ação do Senhor.<sup>167</sup>

A Igreja, consciente de sua vocação, repensa também a catequese como uma das suas obras em saída missionária. Por esta razão, ela deverá estar aberta para buscar a beleza da verdade já presente em diversas atividades humanas, confiando que Deus já está em ação no coração do homem ainda antes de ser alcançado de forma explícita pelo Evangelho. Além disso, a catequese forma para a missão, “acompanhando os cristãos no amadurecimento de atitudes de fé e tornando-os conscientes de serem discípulos missionários, chamados a participar ativamente no anúncio do Evangelho e a tornar presente o Reino de Deus no mundo”<sup>168</sup>.

A catequese, por sua vez, está a serviço da Iniciação à Vida Cristã<sup>169</sup>, que representa para a missão da Igreja um modelo e paradigma inspirador para a vida de fé em uma comunidade eclesial missionária. Não obstante, “ninguém nasce cristão ou entra na vida cristã por uma herança cultural, mas torna-se cristã por um

---

<sup>166</sup> DC 151.

<sup>167</sup> DC 48.

<sup>168</sup> DC 49.

<sup>169</sup> “Entende-se como iniciação à vida cristã o processo pelo qual uma pessoa é introduzida no mistério de Jesus Cristo e na vida da Igreja, através da Palavra de Deus e da mediação sacramental e litúrgica, que acompanhe as mudanças de atitudes fundamentais de ser e existir com os demais e com o mundo, em uma nova identidade como pessoa cristã que testemunha o evangelho inserido em uma comunidade eclesial viva e testemunhal. Sua finalidade é aprofundar a compreensão e os caminhos de um novo paradigma de catequese e sua inspiração catecumenal” (AIDM 38-51).

processo de Iniciação à Vida Cristã que acontece dentro da catequese”<sup>170</sup>. A proposta da Iniciação à Vida Cristã, trata-se de uma ação de toda a comunidade que ao assumi-la, renova a sua vida interna e impulsiona a missão.

Os bispos da América Latina e do Caribe, reunidos na Conferência de Aparecida em 2007, reafirmaram a necessidade de uma renovação no processo de Iniciação à Vida Cristã que começando “pelo querigma e, guiado pela Palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito homem”<sup>171</sup>, de modo que a partir desse encontro se chegue “à conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão”<sup>172</sup>.

Um dos marcos para a catequese à serviço da Iniciação à Vida Cristã é a Inspiração Catecumenal<sup>173</sup>, proposta retomada pelo Concílio Vaticano II, que convidou a Igreja a tomar novos rumos para a transmissão da fé no mundo atual. Assim, “a catequese catecumenal deve ter características de iniciação e educação para o compromisso vital com a fé, sendo fortemente comunitária e experiencial”<sup>174</sup>. Por conseguinte, a contribuição dos presbíteros para o processo de Iniciação à Vida Cristã com Inspiração Catecumenal é essencial, sobretudo pela missão que desempenham na comunidade de fé.

Os presbíteros estimulam a vocação e a missão dos catequistas, ajudando-os a realizar o ministério catequético. A Igreja espera deles que não descuidem nada em vista de uma atividade catequética bem estruturada. [...] A comunidade cristã espera, pois, do presbítero amor, entusiasmo, apoio e presença na catequese.<sup>175</sup>

---

<sup>170</sup> MORAES, A. Os princípios e a teologia da Iniciação à vida Cristã. In. <https://www.catequesedobrasil.org.br/noticia/seminario-virtual-os-principios-e-a-teologia-da-iniciacao-a-vida-crista-07042022-083358>.

<sup>171</sup> DAp 289.

<sup>172</sup> DAp 289.

<sup>173</sup> “O caminho da iniciação ficou evidente, a partir do século II, com a estruturação do catecumenato, para promover a introdução dos novos convertidos na vida da Igreja. O Objetivo era o aprofundamento da fé, como adesão pessoal a Jesus Cristo e a tudo que ele revela. Era o caminho ordinário para conduzir os adultos aos mistérios divinos, à profissão de fé e à participação na comunidade. Teve seu período áureo entre os séculos III e IV” (CNBB. Estudos da CNBB 97, n.16). “Mais que um método, uma dinâmica, uma pedagogia, é uma mística, um momento de entrada (sem fim) progressiva na busca de Deus para a fé cristã, “mergulhar” no mistério profundo de Deus. Não é um modo novo (método, ou pedagogia) de fazer catequese. Trata-se de pensar o modo de introduzir, acolher o novo membro de fé na comunidade católica. Propiciar meios para que a comunidade seja capaz de reconhecer sua missão de gerar novos filhos(as) na experiência de fé” (MORAES, A. Os princípios e a teologia da Iniciação à vida Cristã. In. <https://www.catequesedobrasil.org.br/noticia/seminario-virtual-os-principios-e-a-teologia-da-iniciacao-a-vida-crista-07042022-083358>).

<sup>174</sup> MEDDI, L. Catechética, p. 57-58.

<sup>175</sup> DNC 248.

### 3.2.

#### A Identidade presbiteral à luz do Vaticano II

O Concílio Vaticano II propôs uma grande renovação da teologia do ministério presbiteral<sup>176</sup>. Embora tenha sido elaborado um documento específico sobre os presbíteros, o presbiterato não foi um tema central no Concílio Vaticano II. Consequentemente, o Concílio não elaborou uma nova teologia do presbiterato, mas é possível reconhecer que houve “notável ampliação da visão do ministério, introduzida a partir do modelo dos *Tria Munera* de Cristo: profético, sacerdotal e régio ou pastoral”<sup>177</sup>.

Partindo dessa perspectiva de renovação eclesial suscitado pelo Concílio Vaticano II<sup>178</sup>, podemos olhar para a pessoa do presbítero, sobretudo, para formação da sua identidade, pois trata-se daquilo que o identifica enquanto tal, é sua marca, sua característica essencial. Os presbíteros são apresentados como homens escolhidos por Deus pelo intermédio da Igreja, por isso, são verdadeiros sacerdotes da nova aliança<sup>179</sup>, bem como encontram no rosto de Cristo, o modelo ao qual devem imitar e atualizar em cada época. Os documentos *Presbyterorum Ordinis* e *Optatam Totius*, referentes ao ministério e a formação dos presbíteros, descreve a

---

<sup>176</sup> É possível compreender melhor essa grande renovação, sobretudo, se estabelecermos uma comparação com a proposta do Concílio de Trento. De acordo com a doutrina de Trento, é Cristo quem instituiu o sacramento da Nova Aliança, e conferiu aos apóstolos e seus sucessores o poder de celebrar a missa e perdoar os pecados. A ordem é um sacramento aonde vem impresso um caráter novo naquele que a recebe. Vem ressaltada a superioridade dos bispos sobre os presbíteros e a validade da ordenação não depende de nenhuma autoridade secular e nem da autorização do povo (DH 1763-1778). Segundo essa perspectiva o ministério ordenado se caracteriza mais por sua relação com Deus que com a comunidade. O presbítero está então acima da comunidade, recebendo pessoalmente do Senhor o chamado e a vocação ao celibato. Por isto, está distante da comunidade e revestido de poder: do sacramental ao sacerdotal; do pastoral ao jurisdicional; da pregação ao magistério, não existindo uma teologia da pregação. Com o Concílio Vaticano II, o ministério ordenado passa a ser entendido como um carisma a serviço de todo Povo de Deus (LG 32), que é Povo Sacerdotal (LG 10-11), a ser exercido na comunhão e para promoção da comunhão (ALMEIDA, A. J., Modelos eclesiológicos e ministérios eclesiais, *REB* 48 [1988], 316-321).

<sup>177</sup> CNP, Presbíteros do Brasil construindo história. Instrumentos preparatórios aos Encontros Nacionais de Presbíteros, Paulus, São Paulo 2001, p. 90.

<sup>178</sup> “O concílio começou a aprofundar a teologia do presbiterato quando já tinha sido delineada com toda sua profundidade a teologia do episcopado no capítulo III da *Lumen Gentium* (LG). Este tratamento já no n. 28 apresenta a figura do presbítero, unido e dependente do bispo, por força do sacramento da ordem em uma dimensão ministerial e missionária, no horizonte do sacerdócio comum dos fiéis. A origem do ministério está no mesmo Senhor que comunica sua “consagração” e sua “missão” aos apóstolos e através destes aos bispos que são os continuadores da sua missão pastoral. O ministério é um dom do alto que nasce de Cristo para o serviço da comunidade. A fonte da graça é Cristo que a transmite mediante os apóstolos e os bispos e através destes aos sacerdotes e aos diáconos” (SANTORO, D. F., Identidade e missão do presbítero: perspectivas e desenvolvimento do Vaticano II, P. 483-484).

<sup>179</sup> LG 28.

configuração que os presbíteros devem assumir a partir de Cristo.

Deste modo, os documentos apresentam o presbítero como sinal de Cristo Sacerdote e Bom Pastor, participante da consagração e da missão do próprio Cristo, para operar em nome d'Ele como cabeça da Igreja<sup>180</sup>, atualizando a sua presença por meio da Palavra, do Sacrifício Eucarístico e da ação pastoral<sup>181</sup>. O Concílio afirma que

Os presbíteros atingirão a santidade pelo próprio exercício do seu ministério, realizado sincera e infatigavelmente no espírito de Cristo. Sendo eles os ministros da palavra, todos os dias lêem e ouvem a palavra do Senhor que devem ensinar aos outros. Esforçando-se por a receberem em si mesmos, cada vez se tornam mais perfeitos discípulos do Senhor, segundo a palavra do Apóstolo Paulo a Timóteo: «Medita estas coisas, permanece nelas, para que o teu aproveitamento seja manifesto a todos. Atende a ti e à doutrina. Persevera nestas coisas. Fazendo isto, não só te salvas a ti, mas também aos que te ouvem (1 Tim. 4, 15-16). Investigando como mais convenientemente poderão dar aos outros aquilo que meditaram (8), mais profundamente saborearão «as insondáveis riquezas de Cristo» (Ef. 3,8) e a multiforme sabedoria de Deus (9). Tendo diante de si que é o Senhor quem abre os corações (10) e que a sublimidade não vem deles, mas da virtude de Deus (11), na própria pregação unam-se mais intimamente com Cristo mestre e deixem-se levar pelo seu espírito. Assim unidos a Cristo, participarão da caridade de Deus, cujo mistério, escondido desde os séculos (12), foi revelado em Cristo.<sup>182</sup>

O Concílio, portanto, afirma que a caridade pastoral exercida pelo presbítero é expressão de Cristo, Bom Pastor<sup>183</sup>. Assim, o presbítero é chamado a personificar-se em Cristo que se entrega em sacrifício ao Pai para a salvação do mundo<sup>184</sup>. É por meio de um caminho de configuração que o presbítero assume com firmeza sua identidade: imagem viva de Cristo no meio do mundo e da Igreja.

A identidade do presbítero está profundamente relacionada à Igreja, e também se renova ao passo que a própria Igreja se renova. O ministério é um agir eclesial, que representa e empenha publicamente e oficialmente a Igreja. Tal perspectiva se confirma ao passo que, “o ministério presbiteral está intimamente relacionado com a autocompreensão da Igreja”<sup>185</sup>.

Com efeito, Igreja e ministério presbiteral estão intimamente imbricados, ao passo que, sempre que a Igreja passa por um processo de renovação no modo de “compreender a sua própria identidade e o seu existir no mundo – como aconteceu

---

<sup>180</sup> PO 2.

<sup>181</sup> PO 4-6.

<sup>182</sup> PO 13.

<sup>183</sup> PO 15.

<sup>184</sup> PO 5.

<sup>185</sup> HACKMANN, G. L. B., A identidade presbiteral depois do Vaticano II, p. 1091.

no período imediatamente seguinte ao término do Vaticano II – o ministério presbiteral se vê atingido pelos mesmos questionamentos”<sup>186</sup>.

O Vaticano II, sem intenção, lança a problemática pastoral e existencial, mas não deixa de valorizar o agir e o ser do presbítero como realidades teológicas inseparáveis. A relação entre o presbítero e a Igreja se situa dentro de uma realidade que ultrapassa a categoria simplesmente existencial. O fato de se configurar a Cristo (Cabeça) não tira do presbítero a necessidade de se ver configurado à Igreja (Corpo). Sua identidade se dá não por status, mas pelo dom exercido a partir de uma postura ética/pastoral, determinante para a intensidade da resposta, diante da missão confiada por Deus na Igreja.<sup>187</sup>

Para tanto, compreender a identidade presbiteral, é condição fundamental para responder adequadamente aos apelos e desafios pastorais que interpelam a missão da Igreja no mundo. Concretamente, “é preciso situar o presbiterato dentro da eclesiologia de comunhão, em uma Igreja toda ministerial, na qual as ações são interdependentes e devem ser realizadas em um espírito de serviço, em mútua corresponsabilidade com os leigos”<sup>188</sup>.

O presbítero está plantado entre a terra e o céu, entre o que é sagrado e profano, entre o homem e a Igreja, entre o mundo e Deus. Ele deve, por sua ordenação presbiteral, prolongar e atualizar, no meio dos homens, seus irmãos, o sacerdócio de Cristo. Como tornar sua função presbiteral verdadeiramente ministerial na sociedade moderna? A resposta está na missão e testemunho que cada presbítero deve desempenhar, bem como a consciência do ser ministerial.<sup>189</sup>

A formação da identidade presbiteral envolve um processo permanente de desenvolvimento pessoal, afetivo, intelectual e espiritual, bem como a abertura para assumir valores autênticos, demonstrando o desejo de amadurecimento perante Deus, a Igreja e o próximo. Desse modo, para o teólogo Eanes, “a consequente necessidade formativa determina o crescimento ético, em todas as dimensões, de quem busca configurar-se a Cristo e à Igreja, à responsabilidade pastoral, não como um aspecto simplesmente “profissional”, mas como participante essencial no projeto do Reino”<sup>190</sup>.

Assumir plenamente essa nossa identidade – sermos outros Cristos -, voltar sempre às nossas raízes, é o que abre espaços a alegre exultação do sacerdote. O esforço da

<sup>186</sup> HACKMANN, G. L. B., A identidade presbiteral depois do Vaticano II, p. 1092.

<sup>187</sup> LIMA, E. R., Ser presbítero católico: estudo sobre a identidade, p. 57.

<sup>188</sup> FERREIRA, S., A vida dos presbíteros nas dioceses do Brasil: desafios e perspectivas. In: Presbíteros: Desafios e Perspectivas, Revista Eclesiástica Brasileira, p. 279-280.

<sup>189</sup> LIMA, E. R., Ser presbítero católico: estudo sobre a identidade, p. 26.

<sup>190</sup> LIMA, E. R., Ser presbítero católico: estudo sobre a identidade, p. 26.



nossa luta consiste em ir conseguindo, pouco a pouco, fazer transparecer o rosto de Jesus no nosso semblante. A nossa vida espiritual tem de estar dirigida, toda ela, para conseguir estampar na tela da nossa existência o perfil extraordinariamente atrativo do Filho de Maria.<sup>191</sup>

A *Presbyterorum Ordinis* destaca o valor grandioso da vocação missionária dos presbíteros, que buscam levar os indivíduos à perfeição por meio da união com Cristo. De forma que, essa união torna o presbítero alguém comprometido em buscar a santidade.

O concílio acredita que para cumprir seus propósitos pastorais de renovação interna da Igreja, de difusão do Evangelho por todo o mundo e de diálogo com o mundo atual, os sacerdotes devem esforçar-se para uma maior santidade, de modo a converter-se dia após dia em ministros aptos para o serviço de todo o povo de Deus.<sup>192</sup>

O Sacramento da Ordem tem a finalidade de configurar cada presbítero a Cristo, por uma graça especial, levando-o à perfeição do Sumo e Eterno Sacerdote: “santo, inocente, sem mancha, separado dos pecadores” (Hb 7, 26). Dessa forma, o presbítero em sua função sacerdotal se constitui em “instrumento vivo do Sacerdote Eterno para poder conseguir sua obra admirável. Isto se deve ao fato de que o ministro representa a seu modo a pessoa do mesmo Cristo que se entregou por todos”<sup>193</sup>.

Para realizar a sua missão no mundo o presbítero deverá manter seu foco em Cristo, tendo em vista que sua relação com a comunidade e o mundo refletirá esse compromisso primordial, já que Cristo é a fonte que ilumina e orienta o relacionamento do presbítero com a comunidade eclesial e o mundo. De igual modo, a centralidade de Cristo na vida do presbítero garantirá que ele viva de acordo com a teologia do presbiterato, não buscando coisas extraordinárias, mas sendo fiel à sua vocação por meio de pequenas atitudes.

Diante de tantos deveres, o presbítero se vê contido em muitas obrigações e responsabilidades. De modo que, “a busca da identidade comporta, certamente, questionamentos e dúvidas para a vida presbiteral, uma vez que o presbítero é um ser humano, com desejos [...] e anseios de realizações pessoais”<sup>194</sup>. Portanto, a

---

<sup>191</sup> CIFUENTES, R.L., *Sacerdotes para o terceiro milênio*, p. 26.

<sup>192</sup> NORIEGA, R., *Ministério Sacerdotal*, p. 81.

<sup>193</sup> NORIEGA, R., *Ministério Sacerdotal*, p. 80.

<sup>194</sup> FERREIRA, S., *A vida dos presbíteros nas dioceses do Brasil: Desafios e perspectivas a partir dos encontros nacionais*, p. 146.

busca da identidade é constante, e precisa conduzir o presbítero a uma profunda reflexão diante de suas opções, aprendendo a confrontar a própria vida pessoal e espiritual frente a realidade na qual encontra-se inserido.

Há uma missão a cumprir e olhar para o futuro exige luz e discernimento, havendo o perigo de os presbíteros se dispersarem por muitas coisas, não encontrando o rumo ou a direção certa a ser tomada. A atualidade e os sinais dos tempos revelam desafios, assim, é preciso estar atento aos mesmos, pois torna-se necessário uma leitura real do Concílio para que ele não revele sombras, mas seja luz, permitindo a vida interior do presbítero unir-se à sua vivência e ação exterior.<sup>195</sup>

A formação da identidade presbiteral é processo permanente, que não se realiza, apenas no dia da ordenação, mas que vai se concretizando ao longo da vida. Por conseguinte, por mais que o tempo de formação no seminário prepare o candidato para configura-se a uma identidade presbiteral, “é só com a ordenação e a entrada efetiva do presbítero no ministério que a identidade pode ser testada e se firmar”<sup>196</sup>. Dessa maneira, “são os anos de decepções e realizações do primeiro quinquênio ou decênio do sacerdócio que dão a configuração mais definitiva de sua identidade como homem e como presbítero”<sup>197</sup>.

Destarte, diante daquilo que é essencial no exercício do ministério, o presbítero é convocado a ser, acima de tudo, um homem que mergulha profundamente no mistério trinitário. Desse modo, a identidade presbiteral, assim como a identidade de todo cristão, encontra na Santíssima Trindade a sua própria fonte.

O Papa João Paulo II, afirma na *Pastores dabo Vobis* que, “o presbítero é um enviado do Pai, como Cristo, na força do Espírito Santo”<sup>198</sup>. De modo que, “abandonado e inteiramente disponível à vontade do Pai; empenhado no seguimento de Jesus e no prosseguimento do seu evangelho através da prática da caridade pastoral; conduzido pela liberdade do Espírito numa vida de comunhão e esperança”<sup>199</sup>.

---

<sup>195</sup> LIMA, E. R., Ser presbítero católico: estudo sobre a identidade, p. 57-58.

<sup>196</sup> CNP 326.

<sup>197</sup> CNP 327.

<sup>198</sup> PDV 12.

<sup>199</sup> CNP 405.

### 3.3.

#### A formação dos futuros presbíteros na perspectiva pós conciliar

Após o Concílio Vaticano II, a formação presbiteral passou por um processo significativo de renovação. Na primeira Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos de 1967, foi debatido sobre a renovação dos seminários, sendo proposto a elaboração de um documento que apresentasse as normas fundamentais para a formação sacerdotal. Para tanto, a Congregação para a Educação Católica, apresentou a proposta de se preparar uma *Ratio Fundamentalis*<sup>200</sup> para a formação sacerdotal, como a base das diretrizes a serem produzidas pelas Conferências Episcopais de cada nação<sup>201</sup>.

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores dabo Vobis*, representa um marco significativo desta renovação pós-conciliar. É considerado por alguns teólogos, o primeiro documento do magistério que trata abertamente e de forma contundente a formação sacerdotal do presbítero, assim como a dos candidatos ao presbiterato, em torno do sacramento da Ordem e dos seus dinamismos<sup>202</sup>. A Exortação busca reunir as experiências formativas do passado com os desafios do presente.

A *Pastores dabo Vobis*<sup>203</sup> destaca inicialmente que para se poder formar os novos sacerdotes, levando em consideração as novas realidades culturais, deve-se ter clara a identidade do presbítero<sup>204</sup>. Partindo da consciência do que é o sacerdote

---

<sup>200</sup> Esse documento, após o sínodo Episcopal de 1967, indica as linhas fundamentais da formação sacerdotal, de acordo com o espírito e as diretrizes do Vaticano II. O documento, de grande valor, relembra certos elementos necessários para a formação sacerdotal e estabelece a demarcação da vida no seminário (GAMBINO, V., *Dimensioni della formazione presbiterale*, p. 116.)

<sup>201</sup> Essa proposta foi acolhida pelos bispos presentes e em 6 de janeiro de 1970, o documento formulado foi aprovado, em forma específica, pelo Papa Paulo VI e declarado obrigatório no que se referia aos pontos principais, especificados nas notas iniciais. O documento foi promulgado na *Acta Apostolicae Sedis* no dia 15 de julho de 1970 (321 -384).

<sup>202</sup> PDV 70-79.

<sup>203</sup> Após o Concílio Vaticano II sucederam-se na Igreja, alguns Sínodos de bispos, convocados pelo Papa, para tratar de algum tema específico de interesse da Igreja Universal. Depois da maioria destes Sínodos, a partir das discussões realizadas, os Papas escreveram uma exortação a toda comunidade eclesial. João Paulo II, continuando o magistério do Concílio e de Paulo VI, indica o Sínodo de 1990, tendo como tema de reflexão: “a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais”. Após o Sínodo e a partir da reflexão dos bispos vem apresentada à Igreja a exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis*, que marca um momento importantíssimo da reflexão sobre o ministério presbiteral na Igreja pós-conciliar, que retoma e confirma a concepção conciliar do sacerdote como transparência e sinal do Bom Pastor no mundo de hoje. (CASTELLUCI, E., *A trent'anni dal decreto Presbyterorum ordinis*, p. 250-253).

<sup>204</sup> O Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros, na sua introdução, em sintonia com o exposto na *Pastores dabo vobis*, insiste na necessidade da clarificação da identidade sacerdotal, afirmando que os presbíteros, para poderem realizar a sua missão como primeiros responsáveis da

e da sua identidade mais profunda, é que se pode formar e ajudar os novos presbíteros a assumirem àquilo que são chamados a ser.

Destarte, a clareza desta identidade, expressa na exortação representa uma verdadeira síntese teológica do ministério presbiteral, é uma de suas fortes contribuições.

É no interior do mistério da Igreja como comunhão trinitária em tensão missionária, que se revela a identidade cristã de cada um e, portanto, a específica identidade do sacerdote e do seu ministério. O presbítero, de fato, em virtude da consagração que recebe pelo sacramento da Ordem, é enviado pelo Pai, através de Jesus Cristo, ao qual como Cabeça e Pastor do seu povo é configurado de modo especial para viver e atuar, na força do Espírito Santo, ao serviço da Igreja e para a salvação do mundo.<sup>205</sup>

A síntese gira em torno da dimensão cristológica e eclesiológica do ministério, buscando um equilíbrio destas dimensões, bem como, fazendo convergir sejam as tendências que destacavam mais a dimensão eclesiológica do ministério com as que favoreciam mais a dimensão cristológica, a partir de uma reflexão trinitário-eclesiológica, por conseguinte, buscando evitar as más consequências espirituais e pastorais de uma visão desequilibrada<sup>206</sup>.

A Exortação reafirma a específica ligação ontológica que une o presbítero com Cristo, Sumo Sacerdote e Bom Pastor, em razão do sacramento da ordem, por meio do qual o presbítero configura-se a Cristo. Assim, o documento ilumina ainda mais a consciência da identidade sacerdotal, ofuscada pela crise pós-conciliar<sup>207</sup>.

---

“nova evangelização”, precisam alimentar uma vida que transpareça a sua identidade de ministros de Cristo (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros, 2013).

<sup>205</sup> PDV 12.

<sup>206</sup> LAGHI, P., *Natureza y misión del sacerdocio ministerial*, p. 31-32. Segundo Castellucci, após o Concílio Vaticano II, convivem dois modelos de teologia do sacramento da Ordem, por vezes extremados. O primeiro, seguindo algumas tendências já presentes no período pré-conciliar, enfatizava o ministério ordenado em relação a Cristo, sem levar em consideração a Igreja. Esta concepção tende porém a distanciar o sacerdote da comunidade. Um outro modelo, de tendência democratizante, enfatizava mais o ministério em relação a Igreja que a Cristo. Surgia desta teologia uma concepção funcionalista e não permanente do ministério ordenado, podendo então ser eleito pela própria comunidade. Negava-se a ligação ontológica do sacerdote com Cristo. (CASTELLUCI, E., *A trent'anni dal decreto Presbyterorum ordinis*, p.12-14).

<sup>207</sup> Alguns autores concordam em afirmar que a crise da identidade presbiteral caracterizava-se por uma dificuldade em perceber, com nitidez, no ministério sacerdotal, a separação entre o que é transitório e o que é permanente, entre o que é circunstancial, cultural, e o que é imutável, por ser proveniente do Senhor. Tal crise colocava dúvidas sobre o sentido do ministério presbiteral. A superação da crise passaria pela identificação dos elementos do sacerdócio que são de origem divina (POZO, C., *Naturaleza y misión del sacerdocio ministerial*, p. 173-179). Segundo Castellucci, a crise de identidade sacerdotal referia-se a uma crise de identidade da própria Igreja. É da compreensão que se tem da Igreja e, em especial da sua relação com Cristo, que se define a compreensão do ministério sacerdotal. O lugar onde a cristologia e a pneumatologia caminham em

Destaca-se, portanto, a radicação cristológica do ministério ordenado, tendo como fonte a Santíssima trindade<sup>208</sup>.

Deus, que é o único santo e santificação, quis unir a si, como companheiros e colaboradores, homens que servissem humildemente a obra da santificação. Donde vem que os presbíteros são consagrados por Deus, por meio do ministério dos Bispos, para que, feitos de modo especial participantes do sacerdócio de Cristo, sejam na celebração sagrada ministros d'Aquele que na Liturgia exerce perenemente o seu ofício sacerdotal a nosso favor. Na verdade, introduzem os homens no Povo de Deus pelo Batismo; pelo sacramento da Penitência, reconciliam os pecadores com Deus e com a Igreja; com o óleo dos enfermos, aliviam os doentes; sobretudo com a celebração da missa, oferecem sacramentalmente o Sacrifício de Cristo.<sup>209</sup>

O presbítero, atualizando o seu modo de vida e tornando-se como que a sua transparência no meio do rebanho, como representação sacramental de Jesus Cristo Cabeça e Pastor, anuncia o Evangelho do reino, ministra os sacramentos para a santificação do povo eleito e o apascenta na unidade, no caminho da verdade, como fiéis servidores e dispensadores dos seus mistérios.

Portanto, a identidade presbiteral encontra sua fonte primeira na caridade do Pai, continuada na vida e oração do próprio Cristo. Pela ordenação presbiteral os presbíteros tornam-se semelhantes a Ele<sup>210</sup>. A exortação afirma que o sacerdote é uma “derivação, uma participação específica e uma continuação do próprio Cristo, Sumo e único sacerdote da nova e eterna Aliança. Ele é uma imagem viva e transparente de Cristo Sacerdote”<sup>211</sup>.

Para levar a cabo esta missão, Cristo confere aos Apóstolos, em virtude de uma específica efusão pascal do Espírito Santo, a mesma autoridade messiânica que lhe vem do Pai e lhe é conferida em plenitude na ressurreição: "Foi-me dado todo o poder no céu e na terra. Ide, pois, e ensinai todas as nações batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar tudo o que vos mandei. E eis que estou convosco todos os dias até ao fim do mundo" (Mt 28, 18-20).<sup>212</sup>

Por conseguinte, os presbíteros em referência e em comunhão com os bispos, possuem uma particular relação com os Apóstolos, aos quais efetivamente sucedem em uma modalidade particular<sup>213</sup>.

---

sintonia, se dá uma identidade presbiteral mais harmônica (CASTELLUCI, E., *A trent'anni dal decreto Presbyterorum ordinis*, p. 243).

<sup>208</sup> PDV 11-12.

<sup>209</sup> PDV 5.

<sup>210</sup> PDV 18.

<sup>211</sup> PDV 12; Diretório 2.

<sup>212</sup> PDV 14.

<sup>213</sup> PDV 16; Diretório 1.

O sacerdote é chamado a ser imagem viva de Jesus Cristo, Esposo da Igreja: certamente ele permanece sempre parte da comunidade como crente, juntamente com todos os outros irmãos e irmãs convocados pelo Espírito, mas por força da sua incorporação a Cristo Cabeça e Pastor, encontra-se na referida posição de esposo perante a comunidade. "Enquanto representa a Cristo Cabeça, Pastor e Esposo da Igreja, o sacerdote coloca-se não só na Igreja, mas perante a Igreja". Portanto ele é chamado, na sua vida espiritual, a reviver o amor de Cristo Esposo na sua relação com a Igreja Esposa. A sua vida deve iluminar-se e orientar-se também por este tratamento nupcial que lhe exige ser testemunha do amor nupcial de Cristo, ser, por conseguinte, capaz de amar a gente com um coração novo, grande e puro, com um autêntico esquecimento de si mesmo, com dedicação plena, contínua e fiel, juntamente com uma espécie de "ciúme" divino (cf. 2 *Cor* 11, 2), com uma ternura que reveste inclusivamente os matizes do afeto materno, capaz de assumir as "dores de parto" até que "Cristo seja formado" nos fiéis (cf. *Gal* 4, 19).<sup>214</sup>

No processo formativo, que visa a ordenação presbiteral, mas não se conclui com ela, a Igreja desempenha um papel fundamental na formação dos futuros presbíteros, pois ela é a continuadora da ação formadora de Jesus para com os apóstolos (Mt 3, 13-15).

Consequentemente, “pensar a vida e a identidade do presbítero em chave de caridade pastoral exige recolocar, mais uma vez, a relação entre missão, comunhão e realização pessoal”<sup>215</sup>. A *Pastores dabo Vobis* afirma que a “ação pastoral destina-se, por sua natureza, a animar a Igreja que é essencialmente mistério, comunhão e missão”<sup>216</sup>.

A formação dos futuros presbíteros deverá ocupar-se a favorecer o conhecimento e a vivência das dimensões eclesiais no exercício do ministério. Portanto, a formação envolve duas perspectivas: o presbítero é formado para ser (identidade) e para agir (ministério). A todo o povo de Deus interessa enormemente este aspecto vital e constitutivo da Igreja. “Ter uma visão de fé sobre a identidade sacerdotal significa perceber mais profundamente essa primazia absolutamente unificadora do cuidado pastoral, como uma vida dedicada ao rebanho em total dedicação ao ministério”<sup>217</sup>.

Assim, toda formação tem o seu fim na pastoral, sendo o seu eixo integrador. No entanto, a integração interior do presbítero com todas as atividades a serem desenvolvidas, encontra-se na sua vida espiritual.

---

<sup>214</sup> PDV 22.

<sup>215</sup> AMADO, J.P., Presbíteros: comunhão e missão, n. 60.

<sup>216</sup> PDV 59.

<sup>217</sup> GAMBINO, V., Dimensioni della formazione presbiterale, p. 123.

Sob este aspecto, a formação espiritual possui e deve desenvolver a sua intrínseca dimensão pastoral ou caritativa, e pode utilmente servir-se também de uma justa, ou seja, sólida e terna devoção ao Coração de Cristo, como sublinharam os Padres sinodais: "Formar os futuros sacerdotes na espiritualidade do Coração do Senhor, implica levar uma vida que corresponda ao amor e ao afeto de Cristo Sacerdote e Bom Pastor: ao seu amor para com o Pai no Espírito Santo, ao seu amor para com os homens até entregar em imolação a sua própria vida."<sup>218</sup>

O Papa João Paulo II, ao se referir a formação nos seminários em carta aos bispos em 1979, recordava:

A nossa solicitude pelos nossos irmãos no ministério sacerdotal, há de estender-se também aos Seminários eclesiais, que constituem em toda a Igreja e em cada uma das suas partes eloquente verificação da sua vitalidade e fecundidade espiritual, que se manifestam exactamente na prontidão para se dar sem reservas ao serviço de Deus e das almas. É necessário nos dias de hoje envidar novamente todos os esforços possíveis para suscitar vocações e formar novas gerações de candidatos ao Sacerdócio, de futuros Sacerdotes. Há que fazê-lo com autêntico espírito evangélico e, ao mesmo tempo, «lendo» de maneira justa os sinais dos tempos, aos quais o Concílio Vaticano II prestou tão perspicaz atenção. A reconstituição plena da vida dos Seminários em toda a Igreja há de ser o melhor meio de aquilatar a realização do rejuvenescimento para o qual o Concílio orientou a Igreja.<sup>219</sup>

A formação, nesse sentido, deve se ocupar em ajudar os seminaristas a configurar-se como Pastor e homem de Deus. Desta compreensão devem surgir os conteúdos e as diretrizes para a formação no tempo de seminário.

As diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, apresentam alguns elementos que envolvem a identidade e a missão do presbítero, que deve ser considerado nas circunstâncias atuais:

a) testemunho pessoal de fé e caridade, de profunda espiritualidade vivida, de renúncia e despojamento de si; b) prioridade da tarefa da evangelização, o que acentua o carácter missionário do ministério presbiteral; c) capacidade de acolhida exemplo de Cristo Pastor que une a firmeza à ternura, sem ceder à tentação de um serviço burocrático e rotineiro; d) solidariedade efetiva com a vida do povo, a opção preferencial pelos pobres, com especial sensibilidade para com os pobres e os sofredores; e) cultivo da dimensão ecumênica, o diálogo inter-religioso, no respeito à pluralidade de expressar a fé em Deus e nos valores do Evangelho; f) apoio às justas reivindicações do povo, especialmente dos pobres, segundo as orientações do Magistério da Igreja; g) capacidade de respeitar, discernir e suscitar serviços e ministérios para a ação comunitária e a partilha; h) promoção e a manutenção da paz e a concórdia fundamentada na justiça; i) configuração de homem da esperança e do seguimento de Jesus na cruz; j) condições para administração pastoral, patrimonial, económico-financeira e pessoal.<sup>220</sup>

<sup>218</sup> PDV 49.

<sup>219</sup> Carta do Sumo Pontífice João Paulo II a todos os bispos da Igreja por ocasião da quinta-feira santa de 1979.

<sup>220</sup> CNBB, Doc. 110, 43.

O itinerário formativo deverá envolver estes elementos em vista da configuração dos candidatos e dos próprios presbíteros como verdadeiros pastores a exemplo de Jesus Cristo. A presença de um ideal é o núcleo de uma vocação sacerdotal. Por conseguinte, cabe a formação, o discernimento, a purificação e, ao mesmo tempo, o incentivo para a sua encarnação na vida do seminarista. O tempo vai apresentando sobre quais pilares se fundamentam os ideais buscados, ou sobre as verdadeiras motivações.

É muito importante, no processo de formação, que o seminarista tenha a compreensão de que está em caminho formativo e de discernimento, visando a maturidade de sua pessoa para a configuração com Cristo. A ordenação não é um direito do seminarista, mas resultado de um processo de formação que visa a formação integral do ser presbítero.

Aqui surge a integração da dimensão catequética como elemento norteador que poderá colaborar, por meio de um itinerário formativo, integrando as demais dimensões da formação presbiteral. A catequese tem um papel fundamental no esclarecimento do significado das vocações na Igreja e para a Igreja. De fato, o seminário se constitui num período e numa comunidade de formação decisiva para um projeto catequético de formação de presbíteros discípulos e missionários de Jesus Cristo<sup>221</sup>.

É necessário um projeto de formação do Seminário que ofereça aos seminaristas um verdadeiro processo integral: humano, espiritual, intelectual e pastoral, centrado em Jesus Cristo, Bom Pastor. É fundamental que, durante os anos de formação, os seminaristas sejam autênticos discípulos, chegando a realizar um verdadeiro encontro pessoal com Jesus Cristo na oração com a palavra, para que estabeleçam com Ele relações de amizade e amor, assegurando um autêntico processo de iniciação espiritual.<sup>222</sup>

Por essa razão, é urgente repensar como essa dimensão tem sido abordada nos projetos formativos dos seminários. A reflexão chega ao ponto crucial da nossa pesquisa: como a dimensão catequética pode colaborar com a formação dos futuros presbíteros, pois entendemos que na perspectiva atual da ação pastoral catequética espera-se um maior envolvimento dos presbíteros nos processos de Iniciação à Vida Cristã.

---

<sup>221</sup> CNP, Presbítero: Discípulo-Missionário de Jesus Cristo na América Latina, p. 24.

<sup>222</sup> DAp 319.



O seminário poderá favorecer essa experiência pessoal do formando com a pessoa de Jesus Cristo. Na formação de sua identidade o futuro presbítero precisa descobrir a beleza do encontro com Cristo para transmiti-lo aos outros. A realidade exige que os futuros presbíteros sejam verdadeiros mistagogos, pois só assim serão verdadeiros presbíteros configurados ao Cristo, Bom Pastor.

O Diretório para a catequese afirma que, “a qualidade da catequese de uma comunidade depende também dos ministros ordenados que dela cuidam”<sup>223</sup>, por sua vez, a qualidade da formação dos futuros presbíteros dependerá da atenção que se dará ao processo formativo inicial e permanente.

Por fim, tendo feito o percurso histórico da relação entre catequese e presbíteros, e atentos a formação da identidade presbiteral, propomos na última parte deste capítulo refletir sobre a dimensão catequética na formação dos futuros presbíteros em vista de uma nova configuração de sua atuação.

### 3.3.1

#### A dimensão catequética na formação dos futuros presbíteros

A renovação da catequese<sup>224</sup> na Igreja teve grande influência do Concílio Vaticano II, sobremaneira, como fruto das suas reflexões. Podemos destacar a renovação litúrgica proposta pela Constituição *Sacrosanctum Concilium*, que teve por objetivo intensificar a vida cristã<sup>225</sup>, o novo olhar para dimensão missionária da Igreja com o Decreto Ad Gentes<sup>226</sup>, bem como, uma compreensão aprofundada da Igreja como sacramento de salvação e comunidade povo de Deus apresentada na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*<sup>227</sup>, assim como, uma nova compreensão teológica da revelação e da fé na Constituição Dogmática *Dei Verbum*<sup>228</sup>, e, principalmente, pela virada antropológica, onde a pessoa passa a ser vista do seu

---

<sup>223</sup> DC 151.

<sup>224</sup> Na origem do movimento que promoveu a renovação catequética está a reflexão acerca da orientação pedagógica e antropológica, educativa e psicológica no processo do fazer da catequese. Já a segunda etapa dessa renovação esteve sob a influência da teologia da revelação, a partir das reflexões de Karl Barth (BARTH, 1974) e do Movimento Querigmático, que apresentaram elementos fundamentais para o desenvolvimento e a compreensão da catequese e da mistagogia.

<sup>225</sup> SC 1.

<sup>226</sup> AG 1.

<sup>227</sup> LG 1; GS 1.

<sup>228</sup> DV 1.

contexto sociocultural. Esse novo olhar antropológico torna-se o centro da renovação catequética.

A Exortação Apostólica *Catechesi Tradandae* ajuda-nos a compreender essa nova perspectiva ao afirmar que, “a finalidade definitiva da catequese é a de fazer que alguém se ponha, não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade”<sup>229</sup>. O centro da vida cristã é a comunhão da pessoa com Cristo, por consequência, é também o centro da ação catequética.

O encontro com Cristo envolve a pessoa na sua totalidade: coração, mente e sentidos. Não tem a ver apenas com a mente, mas também com o corpo e sobretudo com o coração. Neste sentido, a catequese, que ajuda à interiorização da fé e, com isto, dá um contributo insubstituível para o encontro com Cristo, não é a única a favorecer a prossecução desta finalidade, convergindo com as outras dimensões da vida de fé: na experiência litúrgico sacramental, nas relações afetivas, na vida comunitária e no serviço aos irmãos, acontece efetivamente algo de essencial para o nascimento do homem novo (cf. Ef 4,24) e para a transformação espiritual pessoal (cf. Rm 12,2).<sup>230</sup>

Diante desta finalidade da catequese, que visa o amadurecimento da fé ajudando aqueles que tiveram um processo de conversão inicial a dá um sentido pleno a sua existência a partir da luz do evangelho até chegar gradativamente a ter as mesmas atitudes de Jesus Cristo, podemos olhar para o processo de formação dos futuros presbíteros a medida que, também, o objetivo da formação inicial é oferecer um itinerário de aprofundamento da experiência cristã para a configuração dos candidatos a Jesus Cristo.

No processo de formação dos futuros presbíteros, a dimensão catequética, deverá integrar-se com as dimensões da formação presbiteral: humana, espiritual, intelectual e pastoral para traçar um verdadeiro caminho de discipulado em busca de uma profunda configuração a Jesus, Bom Pastor. Nesse sentido, “o que está na origem da vocação sacerdotal é um dom da graça divina, que se concretiza também na ordenação sacramental. Tal dom se exprime no tempo pela mediação da Igreja, que chama e envia em nome de Deus”.<sup>231</sup>

Uma adequada formação dos futuros presbíteros neste âmbito poderá verificar-se

---

<sup>229</sup> CT 5.

<sup>230</sup> DC 76.

<sup>231</sup> RFIS 34.

depois em sinais concretos: paixão pelo anúncio do Evangelho; capacidade para catequizar os fiéis; capacidade de diálogo com a cultura; espírito de discernimento; disponibilidade para formar os catequistas leigos e para colaborar com eles; capacidade de conceber com criatividade percursos de educação para a fé.<sup>232</sup>

Como já destacamos anteriormente, a formação catequética dos candidatos a ordem sagrada não pode se resumir a disciplina de catequética ao longo do curso de Teologia, pois a atuação que se espera dos futuros presbíteros exigirá maior conhecimento e envolvimento nos processos catequéticos, sobretudo, na perspectiva da presença, acompanhamento, formação e celebração.

A exigência de uma formação catequética aos seminaristas ganha força com a publicação do Diretório Catequético Geral em 1971. A esse respeito recorde-se o fato de que, em muitos seminários, a matéria foi transmitida desde a estreita perspectiva da catequese infantil. Isso, por sua vez, serviu de pretexto para a improvisação do respectivo professor de catequética<sup>233</sup>.

Desse modo, para cumprir e colaborar verdadeiramente com a missão da Igreja de formar discípulos missionários de Jesus, a formação dos futuros presbíteros precisa ser realizada em linha catequética e na perspectiva da Iniciação à Vida Cristã. Para que isso aconteça, é preciso despertar os formandos desde o começo de sua formação, sobre a necessidade da catequética, favorecendo que ao longo do período de formação no seminário os seminaristas possam fazer uma verdadeira e profunda experiência de amadurecimento da fé.

Nessa perspectiva, corrobora o Documento 107 da CNBB, ao afirmar que:

Os seminaristas precisam ter a oportunidade de conhecer e experimentar o processo de Iniciação à Vida Cristã. Com isso, podem realizar um verdadeiro encontro pessoal com Jesus Cristo na oração com a Palavra, para que estabeleçam com Ele relações de amizade e amor, assegurando um autêntico processo de iniciação espiritual. Seria de grande proveito, que em alguma etapa da formação, o candidato fizesse a experiência de ser catequista e/ou introdutor.<sup>234</sup>

Sendo assim, é crucial que também os jovens que ingressam no seminário realizem uma experiência de iniciação, seja nos processos que envolvem a própria vida do seminário, por meio das etapas da formação, seja na participação da vida das comunidades cristãs por meio das experiências pastorais. O formando é convidado a aderir a Jesus Cristo pela fé, o que comporta consciência da iniciação cristã, a experiência do testemunho e a vivência do mistério sacramental.

---

<sup>232</sup> DC 151.

<sup>233</sup> CELAM, Manual de Catequética, p. 150.

<sup>234</sup> CNBB, Doc. 107, 232.

Os seminaristas necessitam também fazer uma experiência querigmática e mistagógica. Não podemos dar por pressuposto que o jovem chegado ao seminário tenha feito uma boa catequese em sua comunidade. Desta feita, “não se inicia nenhum processo formativo que não tenha como ponto de partida o encontro com Cristo”<sup>235</sup>. O encontro com Jesus Cristo é decisivo para o amadurecimento do candidato ao longo do processo formativo. Nesse sentido, o itinerário formativo, como disposto na nova *Ratio*, é, por assim dizer, um caminho catecumenal, onde o formando vive a experiência de reiniciar a fé por meio das etapas do discipulado e da configuração.

A formação no seminário deve ser um verdadeiro e profundo itinerário discipular, “visando capacitar os futuros presbíteros para o ministério da Palavra, para o ministério do culto e da santificação e para o ministério do pastoreio como serviço ao Reino e à Igreja”<sup>236</sup>. Por conseguinte, as dimensões da formação presbiteral poderão ser iluminadas pelo processo de Iniciação à Vida Cristão com inspiração catecumenal.

A formação inicial pode ser subdividida em quatro grandes etapas: “etapa propedêutica”, “etapa dos estudos filosóficos” ou “do discipulado”, “etapa dos estudos teológicos” ou “de configuração”, e “etapa pastoral” ou “de síntese vocacional”. Ao longo de toda a vida, é-se sempre “discípulo”, com a aspiração constante de “configurar-se” a Cristo, a fim de exercer o ministério pastoral. Trata-se, de fato, de dimensões constantemente presentes na caminhada de cada seminarista, dedicando-se maior atenção ora a uma ora a outra em diferentes momentos ao longo percurso do caminho formativo, sem jamais descuidar as restantes.<sup>237</sup>

Muitas vezes, é perceptível que, durante o processo de discernimento vocacional, a ênfase seja dada às notas de desempenho dos seminaristas nas faculdades de teologia e filosofia. Desse modo, é comum que o aspecto pastoral seja negligenciado em alguns casos. A experiência pastoral do jovem formando é fundamental para uma avaliação autêntica no processo formativo.

No entanto, as etapas do discipulado e da configuração “indicam o enfoque a fim de ressaltar que esses períodos não devem ser resumidos nem avaliados apenas em sua dimensão intelectual, como poderia sugerir a terminologia utilizada:

---

<sup>235</sup> CNBB, Doc. 110, 66a.

<sup>236</sup> CNBB, Doc. 110, 60.

<sup>237</sup> RFIS 57.

fase dos estudos filosóficos e teológicos”<sup>238</sup>. A apresentação das dimensões da formação representa o horizonte no qual se enquadra a proposta de uma formação integral. “Não pode ser imaginada apenas como uma formação intelectual que se tornaria simplesmente erudição ou transmissão de noções, talvez até relevantes, mas pouco incisivas para a mudança de estilo do presbítero”<sup>239</sup>

Apesar disso, para atender às necessidades de cada uma das dimensões como um todo, convém que “a comunidade formativa elabore formas de avaliação para cada dimensão em cada etapa da formação, a fim de que os seminaristas saibam o que se espera deles no final de cada etapa de acordo com os objetivos traçados no processo formativo”<sup>240</sup>. Não queremos desconsiderar a dimensão intelectual na formação inicial, mas reconhecer o valor que cada dimensão tem na formação dos futuros presbíteros para que todas estejam integradas no processo formativo dos seminários.

O conceito de formação integral reveste a máxima importância, enquanto é a mesma pessoa na sua totalidade, com tudo o que é e com tudo o que possui, a estar ao serviço do Senhor e da comunidade cristã. Aquele que é chamado é um “sujeito integral”, ou seja, um indivíduo previamente escolhido para alcançar uma sólida interioridade, sem cisões ou dicotomias. Para atingir tal objetivo, é necessário adotar um modelo pedagógico integrado: um caminho que consinta à comunidade educativa colaborar com a ação do Espírito Santo, garantindo o justo equilíbrio entre as diversas dimensões da formação.<sup>241</sup>

A formação pastoral é uma das dimensões fundamentais na formação dos futuros presbíteros, a qual deve se “irradiar a todos os campos e atividades da vida do Seminário”<sup>242</sup>. É na vida pastoral que se concretiza o ministério presbiteral. Não se trata do mero formalismo ou das atividades que o presbítero realiza, mas a configuração da sua vida que é serviço, doação, renúncia, caridade em favor do povo a ele confiado. Como Jesus de Nazaré, o presbítero é aquele que foi enviado para servir com disposição na construção do Reino de Deus.

É na vida pastoral que o presbítero encontra seu lugar. Assim, deixa-se identificar e se revela à toda Igreja pela missão desempenhada, pela Caridade Pastoral realizada diante do presbitério ou de sua comunidade religiosa. Busca-se formar e, de um jeito ou de outro, como pessoa, apresenta destaque ao que realmente é importante na sua vida, não se deixando levar por isto ou aquilo, mas simplesmente pelo Cristo, por

<sup>238</sup> CNBB, Doc. 110, 59.

<sup>239</sup> CENTRELLA, F., *La formazione catechistica dei presbiteri*, p. 18.

<sup>240</sup> CNBB, Doc. 110, 76.

<sup>241</sup> RFIS 92.

<sup>242</sup> PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA, *A formação sacerdotal nos seminários*, 37.

tudo proposto pela Igreja para seu crescimento pessoal e discernimento vocacional.<sup>243</sup>

A Igreja, por sua vez, convida a todos a recomeçar a partir de Jesus Cristo. Aqui está o primeiro e decisivo passo para a verdadeira renovação que se espera de cada cristão: por Jesus Cristo no centro da fé. Isso também implica na formação dos futuros presbíteros, “precisamos voltar para o que é a fonte e a origem da Igreja: só isso justifica sua presença no mundo”<sup>244</sup>.

O sacerdote, não somente “aprende a conhecer Cristo”, mas, sob a ação do Espírito Santo, ele encontra-se inserido no interior de um processo de gradual e contínua configuração a Jesus, no seu ser e no seu agir, que constitui um permanente desafio ao crescimento interior da pessoa.<sup>245</sup>

Todo esse processo deve ser vivenciado com profunda consciência da missão a ser assumida. O ideal é que os futuros presbíteros sejam formados conscientes de sua missão como catequistas das comunidades que lhe serão confiadas. Padres que amem a catequese e que não apenas deleguem essa missão aos catequistas. Assim, ou formamos os futuros presbíteros conscientes dos desafios da evangelização e abertos aos processos catequéticos, sobretudo da Iniciação à vida Cristã ou não teremos uma renovação das comunidades cristãs.

Na formação dos candidatos ao sacramento da ordem, não pode faltar uma adequada atenção para com a dimensão catequética, pois a função própria que o futuro presbítero exercerá está enraizada na natureza do sacramento que irá receber.

O ministério dos sacerdotes, enquanto unido à Ordem episcopal, participa da autoridade com que o próprio Cristo edifica, santifica e governa o seu corpo. Por isso, o sacerdócio dos presbíteros, supondo, é certo, os sacramentos da iniciação cristã, é, todavia, conferido mediante um sacramento especial, em virtude do qual os presbíteros ficam assinalados com um carácter particular e, dessa maneira, configurados a Cristo sacerdote, de tal modo que possam agir em nome de Cristo cabeça.<sup>246</sup>

A formação pastoral dos futuros presbíteros requer uma instrução cuidadosa sobre questões relacionadas ao ministério, especialmente na catequese, na pregação e no estímulo e encorajamento do ministério dos leigos nas comunidades cristãs, visando promover formas mais eficazes de pastoral. Portanto, é essencial que os

---

<sup>243</sup> LIMA, E. R., Ser presbítero católico: estudo sobre a identidade, p.59.

<sup>244</sup> ALEIXANDRE, D.; VELASCO, J.M.; PAGOLA, J. A., Olhos fixos em Jesus, p. 132.

<sup>245</sup> RFIS 80.

<sup>246</sup> PO 2c.

seminaristas aprendam a arte do apostolado não apenas teoricamente, mas também na prática, para que possam agir com responsabilidade própria e em colaboração com os outros.

O Decreto *Optatam Totius*, sobre a formação sacerdotal, afirma:

A solicitude pastoral que deve informar toda a formação dos alunos, pede também que eles sejam instruídos no que respeita especialmente ao sagrado ministério, sobretudo na catequese, na pregação, no culto litúrgico e na administração dos sacramentos, nas obras de caridade, no dever de ir ao encontro dos incrédulos e dos errantes, assim como nos restantes deveres pastorais. Sejam cuidadosamente instruídos na arte da direção das almas, pela qual possam, primeiro que tudo, formar os filhos da Igreja numa vida cristã consciente e apostólica e levá-los ao cumprimento dos deveres próprios do seu estado.<sup>247</sup>

A formação catequética dos futuros presbíteros poderá despertar novos presbíteros conscientes de sua missão catequética, articuladores dos processos de iniciação, promotores dos ministérios e facilitadores da formação dos catequistas de suas comunidades. Por isso, é preciso encantar e envolver os presbíteros para com a catequese, eles precisam descobrir a alegria de iniciar, a alegria que significa formar discípulos missionários. De fato, “o seminário se constitui num período e numa comunidade de formação decisiva para um projeto de presbíteros discípulos missionários de Jesus Cristo”<sup>248</sup>.

A formação catequética dos futuros presbíteros é crucial para garantir que as orientações do magistério católico sejam devidamente implementadas nos seminários. Ao longo das últimas décadas, várias intervenções investigativas, análises e pesquisas têm sido realizadas para compreender o lugar ocupado pela catequese nos planos de formação dos seminários. Alguns estudos têm buscado avaliar a eficácia da formação catequética, identificar áreas de melhoria e propor diretrizes para aprimorar a preparação dos futuros presbíteros.

A disciplina de catequética nos cursos de teologia, ainda enfrenta desafios com programas incertos e teóricos, falta de tempo disponível e desconexão com a prática catequética. “Percebe-se a necessidade de reestruturar os estudos teológicos, promovendo uma abordagem interdisciplinar e uma finalidade pastoral mais autêntica na formação dos seminaristas”<sup>249</sup>.

---

<sup>247</sup> OT 19.

<sup>248</sup> CNP, Presbítero: Discípulo-Missionário de Jesus Cristo na América Latina, p. 24.

<sup>249</sup> BRODOLONI, P., La Formazione Catechetica Nei Seminari Maggiori Italiani. In. <http://web.tiscali.it/Catechetica/interventi/Brodoloni%201.htm>.

O catequeta Italiano, Ubaldo Gianetto, retomou as pesquisas do Grupo Italiano de Catequese<sup>250</sup> na década de 1990 para investigar por que a catequese enfrenta dificuldades em ser plenamente integrada nos currículos teológicos dos seminários. A pesquisa de Gianetto trouxe questões significativas sobre a relação entre a catequese e os currículos teológicos nos seminários.

As observações de Gianetto apontam para a importância da formação catequética nos currículos teológicos, destacando a necessidade de uma abordagem mais abrangente e integrada. Ele destaca “a prevalência de uma abordagem doutrinária excessiva na formação teológica, que se concentra principalmente na transmissão de conteúdos teológicos, relegando a formação pastoral e catequética para estágios posteriores e muitas vezes precários”<sup>251</sup>.

Gianetto aponta para a contradição observada nos currículos dos cursos de teologia que, apesar de tentar dar destaque aos problemas pastorais, coloca o ano dedicado a esse fim no final dos estudos teológicos. Para tanto sugere que “a formação catequética deveria iniciar nos primeiros anos do seminário e continuar ao longo do tempo, influenciando positivamente os demais estudos teológicos e contribuindo para a formação cristã dos seminaristas”<sup>252</sup>.

Por fim, enfatiza a falta de professores qualificados na área da catequese, ressaltando a disparidade entre os esforços destinados à formação em outras áreas das disciplinas teológicas e aqueles destinados à formação de professores especialistas em catequese.

Confirmado a perspectiva levantada por Gianetto, Brodoloni, afirma:

É fundamental, nesse sentido, intensificar o diálogo interdisciplinar, entendido não simplesmente como o compromisso de "colorir" as várias ciências teológicas com o cuidado pastoral, mas como um verdadeiro vínculo educativo entre todas as ciências do currículo teológico (ciências teológicas, antropológicas, metodológicas). Será precisamente a catequese que deverá assumir a tarefa de promover a abertura de cada uma das disciplinas a uma possibilidade objetiva de diálogo, com vistas à evangelização.<sup>253</sup>

---

<sup>250</sup> L. SORAVITO, O Ensino da Catequese nas Faculdades e Seminários Teológicos. In Gruppo Italiano Catecheti, *Catechetica: identità e compiti*, p. 28.

<sup>251</sup> L. SORAVITO, O Ensino da Catequese nas Faculdades e Seminários Teológicos. In Gruppo Italiano Catecheti, *Catechetica: identità e compiti*, p.34.

<sup>252</sup> L. SORAVITO, O Ensino da Catequese nas Faculdades e Seminários Teológicos. In Gruppo Italiano Catecheti, *Catechetica: identità e compiti*, p. 39.

<sup>253</sup> BRODOLONI, P., La Formazione Catechetica Nei Seminari Maggiori Italiani. In. <http://web.tiscali.it/Catechetica/interventi/Brodoloni%201.htm>.



Tendo em vista a contribuição de Gianetto e Brodoloni para esta pesquisa, algumas questões práticas, permanecem: a necessidade de revisão dos projetos formativos dos Seminários, os currículos dos Institutos Teológicos e Faculdades Católicas para a elaboração de materiais essenciais para a catequese básica e a capacitação de professores de catequética para os cursos de teologia.

Como já afirmamos anteriormente, não se trata apenas da inclusão de uma disciplina nos cursos de teologia, mas de fomentar, nos seminários e centros de formação, um diálogo, uma reflexão teológica e uma investigação mais aprofundada sobre o tema fundamental da formação catequética dos futuros presbíteros. Sobremaneira a atuação de novos presbíteros comprometidos com as ações catequéticas dependerá dos projetos formativos assumidos pelas casas de formação.

### **3.3.2.**

#### **A responsabilidade dos futuros presbíteros para com a catequese**

Para tratarmos da responsabilidade dos futuros presbíteros para com a catequese, apresentaremos a perspectiva que os principais documentos da Igreja estabelecem como função própria dos presbíteros na tarefa catequética. Destarte, para que a dimensão catequética seja assumida como parte da missão própria do futuro presbítero, é fundamental que se estabeleça desde o início de sua formação uma adequada compreensão da dimensão catequética.

Trata-se de despertar para o fato de que o futuro da Igreja passa pela catequese e de que a qualidade da atuação dos catequistas de hoje se reflete na autenticidade do ministério vivido pela parte do presbítero, de tal forma que, se a sua compreensão e dedicação é limitada, também será limitada a compreensão e a vivência da catequese na comunidade local.<sup>254</sup>

O Decreto *Presbyterorum Ordinis*, destaca que o presbítero, como primeiro colaborador do Bispo, é um educador na fé, e deve “cuidar por si ou por outros que cada fiel seja levado, no Espírito Santo, a cultivar a própria vocação segundo o Evangelho”<sup>255</sup>. Deste modo, enquanto colaborador e enviado do Bispo, “o presbítero, tem a responsabilidade de animar, coordenar e dirigir a atividade

<sup>254</sup> CARVALHO, W. F.; DANTAS, A. T., *Iniciação à vida cristã: da intuição à decisão pastoral*, p. 99.

<sup>255</sup> PO 6.

catequética da comunidade que lhe está confiada”<sup>256</sup>. Para tanto, é importante integrar a atividade catequética ao processo de evangelização da comunidade, garantindo, antes de tudo, “a comunhão da catequese da própria comunidade com a pessoa do Bispo, com a Igreja particular e com a Igreja universal”<sup>257</sup>.

A referência ao magistério do Bispo no único presbitério diocesano e a obediência às orientações que, em matéria de catequese e para o bem dos fiéis, são emanadas por cada pastor e pelas Conferências episcopais, constituem para o sacerdote elementos a serem valorizados na ação catequética.<sup>258</sup>

Os presbíteros têm a missão de discernir e promover a vocação e o ministério dos catequistas. Percebe-se, que embora como primeiro colaborador do Bispo, os presbíteros não estão isolados ou são os únicos responsáveis pela catequese em sua comunidade. De tal modo que, assim como os presbíteros são os primeiros colaboradores do bispo na paróquia, os catequistas são os primeiros colaboradores dos padres nas comunidades.

O decreto *Presbyterorum Ordinis*, especifica o que cabe aos presbíteros no exercício do ministério, enquanto educadores da fé:

Cuidar por si ou por outros que cada fiel seja levado, no Espírito Santo, a cultivar a própria vocação segundo o Evangelho, a uma caridade sincera e operosa, e à liberdade com que Cristo nos libertou. De pouco servirão as cerimônias, embora belas, bem como as associações, embora florescentes, se não se ordenam a educar os homens a conseguir a maturidade cristã. Os presbíteros ajudá-los-ão a promoverem esta maturidade, para que até nos acontecimentos, grandes ou pequenos, consigam ver o que as coisas significam e qual é a vontade de Deus.<sup>259</sup>

Os presbíteros, em virtude da missão recebida pelo sacramento da Ordem, assumem uma função catequética, são educadores da fé em uma comunidade, por isso, devem exercer o ministério conscientes dessa missão, pois não receberam o ministério apenas para serem ministros do culto e dos sacramentos, mas por consagração, se tornaram autênticos educadores da fé.

Por um lado, ele atua como catequista, ou seja, deve estar envolvido na tarefa direta da catequese, acompanhando um grupo de pessoas com competência e autenticidade. Por outro lado, ele não deve ser um mero organizador e animador da tarefa catequética paroquial, mas por ser o primeiro catequista da comunidade, buscará

<sup>256</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros, 65.

<sup>257</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros, 65.

<sup>258</sup> JOÃO PAULO II, PP., Discurso aos participantes no Congresso «Os presbíteros e a catequese na Europa», n. 3.

<sup>259</sup> PO 6b.

espaços e meios para exercer seu ministério com aqueles que participam dos processos catequéticos.<sup>260</sup>

Quando exercem o ministério como dom, os presbíteros correspondem com generosidade à missão de Jesus Cristo, o Catequista por excelência. Não obstante, podemos dizer que, Jesus é o mistagogo do Pai, assim, o presbítero, continuador da sua missão, deve ser o mistagogo do filho. “O presbítero é um homem de Deus e precisa, mais do que qualquer outro cristão, crescer em intimidade e união com Ele até chegar à plenitude de Cristo Mestre, Sacerdote e Pastor”<sup>261</sup>.

Deste modo, o ministério do presbítero é, sobretudo, o da mistagogia, isto é, ele deve conduzir os fiéis ao mistério de Deus. Por sua vez, a vida no seminário deveria ajudar a cultivar a dimensão mistagógica do futuro presbítero, que só poderá exercer a caridade pastoral e o ministério da mistagogia no meio do povo, se for capaz de realizar o encontro pessoal com o Deus vivo.

O Diretório Geral para a Catequese apresenta cinco responsabilidades para os presbíteros na missão catequética<sup>262</sup>. A primeira delas é a de suscitar o senso de responsabilidade comum na comunidade cristã para com a catequese, como tarefa que envolve todos, assim como o reconhecimento e o apreço para com os catequistas e a missão que desempenham.

Na segunda responsabilidade, atribuída aos presbíteros, está o cuidado com relação a impostação de fundo da catequese e da sua adequada programação, contando com a participação ativa dos próprios catequistas, e estando atento para que ela seja bem estruturada e bem orientada.

Promover e despertar as vocações para o serviço catequético surge como terceira responsabilidade atribuída ao presbítero, como catequista dos catequistas, cuidando da formação dos catequistas com maior empenho e dedicação.

A quarta responsabilidade do presbítero é integrar a ação catequética no projeto evangelizador da comunidade, cuidando, em particular, do liame entre catequese, sacramentos e liturgia.

Por fim, a quinta responsabilidade, apontada pelo diretório é assegurar a conexão entre a catequese, a sua comunidade e os planos pastorais diocesanos, ajudando os catequistas a se fazerem cooperadores ativos de um projeto diocesano

<sup>260</sup> GALVÁN, F. R., El sacerdote y la catequesis: Las tareas específicas que todo presbítero debe realizar en la catequesis. In. Revista Actualidad Catequética, p. 52.

<sup>261</sup> OSIB, Presbíteros segundo o coração de Jesus para o mundo de hoje, p. 63.

<sup>262</sup> DGC 225.

comum.

Confirmando e ampliando as responsabilidades apresentadas pelo Diretório Geral para a Catequese, o Diretório Nacional de Catequese da Igreja do Brasil em seu número 249, apresenta algumas tarefas dos presbíteros em relação a catequese, principalmente como tarefa atribuída aos párocos, mas que se estendem a todos os presbíteros.

Como primeira tarefa o diretório aponta para a importância de que haja entusiasmo pela catequese, a fim de que os catequistas se sintam apreciados. Essa abordagem é essencial, pois motiva a comunidade de fé a receber e fortalecer a missão da catequese, especialmente dos catequistas. Ao dar importância a essa perspectiva na comunidade, os presbíteros poderão colher muitos benefícios desse processo. A comunidade cristã se renova à medida que se abre para essa abordagem. A valorização dos catequistas se concretiza por meio da confiança e do acolhimento por parte dos presbíteros.

Participar ativamente da catequese em um ambiente de diálogo com a coordenação, incentivando a formação dos catequistas e apoiando as famílias. Os padres que preparam bons catequistas para suas comunidades poderão colher bons resultados de sua missão.

Quanto mais se fortalece a compreensão da missão dos catequistas na Igreja, mais urgente se torna o crescimento da comunhão entre os diversos ministérios da comunidade eclesial. Dessa forma, estimular a vocação dos catequistas é reconhecer a riqueza ministerial que está a serviço da evangelização. Incentivar e apoiar a vocação catequética, auxilia os catequistas a desempenhar este ministério com dedicação e fidelidade. A missão do presbítero é ser o principal incentivador dos diferentes dons e ministérios na comunidade, incumbindo-lhe o reconhecimento, promoção e coordenação desses dons.

Despertar na comunidade o sentimento de compromisso com a catequese. A catequese é tarefa de toda a comunidade eclesial. Desse modo, leigos e pastores devem sempre caminhar juntos colocando os seus dons a serviço. Dos presbíteros, se requer que sejam instrumentos de união das diversas experiências eclesiais, buscando a vivência de uma verdadeira pastoral de conjunto.

Permanecer atento à excelência da mensagem, à metodologia, ao aprimoramento da leitura bíblica, à dimensão antropológica da catequese; ao engajamento da catequese na transformação da realidade social. Destarte, cabe ao

presbítero animar a todos para que cada um viva responsabilmente a sua pertença na comunidade, colocando-se ao seu serviço de forma afetiva e efetiva, procurando o aprofundamento da experiência de fé que a catequese pode proporcionar por meio da escuta e meditação das Sagradas Escrituras, bem como aprendendo a se sensibilizar com as várias necessidades da comunidade, sejam aquelas de natureza pastoral ou não.

Incorporar a catequese ao plano de evangelização, em estreita conexão com a liturgia e o engajamento social. Por isso, na atenção dos presbíteros deve estar como prioridade a formação dos leigos e leigas para que vivam sua vocação e missão de protagonistas da evangelização, levando-os a se colocarem a serviço da promoção de uma sociedade justa e solidária, capacitando-os para o diálogo religioso.

Garantir a inclusão da catequese nos planos diocesanos. Essa perspectiva é fundamental para garantir a unidade do processo catequético e para que, de fato, a dimensão catequética seja levada a sério, bem como seja proporcionado ao clero e a todas as comunidades as diretrizes do que se espera da catequese para a ação evangelizadora. Utilizar dessa integração favorece o desenvolvimento das atividades catequéticas.

Cuidar para que as diretrizes pastorais e catequéticas em nível diocesano sejam implementadas. Para que isso ocorra é necessário que os presbíteros tenham responsabilidade e compromisso com a missão que receberam, sobretudo, no tocante a vivência da unidade e no comprometimento para com as orientações pastorais de suas Igrejas particulares. Para tanto, a relação com o bispo é condição indispensável, pois o padre não é dono da comunidade, pelo contrário, ele está a serviço da comunidade em nome do bispo.

Apoiar financeiramente a formação de catequistas e outras despesas relacionadas à catequese. No que concerne à formação dos catequistas, é bem verdade que o discurso da Igreja não corresponde à relação de grande parte de nossas paróquias e comunidades. O que se vê na prática é o descuido, o pouco (ou quase nenhum) investimento na formação dos catequistas. Enquanto a Igreja investe muito na formação do clero, na formação do catequista que vai continuar a ação, ela investe pouco.

Estas indicações confirmam o que os documentos já falavam da formação catequética dos futuros presbíteros. Diante da compreensão da Igreja para com a formação catequética dos presbíteros, e o que se espera de sua atuação no âmbito

catequético, pode-se perceber que muito ainda se tem a fazer para que a catequese seja valorizada e receba a devida atenção, sobretudo, na formação dos futuros presbíteros<sup>263</sup>.

Nesse sentido, é fundamental que as dioceses colaborem também com essa missão por meio de um trabalho conjunto com os vocacionados, seminaristas, presbíteros, diáconos, religiosos, catequistas e membros da comunidade, em comunhão com o bispo.

Na diocese, a catequese é um serviço único. Toda a comunidade cristã deve sentir-se responsável por este serviço. Ainda que os sacerdotes, religiosos e leigos realizem em comum a catequese, fazem-no em modo diferenciado, cada qual segundo a sua particular condição na Igreja. Através deles, na diferença das funções de cada um, o ministério catequético oferece, de modo completo, a Palavra e o testemunho da realidade eclesial. Se faltasse qualquer uma dessas formas de presença, a catequese perderia parte da própria riqueza e do próprio significado.<sup>264</sup>

O Código de Direito Canônico aponta algumas responsabilidades dos presbíteros com relação à catequese, de modo especial, aos que exercem a função de párocos.

O pároco, em razão do ofício, tem obrigação de procurar a formação catequética dos adultos, dos jovens e das crianças; para tanto solicite a colaboração dos clérigos adscritos à paróquia, dos membros dos institutos de vida consagrada e das sociedades de vida apostólica, tendo em consideração a índole de cada instituto, e ainda dos fiéis leigos, principalmente dos catequistas; todos estes não se recusem a prestar de boa vontade a sua cooperação, a não ser que estejam legitimamente impedidos. Promova e fomenta o papel dos pais na catequese familiar.<sup>265</sup>

Ainda como responsabilidades essenciais para os párocos, o Código sugere cinco pontos de atenção para que procurem acompanhar de forma efetiva a dimensão catequética.

1.º que se ministre uma catequese apropriada, para a celebração dos sacramentos; 2.º que as crianças, graças à formação catequética ministrada durante o tempo conveniente, se preparem devidamente para a primeira recepção dos sacramentos da penitência e da santíssima Eucaristia, e bem assim para o sacramento da confirmação; 3.º que as mesmas, depois de feita a primeira comunhão, recebam uma formação catequética mais ampla e aprofundada; 4.º que a instrução catequética, na medida em que a sua condição o permita, seja também ministrada aos deficientes do corpo ou do espírito; 5.º que a fé dos jovens e dos adultos seja preservada, esclarecida

---

<sup>263</sup> A exigência de uma formação catequética aos seminaristas ganhou força, embora de forma lenta e progressiva, com a publicação do Diretório Catequético Geral em 1971.

<sup>264</sup> DGC 219a.

<sup>265</sup> CDC 776.

e desenvolvida por formas e iniciativas várias.<sup>266</sup>

Diante do exposto, fica evidente, que a experiência pastoral da Igreja no que diz respeito a atividade catequética desde os seus primórdios até hoje, de modo especial ao que se refere a qualidade da formação da comunidade eclesial missionária, depende, sobremaneira, da missão atuante dos presbíteros. Para tanto, essa atuação precisa estar em sintonia aos anseios da Igreja do Terceiro Milênio, que busca ser uma Igreja Sinodal. Assim, a formação presbiteral deverá considerar a Sinodalidade nos percursos formativos.

---

<sup>266</sup> CDC 777.

#### 4.

### NOVA CONFIGURAÇÃO PARA A ATUAÇÃO DOS FUTUROS PRESBÍTEROS

Este último bloco de reflexão busca apresentar uma nova configuração para a atuação dos futuros presbíteros a partir de sua formação catequética. O que se almeja, de fato, é explicitar aquilo que se espera da atuação dos novos padres diante das exigências que se impõe ao ministério presbiteral e a própria compreensão da missão do presbítero no mundo contemporâneo.

Depois de refletir sobre os desafios que interpelam a formação e a missão dos futuros presbíteros no mundo contemporâneo e nos determos na formação de sua identidade em vista da dimensão catequética de sua formação iremos apresentar o que se espera de sua atuação hoje. A análise que nos propusemos fazer até aqui ajuda-nos a definir essa nova configuração para a atuação dos futuros presbíteros em linha catequética.

Partimos, portanto, da inspiração do Documento de Aparecida e da formação catequética dos futuros presbíteros para estabelecermos uma nova configuração de sua atuação. O Povo de Deus sente necessidade de presbíteros missionários, que sejam discípulos, servidores, misericordiosos e amigos dos pobres<sup>267</sup>.

Aparecida apresentou uma importante contribuição para a formação dos discípulos missionários. Tal itinerário é plenamente apropriado para definir e explicar o itinerário da Formação Presbiteral. Em suma, o documento destaca cinco aspectos fundamentais, que se completam intimamente e se alimentam entre si. Tais aspectos, podem ser tomados e tratados como etapas complementares de um itinerário progressivo de formação cristã e que iluminará uma proposta formativa integral. A seguir apresentamos os aspectos propostos<sup>268</sup>:

1) *Encontro com Cristo*: É o querigma, aspecto, etapa e fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo. “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou por uma grande ideia, mas através de um encontro com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”<sup>269</sup>.

---

<sup>267</sup> CNBB, Doc. 110, 381.

<sup>268</sup> DAp 278.

<sup>269</sup> DCE 12.



2) *Conversão*: É o aspecto e a etapa da resposta inicial. Quem se encontrou com o Senhor, decide mudar sua forma de pensar e de viver e fazer-se discípulo de Jesus Cristo.

3) *Discipulado*: É o aspecto e a etapa da aprendizagem, isto é, do aprofundamento da resposta inicial, ou seja, do amadurecimento do conhecimento, do amor e do seguimento de Jesus, e de sua pessoa, sua doutrina e seu exemplo.

4) *Comunhão*: É o aspecto e a etapa da integração em uma comunidade de discípulos de Jesus Cristo. “A fé é ato pessoal (...). Ela não é, porém, ato isolado. Ninguém pode crer sozinho, assim como, ninguém pode viver sozinho. Ninguém deu a fé a si mesmo, assim como ninguém deu a vida a si mesmo”<sup>270</sup>.

5) *Missão*: O discípulo, à medida que cresce na experiência do encontro com Cristo, em comunidade, sente sempre maior necessidade de anunciá-lo, ou seja, ser enviado, ir pelo mundo, tornar realidade o Reino de Deus: “Ai de mim, se eu não evangelizar” (1Cor 9,16).

A formação é um processo progressivo, que segue um itinerário igualmente progressivo. Tudo indica que o itinerário da formação do discípulo missionário pode perfeitamente ser aplicado ao processo da formação presbiteral, tanto para a formação inicial, quanto para a formação permanente.

O processo formativo dos futuros presbíteros, inspirado nas indicações de Aparecida<sup>271</sup>, deve colaborar com a formação de presbíteros catequistas e missionários, mas de missionários catequistas que sejam discípulos, servidores, misericordiosos e amigos dos pobres. Assim, o que se espera da atuação dos futuros presbíteros, sobretudo daqueles que assumirem a proposta de uma formação catequética, é que sejam capazes de ser discípulos, nunca se cansar de fazer a experiência pessoal com o verdadeiro mestre, Jesus Cristo.

Diante dessa nova configuração, no recorte desta pesquisa, propomos que os presbíteros sejam articuladores da comunidade nos processos de iniciação à Vida Cristã, sendo capazes de promover os diversos ministérios na comunidade, por meio da interrelação entre serviços e ministérios, destacando a dimensão catequética dos mesmos. Por fim, o futuro presbítero precisará reconhecer a necessidade de

---

<sup>270</sup> CIC 166.

<sup>271</sup> O Documento de Aparecida trata das dimensões da formação presbiteral nos números 319 a 324. Afirma que é necessário que o Projeto Formativo ofereça aos candidatos à vida presbiteral um verdadeiro processo integral, que envolva: Formação humana, comunitária, espiritual, intelectual e pastoral. Consagra, pois, as cinco clássicas dimensões da formação presbiteral (DAp 324).

aprofundar a sua formação inicial na formação permanente em vista de sua atuação em uma Igreja em saída e sinodal.

De modo nenhum a proposta dessa pesquisa quer sugerir que o presbítero substitua o lugar do catequista no processo de educação da fé. Pelo contrário, o que se espera é que ele seja promotor da vocação dos catequistas e possa ser um harmonizador dos diversos ministérios na comunidade, sobretudo, dos ministérios na Iniciação à Vida Cristã.

#### 4.1.

#### **O futuro presbítero articulador da comunidade nos processos de Iniciação à Vida Cristã.**

O documento 107 da CNBB ao se referir aos sujeitos da Iniciação à Vida Cristã, destaca que, principalmente aos “párocos, compete cuidar para que os processos formativos de suas comunidades passem do estilo de instrução para o de iniciação que leva ao encontro pessoal com Jesus Cristo, à inserção na comunidade e ao zelo apostólico”<sup>272</sup>.

Com esse propósito, o documento enfatiza que a eficácia desse processo depende do acolhimento dos párocos. Desse modo, é necessário que tenham conhecimento e até façam a experiência do processo de iniciação, o que garantirá uma postura de maior receptividade e motivação para configurar os processos formativos das comunidades na perspectiva da Iniciação à Vida Cristã.

O envolvimento dos presbíteros e de toda a comunidade na dinâmica do processo de iniciação é indispensável para que seja possível fortalecer os vínculos necessários e surjam comunidades verdadeiramente catequizadoras. De todo modo, “desde o contexto da renovação conciliar, ressoa o chamado da Igreja aos presbíteros para que exerçam a tarefa formativa dos catequistas, como imperativo pastoral de primeira ordem”<sup>273</sup>.

O Diretório Nacional de Catequese da Igreja no Brasil, afirma que: “a iniciação cristã não deve ser obra somente dos catequistas ou dos presbíteros, mas da comunidade de fiéis”<sup>274</sup>. Esta base tripla do processo de educação da fé em

---

<sup>272</sup> CNBB, Doc. 107, 230.

<sup>273</sup> CELAM, Manual de catequética, p. 153.

<sup>274</sup> DNC 237.

nossas comunidades: presbíteros, catequistas e comunidade de fiéis, é essencial no processo de Iniciação à Vida Cristã, visto que representa um dos caminhos de conversão pastoral na vida da Igreja, que poderá despertar para uma nova vivência da fé em uma comunidade de verdadeiros discípulos de Jesus Cristo.

Portanto, trata-se de repensar a dimensão comunitária e eclesial internamente para que possa abrir-se mais para a dimensão missionária.

A iniciação cristã dá a possibilidade de uma aprendizagem gradual no conhecimento, no amor e no seguimento de Cristo. Dessa forma, ela forja a identidade cristã com as convicções fundamentais e acompanha a busca do sentido da vida. É necessário assumir a dimensão catequética da iniciação cristã. Uma comunidade que assume a iniciação cristã renova sua vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes pastorais por parte dos bispos, presbíteros, diáconos, pessoas consagradas e agentes de pastoral.<sup>275</sup>

A Iniciação à Vida Cristã não é uma das tantas atividades existentes na Igreja, mas a atividade eclesial que gera novos membros à vida de fé. Diante dessa realidade, a Igreja tem discutido e elaborado muitos documentos visando a uma renovação de sua atividade pastoral. No entanto, apesar dos esforços empreendidos, pouco se tem visto o arcabouço teórico ser colocado em prática.

Na verdade, são muitos documentos que, na maioria das vezes, não são nem lidos, ou até mesmo não chegam ao conhecimento de todos, inclusive uma expressiva parcela do clero chega a desconsiderar alguns documentos emanados da Conferência Episcopal Brasileira, bem como do Magistério do Papa Francisco.

Não assumem a Igreja como ‘hospital de campanha’, nem estão preparados para novas rotas, pois creem que a função deve preceder a missão. Alguns membros do clero pensam de forma monolítica, autoritária e temem a colegialidade e o diálogo. Particularmente solitários são os do clero diocesano em casas cômodas e fechadas. Sem entender a época de mudanças na qual estão mergulhados, vivem encastelados nas paróquias ou articulados aos movimentos de Cristandade.<sup>276</sup>

Faz-se necessário refletir o porquê das propostas eclesiais que visam à reestruturação da pastoral serem tão ignoradas, principalmente por grande parcela do clero, e, também, mostrar que muito se perde em continuar apostando em uma estrutura que não gera encontro com Jesus e, conseqüentemente, não forma cristãos autênticos.

---

<sup>275</sup> DAp 291.

<sup>276</sup> BRIGHENTI, A., O novo rosto do clero, p. 228.

As comunidades necessitam de ministros e ministras que cumpram a missão da evangelização, sem dividir o coração por falas idolátricas e comodismo inercial. As comunidades sustentadas pela graça do Espírito Santo, pelos sacramentos e pela ação dos/as missionários/as, catequistas, diáconos, presbíteros, da vida religiosa consagrada e bispos, precisam reinventar-se, com urgência. [...] Será preciso obedecer a Deus e discernir o que Ele está pedindo aos seguidores de Jesus.<sup>277</sup>

A Iniciação à Vida Cristã com Inspiração Catecumenal propõe uma revisão, não apenas da catequese e o modo de transmissão da fé, mas de todo agir pastoral. A catequese a serviço da iniciação busca renovar não apenas as estruturas internas, mas de maneira ousada toda humanidade que, pelo critério do evangelho busca viver uma conversão diária, formando homens e mulheres que sem cessar buscam a luz do evangelho, dar testemunho do que ouviram e daquilo que experimentaram.

A comunidade cristã, que deve anunciar o querigma no meio do mundo em que vive, para que a semente do Evangelho possa germinar no coração de cada pessoa. É responsabilidade do sacerdote formar e conscientizar todos os crentes para que sejam missionários em seus ambientes, para que possam anunciar a Boa Nova em suas casas e para suas famílias, no mundo do trabalho, em suas relações sociais, estando presentes na vida política, social ou cultural, nos meios de comunicação, etc., para infundir tudo com os valores do Evangelho, através do testemunho de uma vida de fé coerente e caritativa, acompanhada da Palavra salvífica do Senhor. Ao mesmo tempo que encoraja a comunidade a ser missionária, o sacerdote deve sentir-se chamado a evangelizar todos os homens e mulheres através do exercício do seu ministério e da sua presença secular no mundo.<sup>278</sup>

Por conseguinte, a paróquia que assume de fato a iniciação à luz da proposta catecumenal renova suas estruturas. Assumir essa missão, reclama envolvimento e acompanhamento dos presbíteros em todo o processo catequético da comunidade eclesial. Por isso, é válido afirmar que o tempo é favorável, faz-se necessário simultaneamente a “renovação da paróquia e ensaio de novas formas de ser Igreja. Em tempo de pluralismo cultural e religioso, somente a diversidade de formas eclesiais comunitárias responde aos desafios pastorais do momento”<sup>279</sup>.

Prova disso, é apontada pelos próprios presbíteros, ao reconhecerem como serviços pastorais mais importantes a serem desenvolvidos hoje, a necessidade de estabelecimento do processo de iniciação à vida cristã<sup>280</sup>. Porém, o que se identifica na prática pastoral é que o modelo de desenvolvimento dos serviços pastorais não

<sup>277</sup> BRIGHENTI, A., O novo rosto do clero, p. 226.

<sup>278</sup> GALVÁN, F. R., El sacerdote y la catequesis: Las tareas específicas que todo presbítero debe realizar en la catequesis. In. Revista Actualidad Catequética, p. 52.

<sup>279</sup> REINERT, J. F., Paróquia e iniciação cristã, p. 141.

<sup>280</sup> BRIGHENTI, A., O novo rosto do clero, p. 170.

responde aos apelos desse processo<sup>281</sup>. Formar os futuros presbíteros a partir dessa necessidade, torna-se condição fundamental para que tenhamos presbíteros capazes de desenvolver junto às comunidades processos de Iniciação à Vida Cristã.

Assim como a estrutura formativa da iniciação à vida cristã está passando pelo processo de reestruturação, sintetizado no catecumenato, igualmente o modelo formativo dos candidatos ao sacerdócio parece urgir revisão. Lamentavelmente, já desde cedo estes assimilam que serão, no futuro ministério sacerdotal, responsáveis ou proprietários de uma paróquia. O vocábulo em voga, ‘minha paróquia, minha diocese’, deixa transparecer, inconsciente ou não, certa mentalidade de superioridade, sob o qual tendem muito pouco à abertura para o trabalho em equipe, a colegialidade e a descentralização. Portanto, a formação permanente dos presbíteros e a inicial dos seminaristas terá de ter como fio condutor o espírito de comunhão e uma nova relação com o conjunto dos interlocutores, não só da paróquia, mas de toda a sociedade.<sup>282</sup>

A mudança de mentalidade dos presbíteros é condição necessária e urgente para que, de fato, as comunidades assumam a dimensão da Iniciação à Vida Cristã como parte de sua missão, e ao mesmo tempo que também se renove em suas estruturas. Assim, uma catequese renovada requer também presbíteros renovados, bem como “uma nova consciência iniciática da comunidade, da identidade e da consciência que requerem tempo para amadurecer”<sup>283</sup>.

O processo de Iniciação à Vida Cristã incide sobre a conversão da comunidade de comunidades missionárias. Ela poderá, assim, vivenciar na prática e de modo adaptado o processo da Iniciação à Vida Cristã, inspirado no itinerário catecumenal proposto pelo RICA, envolvendo ministros ordenados, consagrados e o laicato em um caminho de formação de discípulos missionários.<sup>284</sup>

---

<sup>281</sup> “Era de se esperar que todos na Igreja estivessem sintonizados com a renovação do Vaticano II e que, na América Latina, a tradição eclesial libertadora fosse a perspectiva da ação evangelizadora de todos, ainda que situada no contexto atual. Entretanto, de um olhar analítico sobre a situação da pastoral hoje, podemos identificar pelo menos quatro modelos inconsequentes com a renovação do Vaticano II e o momento atual: a ‘pastoral de conservação’, modelo pré-conciliar do período da cristandade, que volta com força, ignorando a renovação conciliar e tendendo a desconhecer o atual processo de mudanças, repetindo práticas da longa tradição da Igreja, como são a piedade devocional em torno aos santos e a recepção dos sacramentos; a ‘pastoral apologista’, modelo pré-conciliar da neocristandade, que também volta com ares de revanche, com medo de dialogar e assumir os novos sinais dos tempos, rejeitando o Vaticano II e assumindo uma postura apologética frente ao mundo; a ‘pastoral secularista’, que adota uma postura mimética e mercadológica diante da situação atual, crendo que a única saída estaria em fazer a experiência da fé no coração, deixando-se levar pela emoção; e a ‘pastoral liberacionista’, que tende a ignorar as mudanças do contexto atual, crendo que mudar é retroceder e, por isso, aterra-se ao modelo de pastoral das décadas de 1970/1980, sem fazer uma nova recepção no novo contexto. Os três primeiros modelos estão mais presentes nas práticas dos ‘padres novos’ e, o quarto, nas práticas dos ‘padres das décadas de 1970/1980’”. (BRIGHENTI, A., *O novo rosto do clero*, p. 181-182).

<sup>282</sup> REINERT, J. F., *Paróquia e iniciação cristã*, p. 204.

<sup>283</sup> ZANETTI, A., *Iniziazione cristiana e comunità*, p. 33.

<sup>284</sup> CNBB, Doc. 107, 226.

Desta feita, a iniciação de inspiração catecumenal conduzirá a toda à paróquia a viver permanentemente uma experiência evangelizadora que leva a conversão, ao discipulado e a missão. Assumir a catequese de inspiração catecumenal como caminho pedagógico de renovação da paróquia exigirá ousadia e dinamicidade por parte de toda Igreja, sobretudo, dos futuros presbíteros.

À medida que o seminarista passa a compreender e viver o processo de Iniciação à Vida Cristã, seja ao longo do próprio processo formativo ou nas experiências pastorais, amadurece o próprio sentido de Igreja e, com isso, toma consciência dos desafios e alcance da missão eclesial. Essa corresponsabilidade permitirá aos futuros presbíteros uma incorporação, afetiva e efetivamente, nos processos de iniciação cristã nas comunidades.

A catequese de Inspiração catecumenal é uma “experiência de vida cristã que parte do testemunho da comunidade”<sup>285</sup>, pois é a própria comunidade que acolherá os catecúmenos e catequizandos em um ambiente fraterno, repleto do Espírito de Deus. Por isso, os seminaristas devem convencer-se de que o êxito na ação sacramental e pastoral, dependerá, de algum modo, da formação cristã da comunidade. Levar a sério a Iniciação à Vida Cristã é condição necessária para a formação dos futuros presbíteros.

Como já constatado anteriormente o presbítero tem uma função especial no processo de Iniciação à Vida Cristã, sobretudo, por ser “educador do Povo de Deus”<sup>286</sup>, e por ser o ministro que guia a comunidade para o encontro com Jesus Cristo. Assim, os futuros presbíteros precisam ser formados para que tenham plena consciência de sua missão: articular na comunidade os processos de Iniciação à vida Cristã.

De fato, é dos lábios do presbítero que a comunidade espera a Palavra de Deus; dele se espera a mensagem ser comunicada e dele se guarda uma preparação para que a comunidade melhor entenda essa Palavra. Mas a missão do presbítero não se limita a esse comunicar, coincide também com a capacidade de abrir horizontes, lançar flechas, preparar os corações para acomodar essa Palavra. Em síntese, mais do que anunciar, espera-se do presbítero, na sua função de educador da fé, uma preparação do ouvinte por meio da qual ele confronte a sua vida, gere conversão, amadureça na fé e elabora um projeto pessoal de vida.<sup>287</sup>

---

<sup>285</sup> ADMI 61.

<sup>286</sup> PO 6.

<sup>287</sup> CARVALHO, W. F.; DANTAS, A. T., Iniciação à vida cristã: da intuição à decisão pastoral, p. 98.

Precisamos de um espírito novo, uma profunda renovação. Essa vitalidade e renovação vem através da Iniciação à Vida Cristã. Para tanto, nas comunidades cristãs se faz necessário redescobrir o valor da experiência comunitária, o protagonismo do laicato, inserir-se na realidade, a valorização dos ministérios e carismas e a firme decisão pelos mais pobres e marginalizados.

Essa renovação tão necessária acontecerá, se as comunidades eclesiais assumirem a missão de testemunhar na atual sociedade os valores cristãos, sendo sal e luz do mundo. Desse modo, o documento de Aparecida propõe que a renovação paroquial incida na reformulação das estruturas, para que se articulem uma rede de comunidades de modo que os fiéis assumam a missão de serem autênticos discípulos missionários de Jesus Cristo que vivem em comunhão<sup>288</sup>.

Não obstante, a Iniciação à Vida Cristã poderá renovar a perspectiva eclesiológica de comunhão de uma comunidade de fé. Para isso, a missão dos futuros presbíteros será essencial, sobretudo, para favorecer o encontro com Jesus Cristo em comunidade de discípulos. A experiência de fé se concretiza e é amadurecida quando vivida em uma comunidade cristã.

Nesse sentido, “a comunidade é o primeiro ministro da iniciação à vida cristã, isto é, o catequista por excelência, pois é referência para a catequese poder comunicar a mensagem do Evangelho vivida em situações concretas”<sup>289</sup>. Com efeito, a comunidade cristã é sempre convocada a ser sujeito da evangelização.

Sujeito indispensável do processo de Iniciação à Vida Cristã é a comunidade cristã. Ela é responsável pelo rosto que a Igreja vai apresentar a quem dela se aproxima; é necessário recuperarmos esta convicção e com ela sermos coerentes. O processo de Iniciação à Vida Cristã requer a acolhida, o testemunho, a responsabilidade da comunidade. Quem busca Jesus precisa viver uma forte e atraente experiência eclesial. A Iniciação dos chamados ao discipulado se dá pela comunidade e na comunidade<sup>290</sup>.

É imprescindível, portanto, no processo de formação dos seminaristas avaliar a capacidade que os candidatos demonstrem para assumir as exigências da vida comunitária, o que implica o diálogo, capacidade de serviço, humildade, valorização dos carismas alheios, disposição para se deixar interpelar pelos outros, abertura para crescer em comunhão missionária, respeito à unidade na

---

<sup>288</sup> DAp 172.

<sup>289</sup> BORTOLI, Edson De. Pequenas comunidades, lugares de Iniciação à Vida Cristã, p. 42.

<sup>290</sup> CNBB, Doc.107, 106.

diversidade<sup>291</sup>.

Na perspectiva da Iniciação à vida Cristã estruturada a partir do itinerário de inspiração catecumenal, a profissão de fé só pode ser desenvolvida no seio de uma comunidade eclesial. A existência dessa comunidade é essencial para que o processo iniciático aconteça verdadeiramente. Como afirma Reinert, “ a comunidade é por excelência lugar de iniciação cristã. Não se chega a ser cristão sozinho, assim como não se permanece cristão em solidão. Crer na Igreja significa ao mesmo tempo crer em Igreja, isto é, sendo uma comunidade eclesial”<sup>292</sup>.

A comunidade é lugar, fonte e meta da catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã, como afirma o Diretório Nacional de Catequese:

O lugar ou ambiente normal da catequese é a comunidade eclesial. Onde há uma verdadeira comunidade cristã, ela se torna uma fonte viva da catequese, pois a fé não é uma teoria, mas uma realidade vivida pelos membros da comunidade. Neste sentido ela é o verdadeiro audiovisual da catequese. Por outro lado, ao educar para viver a fé em comunidade, esta se torna, também, uma das metas da catequese. O verdadeiro ideal da catequese é desenvolver o processo da educação da fé, através da interação de três elementos: o catequizando, a caminhada da comunidade e a mensagem evangélica<sup>293</sup>.

De maneira mais concreta, tendo por fundamentação o Diretório Catequético Geral, propomos como nova configuração da atuação dos futuros presbíteros, que sejam articuladores dos processos de Iniciação à Vida Cristã na comunidade, capazes de despertar, na comunidade cristã, “o senso de responsabilidade comum para com a catequese”<sup>294</sup>.

O presbítero deve trabalhar para que a comunidade cristã seja evangelizadora e assuma a responsabilidade por este anúncio com os seus atos e palavras, a tempo e fora de tempo, em todos os meandros do mundo em que está inserida, na família, na sociedade, no mundo do trabalho, na cultura, na política... Além do primeiro anúncio querigmático, o sacerdote deve exercer o ministério da Palavra na atividade catequética como tarefa própria. A catequese seria prejudicada sem a participação ativa do sacerdote porque, como pastor da comunidade, ele deve estar promovendo e animando o processo central de iniciação cristã.<sup>295</sup>

Isso implica valorizar a missão que os catequistas desempenham na comunidade e envolver a todos no processo de Iniciação à Vida Cristã, deixando

---

<sup>291</sup> DAp 324.

<sup>292</sup> REINERT, J.F., Paróquia e iniciação cristã, p. 64.

<sup>293</sup> DNC 52.

<sup>294</sup> DGC 225.

<sup>295</sup> GALVÁN, F. R., El sacerdote y la catequesis: Las tareas específicas que todo presbítero debe realizar en la catequesis. In. Revista Actualidad Catequética, p. 44.



claro a responsabilidade de toda a comunidade. Portanto, nem o presbítero, nem os catequistas são os protagonistas da Iniciação à Vida Cristã, mas toda a comunidade de fé.

A catequese é uma responsabilidade de toda a comunidade cristã. A iniciação cristã, de fato, « não deve ser obra somente dos catequistas ou sacerdotes, mas de toda a comunidade dos fiéis ». A própria educação permanente na fé é uma questão que cabe a toda a comunidade. A catequese é, portanto, uma ação educativa, realizada a partir da peculiar responsabilidade de cada membro da comunidade, num contexto ou clima comunitário, rico de relações, a fim de que os catecúmenos e os catequizandos se incorporem ativamente na vida da comunidade.<sup>296</sup>

Por sua vez, os futuros presbíteros deverão “cuidar da orientação de fundo da catequese”<sup>297</sup>, bem como acompanhar a programação dos itinerários catequéticos, junto aos catequistas, para uma boa estruturação dos processos de Iniciação à Vida Cristã na comunidade.

Foi o Concílio que vos chamou «educadores da fé» (PO 6); e de que maneira melhor o podereis ser do que envidando todos os esforços possíveis para o crescimento das vossas comunidades na fé? Quer estejais encarregados duma paróquia, ou sejais assistentes espirituais numa escola, liceu ou universidade, quer sejais responsáveis pela pastoral a qualquer nível, os animadores de pequenas ou grandes comunidades, mas sobretudo de grupos de jovens, a Igreja espera que nada descureis em vista de uma atividade catequética bem estruturada e orientada.<sup>298</sup>

Desta feita, o que se espera da atuação dos futuros presbíteros é que sejam animadores da ação catequética na comunidade, integrando esta ação ao “projeto evangelizador da comunidade, cuidando, em particular, do liame entre catequese, sacramentos e liturgia”<sup>299</sup>, bem como garantir a integração entre a catequese, a sua comunidade e os planos de pastorais diocesanos. Os presbíteros serão os grandes cooperadores para que os catequistas sigam as orientações de um plano diocesano comum.

Ele será o animador e guardião da catequese, para que o crente seja imbuído do mistério de Cristo e se torne, pela sua graça, uma nova criatura que segue Cristo e que pensa e julga a vida segundo os seus critérios. Ao mesmo tempo, cuidará para que os diferentes grupos de catequese estejam unidos. Ele encorajará a comunidade a acolher aqueles que concluíram a catequese, para que encontrem nela um clima

---

<sup>296</sup> DGC 220.

<sup>297</sup> DGC 225. Com relação a esta orientação de fundo que os presbíteros devem colaborar a dar à catequese, o Concílio Vaticano II aponta duas exigências fundamentais: “não ensinar a própria sabedoria, mas a Palavra de Deus” (PO 4) e “expor a Palavra de Deus, não de modo geral e abstrato, mas aplicar a verdade perene do Evangelho às concretas circunstâncias da vida”(PO 4). (DGC 37).

<sup>298</sup> CT 64.

<sup>299</sup> DGC 225.

propício para seguir o caminho que empreenderam e continuar a amadurecer e viver a sua fé, bem como a projetar-se apostolicamente nos seus ambientes.<sup>300</sup>

De fato, os presbíteros fazem toda a diferença na comunidade quando são formados como parte dela e compreendem que dela foram retirados para voltar e servir a esta comunidade. A consciência de caminhar junto à catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã promove uma qualidade muito mais eficaz nos processos iniciáticos. Os futuros presbíteros deverão aprender mais de Jesus de Nazaré, que viveu boa parte do seu ministério e anunciou a Boa Nova do Reino como parte de seu povo.

Jesus de Nazaré, deve ser o grande guia da comunidade cristã, e o presbítero servidor é aquele que se coloca na dinâmica do mestre e envolve a todos. Ninguém poderá se sentir excluído da comunidade dos seguidores de Jesus, que está presente na sua Igreja e em cada comunidade onde se reúnem os que atraídos pela Boa Nova continuam a missão do mestre.

O povo de Deus sente a necessidade de presbíteros-discípulos: que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração; de presbíteros-missionários: movidos pela caridade pastoral que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes, pregando a Palavra de Deus, sempre em profunda comunhão com o Bispo, com os presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos; de presbíteros-servidores da vida: que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos, e promotores da cultura da solidariedade; também de presbíteros cheios de misericórdia: disponíveis para administrar o sacramento da reconciliação.<sup>301</sup>

A Iniciação a vida de fé em uma comunidade cristã, deverá contar sempre com a liderança de presbíteros, que tiveram a oportunidade de na formação inicial fazer uma profunda experiência comunitária, para que também eles possam, configurados a Cristo, como guias de uma comunidade, apoiar e coordenar as diferentes lideranças para que se envolvam em todo o processo catequético. Com isso, podemos concluir que a presença dos presbíteros dá segurança aos catequistas, introdutores e iniciados, quando ele mesmo é capaz de com a sua vida, testemunhar a alegria do seguimento a Jesus Cristo.

---

<sup>300</sup> GALVÁN, F. R., El sacerdote y la catequesis: Las tareas específicas que todo presbítero debe realizar en la catequesis. In. Revista Actualidad Catequética, p. 45.

<sup>301</sup> DAp 199.

## 4.2.

### **O futuro presbítero promotor dos ministérios na comunidade**

Tendo em vista uma nova configuração para a atuação dos futuros presbíteros no âmbito catequético, principalmente, a missão de liderar, apoiar e coordenar os processos de iniciação à vida de fé na comunidade cristã, os novos presbíteros são chamados a assumir uma postura de maior envolvimento e integração nos processos catequéticos para um maior crescimento da vida de fé.

Por conseguinte, os futuros presbíteros desempenharão um papel fundamental como promotores dos ministérios na comunidade de fé. Eles terão a responsabilidade de liderar, orientar e apoiar os diversos ministérios presentes na comunidade, seja por meio do incentivo e envolvimento ativo dos fiéis, seja, garantindo que os ministérios estejam alinhados com a missão e os valores da Igreja.

Deste modo, também poderão ajudar na identificação de necessidades específicas dentro da comunidade e colaborar com os fiéis para desenvolver novos ministérios que atendam a essas necessidades. Além disso, poderão oferecer orientação espiritual e formação para aqueles que estão envolvidos nos diferentes ministérios, ajudando a garantir que tais atividades sejam realizadas de acordo com os princípios da fé cristã.

A reforma da Igreja proposta pelo Papa Francisco exige como condição exemplar um novo presbítero e novas configurações de ministérios eclesiais. O testemunho de quem vive feliz a vida presbiteral continua mostrando Deus atuando. Nem todos estão preparados e a maioria nem quer fazer a conversão para uma 'Igreja em saída'. Entretanto, há profetas no meio dos padres em todo o planeta. É preciso inaugurar um novo processo formativo<sup>302</sup>.

Assumir essa nova postura, exigirá uma renovada consciência da compreensão do ministério presbiteral, pois, conscientes de que o seu “sacerdócio ministerial está a serviço do sacerdócio comum dos fiéis, os presbíteros estimulam a vocação e o trabalho dos catequistas, ajudando-os a realizar uma função que brota do Batismo e se exercita em virtude de uma missão que a Igreja lhes confia”<sup>303</sup>.

Desse modo, cabe ao presbítero “despertar a responsabilidade comum da

---

<sup>302</sup> ALTEMEYER, F. J., Formação, motivação e os fracassos na vida de um presbítero. In. Novo rosto do clero, p. 227-228.

<sup>303</sup> DGC 224.

comunidade cristã em matéria de catequese”<sup>304</sup>. Depois precisarão despertar e discernir vocações para o serviço catequético e promover na comunidade o reconhecimento e a valorização do catequista e da sua tarefa.

O teólogo Francisco Romero Galván<sup>305</sup>, em artigo publicado sobre as tarefas específicas dos presbíteros na catequese, destaca as seguintes atribuições:

Promover Formação inicial e contínua para os catequistas. Ajudar os catequistas no crescimento e na vivência da sua vida espiritual, especialmente através da orientação ou acompanhamento espiritual. Fazer dos catequistas uma comunidade de discípulos que seja um ponto de referência para os catequizados. Integrar a catequese no projeto evangelizador da paróquia e incentivar a intercomunicação dos catequistas com outros agentes pastorais. Integrar a catequese no projeto evangelizador da paróquia e incentivar a intercomunicação dos catequistas com outros agentes pastorais.<sup>306</sup>

O futuro presbítero configurado dentro dessa nova perspectiva é um verdadeiro promotor da diversidade de ministérios na comunidade. O que se espera de sua atuação, é que seja capaz de articular os ministérios na comunidade e motivar a missão dos catequistas, pois, “só catequistas que vivem o seu ministério como vocação contribuem para a eficácia da catequese”<sup>307</sup>.

Ele terá contato com todos, e, em determinados momentos específicos, tentará completar a tarefa do catequista, embora nunca a suplante, por meio de ações ou atividades concretas. O sacerdote também será o catequista dos catequistas. Ele escolherá aqueles que o Senhor chamou para o exercício da catequese. Ele cuidará para que os catequistas exerçam seu ministério com competência e qualidade. Ela os formará no ser, no saber e no saber fazer.<sup>308</sup>

Caberá aos futuros presbíteros, “reconhecer e promover o exercício, por todos os cristãos, do poder que há neles”<sup>309</sup>. O problema que muitas vezes pode se apresentar, é que o padre centralizador “aja como se o poder fosse dele próprio, o problema é ter-se arrogado todo o poder”<sup>310</sup>. É por isso, que na Igreja, o verdadeiro poder é o serviço.

---

<sup>304</sup> CENTRELLA, F., La formazione catechistica dei presbiteri, p.19.

<sup>305</sup> Presbítero e Secretário da Comissão Episcopal para a Evangelização, Catequese e Catecumenato da Conferência Episcopal Espanhola.

<sup>306</sup> GALVÁN, F. R., El sacerdote y la catequesis: Las tareas específicas que todo presbítero debe realizar en la catequesis. In. Revista Actualidad Catequética, p. 45.

<sup>307</sup> DC, p. 20.

<sup>308</sup> GALVÁN, F. R., El sacerdote y la catequesis: Las tareas específicas que todo presbítero debe realizar en la catequesis. In. Revista Actualidad Catequética, p. 52.

<sup>309</sup> TABORDA, F., A Igreja e seus ministros, p. 159.

<sup>310</sup> TABORDA, F., A Igreja e seus ministros, p. 159.

O poder do regente é o poder da orquestra. Ele não precisa saber tocar todos os instrumentos nem pode querer fazê-lo. Mas ele tem que saber coordenar os instrumentos. E a orquestra se reconhece nele. De nada adianta o regente ser virtuoso, se a orquestra que tem a dirigir é de baixa qualidade. E vice-versa, a melhor orquestra não poderá dar tudo de si, se o regente é medíocre. Há uma relação mútua entre regente e orquestra. Sem regente, a orquestra não é orquestra, nem consegue executar uma sinfonia. Mas, sem orquestra, o regente não serve para nada. Os membros da orquestra se reconhecem no regente como princípio da unidade, mas este é o princípio da unidade dos músicos e nunca sem eles.<sup>311</sup>

De fato, essa imagem do regente, se assemelha muito ao que pensamos ao propor essa nova configuração para a atuação dos futuros presbíteros na comunidade como aquele que tem a missão de promover e articular os diversos ministérios. Diante dessa imagem da grande orquestra, os leigos são a imagem dos músicos com os seus próprios instrumentos para formar uma grande sinfonia.

Os novos presbíteros, como os regentes, realizarão, assim, a recomendação do Concílio Vaticano II, quando lhes pede que

Trabalhem na obra comum com os leigos e vivam no meio deles segundo o exemplo do Mestre, que «veio» para o meio dos homens, «não para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos» (Mt. 20,28). Os presbíteros reconheçam e promovam sinceramente a dignidade e participação própria dos leigos na missão da Igreja. Estejam dispostos a ouvir os leigos, tendo fraternalmente em conta os seus desejos, reconhecendo a experiência e competência deles nos diversos campos da atividade humana, para que, juntamente com eles, saibam reconhecer os sinais dos tempos. Sabendo discernir se os espíritos vêm de Deus, perscrutem com o sentido da fé, reconheçam com alegria e promovam com diligência os multiformes carismas dos leigos, tanto os mais modestos como os mais altos. Entre os demais dons de Deus que se encontram com profusão entre os fiéis, são dignos de especial atenção os que atraem a uma vida espiritual mais alta. Entreguem-se aos leigos, com confiança, obras do serviço da Igreja, deixando-lhes espaço e liberdade de ação, convidando-os oportunamente a que tomem eles as suas iniciativas.<sup>312</sup>

O Papa Francisco tem exortado os presbíteros a não serem acomodados, não viverem como um funcionário que cumpre horários, mas alguém que demonstra viver o seu ministério com generosidade, largueza e proximidade para com o povo, inspirando-se no próprio Cristo. Obviamente, hoje, já não é possível pensar em “padres de sacristia”, mas “sacerdotes ardentes pelo desejo de levar o Evangelho às ruas do mundo, aos bairros e lares, especialmente aos lugares mais pobres e esquecidos”<sup>313</sup>.

Como sinal concreto da valorização dos diversos ministérios laicais, a

<sup>311</sup> TABORDA, F., A Igreja e seus ministros, p. 159.

<sup>312</sup> PO 9b.

<sup>313</sup> FRANCISCO, PP., Discurso à comunidade do Pontifício Seminário Lombardo em Roma, 2022.

instituição do Ministério de Catequista pelo Papa Francisco, representa o reconhecimento e a importância dada à dignidade desse serviço na Igreja. O ministério dos catequistas desempenha um papel crucial na transmissão da fé e na formação religiosa dentro da comunidade de fé.

Em vista desse ministério, os catequistas são chamados a compartilhar e ensinar os princípios fundamentais da fé cristã, bem como a acompanhar e guiar aqueles que estão se preparando para os sacramentos da iniciação cristã. Os catequistas, conscientes de seu ministério, e o assumindo como uma verdadeira vocação, desempenham um papel ativo no processo de educação na fé das crianças, jovens e adultos, ajudando a cultivar uma compreensão mais profunda do seguimento a Jesus Cristo.

Desse modo, o próprio catequista em íntima união com os presbíteros colabora para que a comunidade cresça na experiência de fé, e ao mesmo tempo, seja capaz de produzir bons frutos para o seu fortalecimento. Assim, o próprio catequista, à medida que assume com convicção e determinação a missão a ele confiada, torna-se também um promotor do ministério da catequese na comunidade de fé. Além disso, os catequistas também podem auxiliar na promoção de atividades formativas, retiros espirituais e eventos que contribuam para o crescimento espiritual e o fortalecimento da comunidade.

O Papa Francisco “institui para a Igreja no terceiro milênio um novo ministério, que desde sempre acompanhou o caminho da evangelização para a Igreja de todos os tempos, o de catequista”<sup>314</sup>. A iniciativa de criar esse ministério laical está em sintonia com o chamado do Concílio Vaticano II aos leigos para viverem efetivamente a dimensão apostólica da sua vocação batismal.

Desse modo, percebemos que, com essa instituição, “o Papa Francisco está promovendo ainda mais a formação e o compromisso dos leigos. É uma nota que merece consideração, porque acrescenta uma conotação ainda mais concreta ao grande impulso oferecido pelo Concílio Vaticano II”<sup>315</sup>.

O presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, o Cardeal Rino Fisichella, afirma que

Os homens e mulheres são chamados a expressar sua vocação batismal da melhor maneira possível, não como substitutos de sacerdotes ou pessoas consagradas, mas

<sup>314</sup> FISICHELLA, R., Coletiva de imprensa do Motu proprio *Antiquum Ministerium*, 2021.

<sup>315</sup> FISICHELLA, R., Coletiva de imprensa do Moto proprio *Antiquum Ministerium*, 2021.

como autênticos leigos e leigas que, na particularidade de seu ministério, tornam possível experimentar em sua plenitude o chamado batismal para testemunhar e servir efetivamente na comunidade e no mundo.<sup>316</sup>

Diante de um mundo em crise, a sabedoria e a atuação de leigos e leigas na tarefa de evangelizar serão ainda mais importantes, uma vez que seu testemunho atinge diretamente o coração do mundo atual. Como é perceptível no pontificado do Papa Francisco, tudo segue uma linha ministerial. Sendo assim, essa iniciativa deve ser considerada em conjunto com a instituição do ministério de acólito e do leitor, o que torna possível a existência de leigos mais bem formados e preparados para a transmissão da fé. Isso está em sintonia com uma caminhada ainda mais longa, que foi construída ao longo de dois milênios de vida cristã.

Toda a história da evangelização destes dois milênios manifesta, com grande evidência, como foi eficaz a missão dos catequistas. Bispos, sacerdotes e diáconos, juntamente com muitos homens e mulheres de vida consagrada, dedicaram a sua vida à instrução catequética, para que a fé fosse um válido sustentáculo para a existência pessoal de cada ser humano. Além disso, alguns reuniram à sua volta outros irmãos e irmãs, que, partilhando o mesmo carisma, constituíram Ordens religiosas totalmente dedicadas ao serviço da catequese.<sup>317</sup>

A novidade apresentada por Francisco, no que diz respeito à memória histórica, é indiscutível. No entanto, ela atende a um desejo de Paulo VI, que, na *Evangelii Nuntiandi*, se expressava da seguinte maneira:

Os leigos podem também sentir-se chamados ou vir a ser chamados para colaborar com os próprios pastores no serviço da comunidade eclesial, para o crescimento e a vida da mesma, pelo exercício dos ministérios muito diversificados. Um relance sobre as origens da Igreja é muito elucidativo e fará com que se beneficie de uma antiga experiência nesta matéria dos ministérios, experiência que se apresenta válida, dado que ela permitiu à Igreja consolidar-se, crescer e expandir-se. Tais ministérios, novos na aparência, mas muito ligados a experiências vividas pela Igreja ao longo da sua existência, por exemplo, os de catequistas, são preciosos para a implantação, para a vida e para o crescimento da Igreja e para a sua capacidade de irradiar a própria mensagem à sua volta e para aqueles que estão distantes.<sup>318</sup>

A passagem citada oferece uma compreensão mais clara do contexto eclesial no qual essa nova instituição do ministério de catequista está inserida. Levou quase meio século para a Igreja reconhecer que o trabalho realizado por muitos homens e mulheres, com seu compromisso na catequese, realmente constitui um ministério

---

<sup>316</sup> FISICHELLA, R., Coletiva de imprensa do Moto proprio *Antiquum Ministerium*, 2021.

<sup>317</sup> AM 3

<sup>318</sup> EN 73.

especial para o desenvolvimento da comunidade cristã. Francisco enfatiza essa perspectiva ao afirmar que

Não se pode esquecer a multidão incontável de leigos e leigas que tomaram parte, diretamente, na difusão do Evangelho através do ensino catequístico. Homens e mulheres, animados por uma grande fé e verdadeiras testemunhas de santidade, que, em alguns casos, foram mesmo fundadores de Igrejas, chegando até a dar a sua vida. Também nos nossos dias, há muitos catequistas competentes e perseverantes que estão à frente de comunidades em diferentes regiões, realizando uma missão insubstituível na transmissão e aprofundamento da fé. A longa série de Beatos, Santos e Mártires catequistas que marcou a missão da Igreja, merece ser conhecida, pois constitui uma fonte fecunda não só para a catequese, mas também para toda a história da espiritualidade cristã.<sup>319</sup>

Trata-se de reconhecer que a catequese sempre esteve presente ao lado da evangelização na Igreja e ganhou ainda mais importância nos períodos de preparação dos catecúmenos para o batismo. Desde os primórdios das comunidades cristãs, o papel do catequista foi visto como essencial. Dessa forma, para a Igreja, estabelecer um ministério e conectar-se profundamente com as primeiras comunidades e, ao mesmo tempo, reconhecer que a pessoa investida desse dom está prestando um serviço eclesial que auxiliará os futuros presbíteros a desempenharem melhor a missão da evangelização.

Francisco ao reconhecer e incentivar o comprometimento dos leigos com a formação e a evangelização sugere-nos uma postura a ser assumida diante da diversidade de ministérios na Igreja. Por isso, é importante destacar que o apostolado leigo, sempre de grande importância, tem recebido mais reconhecimento desde o Concílio Vaticano II, e especialmente sob o magistério de Francisco. Destarte, os homens e mulheres catequistas são chamados a expressar o melhor de sua vocação batismal, sem correrem o risco da clericalização.

O crescimento da consciência sobre a identidade e a missão dos leigos na Igreja depende da motivação e reconhecimento dos futuros presbíteros. Mesmo que ainda não seja suficiente, os presbíteros podem contar com um grande número de leigos, dotados de um profundo senso de comunidade e uma grande fidelidade ao compromisso com a caridade, a catequese e a celebração da fé.

Sem diminuir em nada a missão própria do Bispo – de ser o primeiro Catequista na sua diocese, juntamente com o presbitério que partilha com ele a mesma solicitude pastoral – nem a responsabilidade peculiar dos pais relativamente à formação cristã dos seus filhos (cf. CIC cân. 774 §2; CCEO cân. 618), é necessário reconhecer a

---

<sup>319</sup> AM 3.



presença de leigos e leigas que, em virtude do seu Batismo, se sentem chamados a colaborar no serviço da catequese (cf. CIC cân. 225; CCEO cân. 401 e 406). Esta presença torna-se ainda mais urgente nos nossos dias, devido à renovada consciência da evangelização no mundo contemporâneo (cf. Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 163-168) e à imposição duma cultura globalizada (cf. Francisco, Carta enc. *Fratelli tutti*, 100.138), que requer um encontro autêntico com as jovens gerações, sem esquecer a exigência de metodologias e instrumentos criativos que tornem o anúncio do Evangelho coerente com a transformação missionária que a Igreja abraçou.<sup>320</sup>

O Papa Francisco se posiciona de forma contrária “a uma clericalização dos leigos e a uma laicização do clero”<sup>321</sup>, sobremaneira, destaca que os leigos exercem a função de ser “sal da terra e luz do mundo” onde vivem. Isso ressalta a importância da correspondência com todos os dons oferecidos à Igreja e a valorização do serviço dos leigos para uma comunidade mais inclusiva e ativa.

A importância dessa instituição ministerial, portanto, reside no reconhecimento da vocação de catequista, à luz da qual homens e mulheres vivem não apenas uma etapa da vida dedicada à formação, mas toda uma vida doada. Por essa razão, os catequistas não podem ser improvisados, pois “o compromisso de transmitir a fé, além do conhecimento de seu conteúdo, exige um encontro pessoal prévio com o Senhor. Aqueles que exercem o ministério de catequista sabem que falam em nome da Igreja e transmitem a fé da Igreja”<sup>322</sup>.

Os futuros presbíteros poderão ajudar os catequistas a fazer o discernimento de sua vocação, fortalecendo o constante crescimento de sua fé e alimentando-os na fonte inesgotável do mistério, para assim serem capazes de comunicar a fé aos demais membros da comunidade e da sociedade em geral. Por isso que esse ministério requer o devido discernimento por parte do bispo e se evidencia com o rito de instituição.

É um serviço estável prestado à Igreja local de acordo com as exigências pastorais identificadas pelo Ordinário do lugar, mas desempenhado de maneira laical como exige a própria natureza do ministério. Convém que, ao ministério instituído de Catequista, sejam chamados homens e mulheres de fé profunda e maturidade humana, que tenham uma participação ativa na vida da comunidade cristã, sejam capazes de acolhimento, generosidade e vida de comunhão fraterna, recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para ser solícitos comunicadores da verdade da fé, e tenham já maturado uma prévia experiência de catequese (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Decr. *Christus Dominus*, 14; CIC cân. 231 §1; CCEO cân. 409 §1). Requer-se que sejam colaboradores fiéis dos presbíteros e

---

<sup>320</sup> AM 5.

<sup>321</sup> FISICHELLA, R., Coletiva de imprensa do Moto proprio *Antiquum Ministerium*, 2021

<sup>322</sup> FISICHELLA, R., Coletiva de imprensa do Moto proprio *Antiquum Ministerium*, 2021.

diáconos, disponíveis para exercer o ministério onde for necessário e animados por verdadeiro entusiasmo apostólico.<sup>323</sup>

A Conferência dos Bispos do Brasil, destaca a importância da instituição do ministério de catequista como a “confirmação do reconhecimento da missão do(a) discípulo(a) missionário(a) que responde com alegria ao chamado do Senhor, para anunciar e testemunhar, com a própria vida, o seu grande amor”<sup>324</sup>. Desse modo, os presbíteros conscientes da missão dos catequistas na comunidade eclesial deverão cuidar de promover uma adequada formação para os catequistas levando em consideração que os mesmos são vocacionados a um ministério laical. Para isso, precisam de uma formação global e integral de inspiração catecumenal.

No rito de instituição de catequistas, o presbítero tem a missão de apresentar os catequistas que serão instituídos ao bispo<sup>325</sup>, essa função dentro do rito sugere a grande responsabilidade dos futuros presbíteros no acompanhamento e discernimento da vocação daqueles que serão instituídos ministros catequistas. Além de fazer o processo de discernimento e acompanhamento os presbíteros deverão proporcionar aos catequistas uma formação catequética que garanta aos “ministros catequistas a formação continuada”<sup>326</sup>.

A *Pastores dabo Vobis*, em sintonia com o espírito do Concílio Vaticano II, reafirma o salto qualitativo em relação à eclesiologia pré-conciliar, da formação e do exercício do ministério presbiteral, ao colocar o ministério ordenado em estreita relação com o sacerdócio comum dos fiéis.

Por conseguinte, os novos presbíteros devem ser formados na perspectiva da profunda comunhão que os une ao Povo de Deus, ou melhor, na consciência de que também faz parte do Povo de Deus, pois é membro do corpo de Cristo.

O presbítero deve crescer no *conhecimento da profunda comunhão que o liga ao Povo de Deus*: ele não está apenas “à frente” da Igreja, mas e primariamente “na” Igreja. É irmão entre irmãos. Agradado pelo batismo, com a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus no Filho unigênito, o sacerdote é membro do mesmo e único Corpo de Cristo (cf. *Ef* 4, 16). A consciência desta comunhão desemboca na necessidade de suscitar e desenvolver a *corresponsabilidade* na comum e única missão de salvação, com a pronta e cordial valorização de todos os carismas e tarefas que o Espírito oferece aos crentes para a edificação da Igreja. É sobretudo na realização do ministério pastoral, por sua natureza ordenada ao bem do Povo de

---

<sup>323</sup> AM 8.

<sup>324</sup> CNBB, Doc. 112, 4.

<sup>325</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instituição de catequistas, n. 5.

<sup>326</sup> CNBB, Doc.112, 41.

Deus, que o padre deve viver e testemunhar a sua profunda comunhão com todos, como escrevia Paulo VI: "É preciso fazer-se irmão dos homens no mesmo ato em que queremos ser seus pastores, pais e mestres. O clima do diálogo é a amizade; ou melhor, o serviço".<sup>327</sup>

Esta compreensão torna-se tão necessária e pertinente para a formação dos futuros presbíteros, pois corre-se o risco de um distanciamento do Povo de Deus, colocando-se em uma condição de superioridade. Por essa razão, a nova configuração de sua atuação aponta para uma postura de reconhecimento do exercício do sacerdócio comum de todo o Povo de Deus do qual ele mesmo faz parte<sup>328</sup>.

Desta feita, o presbítero deve ser um harmonizador dos diversos ministérios na comunidade, uma vez que o sacerdócio ministerial não substitui, mas deve promover o sacerdócio comum dos fiéis, conduzindo-o à maturidade de sua vocação e missão na Igreja e no mundo. Por sua vez, os fiéis leigos devem manter uma relação de solidariedade, de fraternidade e de amizade com os presbíteros.

Os futuros presbíteros deverão despertar a consciência da interrelação que envolve os diversos ministérios, evidenciando a mútua colaboração e dependência que existe entre o Povo de Deus, o que representa uma grande força para que a fé não se torne produto de mercado, onde os leigos são meros consumidores e os presbíteros os detentores dos bens sobrenaturais.

Há de se despertar o espírito de corresponsabilidade no processo de transmissão da fé, sobretudo, na dimensão catequética. Por conseguinte, relacionar a catequese e outras formas de educação na fé, como a educação cristã na família, o ensino religioso nas escolas, movimentos e associações, etc., bem como, "relacionar a catequese com outras realidades pastorais da comunidade, a liturgia, os sacramentos, a oração, a caridade, a promoção e a justiça social"<sup>329</sup>.

Para levar a cabo essa ação catequética toda a comunidade precisa perceber-se em estado permanente de iniciação, em outras palavras, a iniciação não é uma tarefa que a comunidade oferece aos "de fora que querem entrar", mas é sim, sua raiz. Na comunidade, uns são para os outros catequistas, pois a própria catequese é criadora da comunidade, fazendo com que, de algum modo, todos os membros sejam "catecúmenos", "neófitos" e "adultos", ao mesmo tempo. A primitiva distinção entre esses três estratos, ainda que tenha validade e importância onde o catecumenato se dá *stricto sensu*, é quase fictícia pois diante do querigma temos sempre que progredir

---

<sup>327</sup> PDV 74.

<sup>328</sup> PDV 16.

<sup>329</sup> GALVÁN, F. R., El sacerdote y la catequesis: Las tareas específicas que todo presbítero debe realizar en la catequesis. In. Revista Actualidad Catequética, p. 52.

na profissão, na celebração, na vivência e no testemunho de fé.<sup>330</sup>

Nesta configuração, o futuro presbítero terá um papel determinante no processo de conscientização da comunidade de fé. Deste modo, quanto mais os leigos estiverem conscientes de seu sacerdócio, de seu lugar na Igreja, assim, quanto mais estreita for a comunhão na diversidade de carismas, a superficialidade da vivência da fé, e mesmo a superstição, filha da ignorância, darão lugar à responsabilidade madura, assumida com empenho e alegria. Tal consciência repercutirá diretamente sobre os processos de Iniciação à Vida Cristã.

Na perspectiva da formação catequética dos futuros presbíteros, deve-se considerar a relação de colaboração entre os ministros ordenados e os demais ministérios, em vista de uma melhor eficácia no exercício de sua missão, onde cada um é chamado a realização daquilo que lhe é próprio, sempre em atitude de serviço e respeito pela diversidade de dons e carismas presentes na comunidade eclesial.

No entanto, a interrelação colaborativa entre os ministérios, não pode ser vivida considerando apenas a lógica da eficácia, mas deve ser radicado na natureza mesma dos dois sacerdócios, como modos distintos, mas direcionados um ao outro, de se participar do único e eterno sacerdócio de Cristo. Por conseguinte, os futuros presbíteros deverão realizar uma pastoral comunitária, tendo em vista, o espírito de estima, de diálogo e de corresponsabilidade, sobretudo, no âmbito catequético<sup>331</sup>.

### 4.3

#### O futuro presbítero responsável por sua formação permanente

A *Pastores dabó Vobis* é incisiva ao afirmar que o processo formativo dos sacerdotes não termina no dia da ordenação, mas se perpetua durante toda a sua vida<sup>332</sup>. O futuro presbítero, precisa ter a consciência de que nunca estará pronto, por isso, “é necessário despertar a consciência de que a formação só termina com a

<sup>330</sup> MORAES, A. O.; CALANDRO, E., A Iniciação à Vida Cristã a partir de Aparecida: perspectivas catequéticas após o primeiro decênio da Conferência, p. 14.

<sup>331</sup> O Concílio Vaticano II apresentava algumas funções, mas propriamente ligadas ao sacerdócio ministerial na sua função de pastor, que podiam ser condividas com os leigos, tais como a catequese, alguns atos litúrgicos e o cuidado das almas. Tal participação vem aprofundada na *Christifideles Laici*. Porém, *Ecclesiae de mysterio* afirma a necessidade de se salvaguardar a natureza e a missão do sacerdócio ministerial e a sua distinção em relação às funções próprias dos leigos, em vista da reta comunhão na Igreja. Por isto, a legislação pós-conciliar, em especial o código de direito canônico regulariza a colaboração dos leigos com o ministério ordenado, em especial os cânones 228 e 230, procurando evitar desvios pastorais e abusos disciplinares. *Ecclesiae de mysterio* pede aos bispos que, onde quer que estes desvios e abusos existam, sejam corrigidos (EM 4).

<sup>332</sup> RECONDO, J.M., La formación de los futuros sacerdotes, 79.

morte”<sup>333</sup>. Ser cristão é um modo global de ser, de viver e de estar no mundo, que abarca a totalidade da personalidade, em todas as suas dimensões, durante todo o tempo. Igualmente, ser presbítero é um modo global de ser cristão, que envolve o seu ser, o seu conhecer e o seu agir, em tudo e durante toda a vida.

A formação sacerdotal não tem um termo, uma vez que os sacerdotes nunca deixam de ser discípulos de Jesus e de o seguir. Por conseguinte, enquanto discipulado, a formação acompanha a vida inteira do ministro ordenado e diz respeito integralmente à sua pessoa e ao seu ministério. A formação inicial e a permanente são dois momentos de uma única realidade: o caminho do discípulo presbítero, apaixonado pelo seu Senhor e constantemente no seu seguimento.<sup>334</sup>

Para isto, os candidatos ao presbiterato devem ser educados a saber-se sempre em caminho, sempre convidados a crescer em “graça e conhecimento diante de Deus e dos homens (Lc 2, 52). Assim, a formação permanente é apresentada como uma continuação necessária e natural do processo formativo inicial, bem como, desenvolvimento, aprofundamento e atualização da formação recebida.

A formação permanente do clero, embora às vezes mostre sinais de cansaço, continua sendo um compromisso considerado indispensável devido à relação direta que tem com a vida e a atividade pastoral do sacerdote. Razões externas e internas à pessoa do próprio ministro ordenado exigem apoio e renovação.<sup>335</sup>

Por essa razão, na formação dos futuros presbíteros deve-se fomentar a capacidade de se reconhecer sujeito da própria formação permanente<sup>336</sup>. O Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros, acrescenta que a formação permanente é um direito e um dever da Igreja de formar os seus ministros e que o bispo, com a força da caridade, deve exigir que os seus sacerdotes cumpram um itinerário formativo, dando ele mesmo testemunho de empenho na própria formação<sup>337</sup>.

Confirmando o que sugere o Diretório, a *RFIS*, destaca:

Em virtude de uma constante experiência de discipulado, a formação é um percurso unitário e integral, que inicia no Seminário e continua na vida sacerdotal, como formação permanente, e exige atenção e cuidado a cada passo. Tenha-se presente que é o seminarista em primeiro lugar – e o sacerdote depois – «o protagonista necessário e insubstituível da sua formação».<sup>338</sup>

---

<sup>333</sup> DAp 326.

<sup>334</sup> FRANCISCO, PP., Discurso por ocasião da Assembleia Geral Extraordinária da Conferência Episcopal Italiana em 2023.

<sup>335</sup> FAVALE, A., *I Presbiteri*, p. 343.

<sup>336</sup> PDV 71.

<sup>337</sup> DIRETÓRIO 72, 86, 87, 89.

<sup>338</sup> RFIS 53.

Também o Diretório para a catequese de 2020 reforça a importância de integrar a formação catequética nos projetos formativos dos seminaristas e na formação permanente dos presbíteros.

Os bispos deverão prestar adequada atenção à formação catequética dos presbíteros, sobretudo no contexto da sua formação permanente. Esta atenção pretende promover essa atualização catequético-pastoral necessária, que favorece nos presbíteros um maior e mais direto enraizamento na ação catequética e, ao mesmo tempo, os ajuda a sentir-se envolvidos na atividade formativa dos catequistas.<sup>339</sup>

A formação catequética permanente dos futuros presbíteros será de grande contribuição para o desenvolvimento da comunidade cristã, pois terão a oportunidade de cultivar sempre uma atenção especial para essa dimensão tão necessária. “A formação catequética permanente do presbítero é concebida como aprofundamento daquela recebida no seminário, enquanto atualiza e amplia conhecimentos e os aplica contando com a experiência haurida do desempenho pastoral”<sup>340</sup>. Esta é considerada de extrema importância para a vida da Igreja e para a vida e o ministério do presbítero, pois dela depende o futuro da evangelização, sobretudo dos processos catequéticos.

As diferentes e complementares dimensões da formação permanente ajudam-nos a compreender o seu significado profundo: ela tende a ajudar o padre a *ser* e a *fazer o padre* no espírito e segundo o estilo de Jesus Bom Pastor. [...] No contexto eclesiológico várias vezes recordado, pode considerar-se o significado profundo da formação permanente do sacerdote em ordem à sua presença e ação na Igreja *mysterium, communio et missio*.<sup>341</sup>

Segundo as orientações do Vaticano II, a formação permanente é apresentada como continuação e aperfeiçoamento do tempo de estudos do seminário, sendo o presbítero o sujeito mesmo desta formação. Por conseguinte, o gosto pela formação permanente e contínua atualização dos estudos deve ser despertados no futuro presbítero, desde o seminário, inclusive através da educação à leitura, à informação sistemática, à reflexão pastoral, ao uso dos meios de comunicação adequados e a sadia distribuição do próprio tempo de trabalho e lazer<sup>342</sup>.

A formação permanente é exigência que nasce e se desenvolve a partir da recepção do sacramento da Ordem, com o qual o sacerdote é não só «consagrado» pelo Pai, e «enviado» pelo Filho, como também é «animado» pelo Espírito Santo. Portanto, ela

---

<sup>339</sup> DC 153.

<sup>340</sup> CELAM, Manual de Catequética, p. 152.

<sup>341</sup> PDV 73.

<sup>342</sup> CNBB, Doc. 55, 189.

é destinada a assimilar progressivamente, e em termos cada vez mais amplos e profundos, toda a vida e ação do presbítero, na fidelidade ao dom recebido: «Por este motivo, recordo-te que reavives o dom que recebeste mediante a imposição das minhas mãos» (2Tm 1,6). Trata-se duma necessidade intrínseca ao próprio dom divino, que deve ser cotidianamente vivificado para que o presbítero possa responder adequadamente à sua vocação. Com efeito, enquanto homem historicamente situado, ele tem necessidade de aperfeiçoar-se em todos os aspectos da sua existência humana e espiritual, para poder alcançar aquela conformação com Cristo, que é o princípio unificante de tudo.<sup>343</sup>

A formação do futuro presbítero necessita de um processo formativo que atinja o cerne da personalidade, um processo semelhante, porém mais exigente, ao processo antropológico de iniciação à vida adulta. Não obstante, “é natural que, além da fundamentação teológica, a formação permanente tenha uma base humana”<sup>344</sup>. Assim, torna-se um imperativo que se impõe como processo de crescimento de todo ser humano. Para os presbíteros, encontra seu fundamento e sua motivação original no dinamismo do ministério da evangelização<sup>345</sup>.

A formação permanente destina-se a assegurar a fidelidade ao ministério sacerdotal, num caminho de contínua conversão, para reavivar o dom recebido com a ordenação. Tal percurso é a continuação natural daquele processo de construção da identidade presbiteral que teve início no Seminário e se cumpriu sacramentalmente na ordenação sacerdotal, com vista a um serviço pastoral que a faz amadurecer ao longo do tempo.<sup>346</sup>

A formação permanente estará voltada para a ação pastoral em determinados ambientes ou setores da sociedade, inclusive nos organismos pastorais e movimentos de leigos. Por conseguinte, a formação inicial e a permanente devem estar interligadas de tal modo que não haja ruptura entre tempo de formação no seminário e aquela que se faz necessária durante o exercício do ministério.

Os futuros presbíteros, educados por uma maior compreensão dos processos catequéticos, ao longo de sua formação inicial, poderão por meio do exercício do ministério presbiteral fazer uma experiência ainda mais fecunda de formação permanente, que o acompanhamento da catequese poderá favorecer. É interessante notar que o envolvimento dos presbíteros na formação catequética já servirá como um instrumento de sua formação permanente, pois à medida que pregam a palavra, celebram os sacramentos e participam da vida da comunidade, são renovados pelo

---

<sup>343</sup> DMVP, 87.

<sup>344</sup> CNBB, Doc. 110, 358.

<sup>345</sup> CNBB, Doc. 55, 184.

<sup>346</sup> RFIS 81.

próprio exercício do ministério.

De modo mais concreto, o exercício do ministério presbiteral será uma oportunidade de formação continuada, onde o presbítero transforma em fé viva o que lê, ensina o que crê, e procura realizar o que ensina<sup>347</sup>. Portanto, todas as motivações que estão na base da formação permanente tem de algum modo sua especificidade na caridade pastoral. “A caridade pastoral do padre não pode ser acreditável se não for precedida e acompanhada pela fraternidade, primeiro entre os seminaristas e depois entre os presbíteros”<sup>348</sup>.

A mesma caridade pastoral impele o presbítero a conhecer cada vez mais as esperanças, as necessidades, os problemas, as sensibilidades dos destinatários do seu ministério: destinatários envolvidos nas suas concretas situações pessoais, familiares e sociais. A tudo isto tende a formação permanente, vista como consciente e livre proposta em ordem ao dinamismo da caridade pastoral e do Espírito Santo, que é a sua primeira fonte e alimento contínuo. Neste sentido, a formação permanente é uma exigência intrínseca ao dom e ao ministério sacramental recebido e revela-se necessária em todos os tempos. Hoje, porém, ela é particularmente urgente, não só pela rápida mudança das condições sociais e culturais dos homens e dos povos, no meio dos quais se exerce o ministério pastoral, mas também por aquela “nova evangelização” que constitui a tarefa essencial e inadiável da Igreja.<sup>349</sup>

As diretrizes para formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, evidencia a importância da formação permanente no processo de configuração dos futuros presbíteros como um verdadeiro caminho discipular, no qual, desde o período do seminário os formandos sejam despertados para responder aos novos desafios pastorais.<sup>350</sup> Deste modo, “o primeiro e melhor lugar da formação permanente é o exercício do ministério atento às exigências radicais do evangelho diante da realidade de miséria e sofrimento do povo”<sup>351</sup>.

O presbítero, à imagem do Bom Pastor, é chamado a ser homem de misericórdia e compaixão, próximo a seu povo e servidor de todos, particularmente dos que sofrem grandes necessidades. A caridade pastoral, fonte da espiritualidade sacerdotal, anima e unifica sua vida e ministério. Consciente de suas limitações, ele valoriza a pastoral orgânica e se insere com gosto em seu presbitério.<sup>352</sup>

Os futuros presbíteros são convocados a assumir uma postura de maior

---

<sup>347</sup> PDV 72.

<sup>348</sup> FRANCISCO, PP., Discurso por ocasião do encontro com os seminaristas do Pontifício Seminário Regional Flaminio de Bolonha, 2019.

<sup>349</sup> PDV 70.

<sup>350</sup> CNBB, Doc. 110, 361. 362.

<sup>351</sup> CNBB, Doc. 110, 365.

<sup>352</sup> DAp 198.



responsabilidade para com o cuidado de sua formação permanente. Para isso algumas indicações apresentadas pelo diretório para formação dos presbíteros do Brasil, poderão colaborar nesse processo: o presbítero é o sujeito de sua formação; a metodologia segue a do exercício do ministério; a participação ativa nas formações e encontros de formação do clero; o lugar privilegiado de sua formação é o ambiente pastoral; assumir a missão de discípulo-missionário-servidor; exercitar a prática da direção espiritual; fraternidade sacerdotal; cuidar da sua saúde emocional<sup>353</sup>.

Quando os presbíteros recebem uma formação catequética sólida nos seminários, isso se reflete nos processos catequéticos paroquiais e na própria consciência de sua formação permanente. O Manual de catequética do CELAM, aponta a formação permanente dos presbíteros como meio eficaz para o fortalecimento da catequese no âmbito paroquial.

A formação catequética permanente afasta os presbíteros da frequente tentação do simples e pouco responsável “deixar fazer”, já que normalmente a catequese é uma das ações pastorais que, de algum modo, persiste na comunidade por esforço dos catequistas leigos, apesar de eventuais ou permanentes descuidos do pároco.<sup>354</sup>

#### **4.4. O futuro presbítero em uma Igreja Sinodal**

Na atual perspectiva dos processos de educação na fé, a catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã deve ser pensada numa Igreja Sinodal, aberta ao protagonismo do Espírito Santo. A catequese busca possibilitar aos seus interlocutores uma experiência de profunda comunhão, participação e missão. Os presbíteros são convocados a também fazer esta experiência em primeiro lugar, para que, de fato, a Igreja caminhe consciente de sua tarefa evangelizadora de formar discípulos missionários.

Para cumprir essa grande missão será preciso investir na formação de comunidades sinodais. A participação e a corresponsabilidade de todos os batizados nos processos pastorais empreendidos pela comunidade eclesial, torna-se o eixo integrador da sinodalidade. Por conseguinte, a Igreja necessita de presbíteros com

---

<sup>353</sup> CNBB, Doc. 110, 369.

<sup>354</sup> CELAM, Manual de Catequética, p. 154.

mentalidade sinodal<sup>355</sup>. Desta feita, é “incumbência da formação inicial e permanente preparar pastores capazes de caminhar juntos, tanto no presbitério quanto na comunidade com os demais membros do Povo de Deus”<sup>356</sup>.

A dimensão catequética poderá colaborar com o processo de preparação de pastores, que sejam capazes de caminhar juntos na comunidade com os demais membros do Povo de Deus, bem como na comunhão com os seus irmãos no presbitério. Para tanto, será necessário despertar os novos presbíteros e os seminaristas para essa experiência, que se manifesta de forma concreta na vivência comunitária.

A Igreja, em característica sinodal, não pode ser definida apenas por uma parte de si mesma, por uma elite eclesial/pastoral ou por alguns ministérios, sendo vista do alto, mas pela totalidade de um povo que faz a experiência do mistério e que sai em missão, na abertura e disposição para um caminho novo, para o qual o Espírito nos convida e abre espaço. Esse caminho de sinodalidade deve ser assumido por todo o povo de Deus, pois todo o povo evangeliza, todo o povo de Deus anuncia o Evangelho e todo o povo de Deus deve sair em missão.<sup>357</sup>

A perspectiva de uma Igreja Sinodal tem muito a oferecer para uma adequada formação catequética do povo de Deus. De fato, hoje não podemos pensar mais os processos catequéticos, sobretudo a formação presbiteral, desconsiderando essa dimensão tão essencial para a Igreja do terceiro milênio. A catequese à serviço da Iniciação à Vida Cristã numa Igreja Sinodal alarga a compreensão comunitária e aponta para novos rumos no processo de transmissão da fé.

Caminhar juntos leva a descobrir como linha própria a horizontalidade em vez da verticalidade. A Igreja sinodal restaura o horizonte do qual surge o sol Cristo: erigir monumentos hierárquicos significa cobri-lo. Os pastores caminham com o povo: nós, pastores, caminhamos com o povo, às vezes na frente, às vezes no meio, às vezes atrás. O bom pastor deve se mover assim: na frente para guiar, no meio para encorajar e não esquecer o cheiro do rebanho, atrás porque o povo também tem “faro”. Tem faro para encontrar novas vias para o caminho ou para encontrar a estrada perdida.<sup>358</sup>

---

<sup>355</sup> “A novidade na Igreja Católica é que a Sinodalidade reemerge hoje, como coração de um grande processo de desenvolvimento doutrinal que leva a esclarecer o primado petrino no Vaticano II, e, hoje, através da recepção progressiva da eclesiologia conciliar sobre o ‘povo de Deus’, a sinodalidade como forma de participação de todos no caminhar da Igreja. É uma perspectiva que une a Tradição da Igreja do Oriente e do Ocidente” (CIPOLLINI, P.C., *Por uma Igreja Sinodal*, p. 41).

<sup>356</sup> SORRENTINO, F., *A formação dos futuros presbíteros na Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*, p. 75.

<sup>357</sup> KUZMA, C., *Igreja sinodal*. In: AQUINO, J.; MORI, G.L., *Igreja em saída sinodal para as periferias: reflexões sobre a Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe*, p. 151.

<sup>358</sup> FRANCISCO, PP., *Discurso aos fiéis da Diocese de Roma em 2021*.

Partindo da reflexão sinodal, reafirmamos que o futuro presbítero deverá ser o homem da comunhão, participação e missão<sup>359</sup>. Em vista de sua consagração no sacramento da Ordem, e a partir desta, o futuro presbítero receberá um envio para servir o povo de Deus e a conduzir todos a Jesus Cristo. Desde o momento em que é ungido, recebe de Cristo, na Igreja e da Igreja, a sua missão, que deverá ser realizada em profundo espírito de comunhão.

É para essa tarefa que devemos nos preparar para sermos presença fiel da Igreja de Jesus Cristo, viva e comprometida no terceiro milênio: viver e dar sinais da comunhão, realizar a participação em toda ação evangelizadora e cumprir a missão que lhe foi confiada. Como resposta ao forte apelo a ‘caminhar juntos’, a Igreja deverá lançar um olhar abrangente sobre a complexidade do atual contexto histórico e sobre os desafios cruciais para sua vida, mantendo o foco na sua natureza missionária e no poder vivificante do Santo Espírito.<sup>360</sup>

Por conseguinte, é através de sua identidade de homem da comunhão, que nasce a sua identidade de homem da missão e do diálogo, não somente para os católicos, mas para com todos, sendo enviado a dialogar com todos os homens de todas as culturas e tradições religiosas. Nesse sentido, o presbítero é um homem sem fronteiras, “não é um mero delegado ou um representante da comunidade. Pela união do Espírito e por sua especial união com Cristo, ele é um dom para a comunidade”<sup>361</sup>.

O sacerdócio ministerial é um dos meios que Jesus utiliza ao serviço do seu povo, mas a grande dignidade vem do Batismo, que é acessível a todos. A configuração do sacerdote com Cristo Cabeça – isto é, como fonte principal da graça – não comporta uma exaltação que o coloque por cima dos demais.<sup>362</sup>

Na formação dos futuros presbíteros, há de se considerar que no dia da ordenação será enviado de uma forma toda especial, ao encontro dos mais pobres, dos que padecem e sofrem todo tipo de miséria e exclusão, ele é o primeiro a deslocar-se às “periferias geográficas existenciais que precisam da luz do evangelho, em uma atitude acolhedora e misericordiosa”<sup>363</sup>, onde há sofrimento, solidão e degrado humano<sup>364</sup>.

A decorrência dessa proposta se insere na dinâmica da missão de Jesus de

<sup>359</sup> SANTOS, J. B., Presbíteros sinodais: comunhão, participação e missão, p. 16.

<sup>360</sup> GIL, P. C., Catequese e sinodalidade, p. 25.

<sup>361</sup> DAp 193.; LG 10.

<sup>362</sup> EG 104.

<sup>363</sup> CNBB, DOC.110, 18.

<sup>364</sup> FRANCISCO, PP., Mensagem para o 60º dia Mundial de oração pelas vocações.

Nazaré ao escolher os pobres como seus primeiros destinatários (Lc,4-28). As Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, em sintonia com o Documento de Aparecida, reafirmam que “os novos rostos de pobres, com sua realidade de exclusão e sofrimento, interpelam a formação e o ministério dos presbíteros”<sup>365</sup>.

Desta maneira, “as relações entre vivência da fé e vida em comunidade se complementam. Tais relações implicam uma nova compreensão de paróquia como comunidade de pequenas comunidades”<sup>366</sup>. Isto requer que o futuro presbítero “cultive uma profunda experiência de Cristo vivo, com espírito missionário, coração paterno, que seja animador da vida espiritual e evangelizador, capaz de promover a participação”<sup>367</sup>.

O padre deve ser formado para ser servidor do seu povo. É por este motivo que deve existir uma preocupação com a formação nos seminários de acordo com uma visão pastoral que considere a paróquia uma comunidade de comunidades, tal como tem insistido a Igreja no Brasil a respeito da formação presbiteral<sup>368</sup>. “O ministério sacerdotal tem uma forma comunitária radical e só pode se desenvolver como tarefa coletiva”<sup>369</sup>.

No entanto, a questão fundamental permanece: como superar o “modelo” atual de paróquia, muito mais voltada para a sacramentalização e conservação, para o modelo apresentado e proposto pelas indicações do Vaticano II, confirmado pelo magistério do Papa Francisco e das mais recentes indicações da Assembleia Sinodal.

Estamos diante do grande e fundamental desafio da própria formação dos novos presbíteros, seja para o ministério, seja no ministério. Formar presbíteros, segundo o coração de Jesus, empenhados e absorvidos na caridade do “Bom Pastor”<sup>370</sup>, homens maduros afetivamente, intelectualmente capacitados, pastoralmente abertos e motivados para gerar comunhão e a edificar a Igreja, portadores de um novo ardor missionário e zelosos com a Obra de Deus.

O presbítero, membro do Povo santo de Deus, é chamado a cultivar o seu espírito

---

<sup>365</sup> CNBB, Doc. 110, 15.

<sup>366</sup> CNBB, Doc. 110, 18.

<sup>367</sup> CNBB, Doc. 100, 203.

<sup>368</sup> CNBB, Doc. 100, 205.

<sup>369</sup> CNBB, Doc. 100, 204.

<sup>370</sup> GIAQUINTA, C. Formar verdaderos pastores, p. 25.

missionário, exercendo com humildade a função pastoral de guia dotado de autoridade, mestre da Palavra e ministro dos sacramentos, ao mesmo tempo que pratica uma fecunda paternidade espiritual. Os futuros presbíteros, portanto, sejam educados de maneira a não cair no “clericalismo”, nem a ceder à tentação de orientar a própria vida para a busca da aceitação popular, que inevitavelmente os tornaria inadequados para o exercício do seu ministério de guias da comunidade, levando-os a considerar a Igreja como uma simples instituição humana.<sup>371</sup>

A primeira sessão da XVI Assembleia Sinodal apontou o clericalismo como um obstáculo ao ministério e à missão dos presbíteros.

Surge da incompreensão da vocação divina, que leva a concebê-la mais como um privilégio do que como um serviço, e manifesta-se num estilo de poder mundano que se recusa a prestar contas. Esta deformação do sacerdócio deve ser combatida desde as primeiras fases da formação, graças ao contacto vivo com a vida quotidiana do Povo de Deus e a uma experiência concreta de serviço aos mais necessitados. O ministério do presbítero não pode ser imaginado hoje senão em relação ao Bispo, no presbitério, em profunda comunhão com outros ministérios e carismas. Infelizmente, o clericalismo é uma atitude que pode manifestar-se não só nos ministros, mas também nos leigos.<sup>372</sup>

A RFIS, ao se referir a formação dos futuros presbíteros, é incisiva ao afirmar, a necessidade de conhecer e corrigir “a obsessão pela aparência, uma segurança doutrinal ou disciplinar presunçosa, o narcisismo e o autoritarismo, a pretensão de impor-se, o cuidado somente exterior e ostentado com a ação litúrgica, a vanglória, com o individualismo”<sup>373</sup>.

Numa Igreja sinodal, os ministros ordenados são chamados a viver o seu serviço ao Povo de Deus numa atitude de proximidade às pessoas, de acolhimento e de escuta de todos e a cultivar uma profunda espiritualidade pessoal e uma vida de oração. Acima de tudo, são chamados a repensar o exercício da autoridade segundo o modelo de Jesus que, «apesar de estar na condição de Deus, [...] esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo» (Fl 2, 6-7). A Assembleia reconhece que muitos sacerdotes e diáconos tornam visível com a sua dedicação o rosto de Cristo Bom Pastor e Servo.<sup>374</sup>

Na perspectiva da formação de todos os batizados para uma Igreja sinodal, o relatório de síntese enfatiza que a dos diáconos e dos presbíteros requer uma atenção particular. “O pedido de que seminários ou outros cursos de formação para candidatos ao ministério estejam ligados à vida quotidiana das comunidades tem sido amplamente expresso”<sup>375</sup>. Portanto, é necessário evitar os riscos do formalismo

<sup>371</sup> RFIS 33.

<sup>372</sup> XVI ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, p. 26.

<sup>373</sup> RFIS 42.

<sup>374</sup> XVI ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, p. 25.

<sup>375</sup> XVI ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, p. 33.

e da ideologia que levam a atitudes autoritárias e impedem o verdadeiro crescimento vocacional.

É necessária uma verificação aprofundada da formação para o ministério ordenado à luz da perspectiva da Igreja sinodal missionária. Isto implica a revisão da *Ratio fundamentalis* que determina o seu perfil. Ao mesmo tempo, recomendamos cuidar da formação permanente dos sacerdotes e dos diáconos em sentido sinodal.<sup>376</sup>

Apoiados na afirmação do documento de Aparecida, podemos intuir que a catequese deva colaborar com toda a ação da Igreja, portanto:

Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve se isentar de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé.<sup>377</sup>

Na perspectiva da formação presbiteral, pensar a dimensão sinodal, necessariamente, implica situar a atuação dos novos presbíteros em relação à cultura digital. O relatório de síntese, apresenta no item 17, intitulado "Missionários no ambiente digital", a convergência entre os membros sinodais em relação à cultura digital como uma mudança fundamental na percepção e na experiência contemporânea de si mesmo, nos relacionamos com os outros e na interação com o mundo. Essa percepção é reconhecida como um desafio para a Igreja, sobretudo, para a formação dos futuros presbíteros. Além disso, a síntese sinodal enfatiza que “o dualismo entre real e virtual não descreve adequadamente a realidade e a experiência de todos nós”<sup>378</sup>.

A cultura digital “não é tanto uma área distinta da missão, mas sim uma *dimensão crucial* do testemunho da Igreja na cultura contemporânea”<sup>379</sup> e, portanto, “reveste-se de um significado particular em uma Igreja sinodal”<sup>380</sup>. Essa compreensão reflete a importância crescente da presença digital e da tecnologia no contexto religioso, bem como a necessidade de integrar a cultura digital como parte essencial do testemunho e missão dos futuros presbíteros na sociedade atual.

<sup>376</sup> XVI ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, p. 33.

<sup>377</sup> DAp 365.

<sup>378</sup> XVI ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, 17a.

<sup>379</sup> XVI ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, 17b.

<sup>380</sup> XVI ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, 17b.

Os futuros presbíteros não deverão assistir passivamente aos processos digitais, mas sim reconhecer que estão imersos e enriquecidos por diversas práticas digitais. Essas práticas não apenas influenciam, mas também trazem novos significados para conceitos fundamentais como comunhão, participação e missão. Isso ressalta a importância de estarem ativamente envolvidos e engajados no ambiente digital, buscando compreender e integrar a cultura digital no seu contexto. Essa adaptação ativa demonstra um esforço para compreender a fé de forma mais profunda e relevante em um mundo cada vez mais digital.

Durante o processo de formação não se trata, simplesmente, de criar uma nova disciplina teórica a ser ministrada, embora ela seja necessária; mas de assumir, nas práticas pedagógicas existentes, tudo o que é útil para a formação dos ministros ordenados, como se lhes fosse ensinada uma “nova língua”, lhes fosse feita uma “nova alfabetização”. Deseja-se, assim, que os ministros ordenados sejam capazes de manter uma distância crítica da cultura digital e não serem manipulados pelas suas sugestões. Além disto, eles serão capazes de “falar” a linguagem desta nova cultura, isto é, de “ler e escrever” com as características de nossa cultura.<sup>381</sup>

Ao reconhecer a importância da cultura digital como parte essencial do testemunho da Igreja, é relevante observar que a abordagem eclesial ainda está fortemente associada a noções geográficas e espaciais das práticas digitais. Essa ligação pode restringir a compreensão e a eficácia das atividades pastorais, resultando em uma abordagem limitada dos desdobramentos pastorais no ambiente digital. É fundamental que o futuro presbítero busque superar essas limitações e esteja disposto a explorar novas formas de engajamento digital que ampliem e enriqueçam o seu testemunho e missão na sociedade contemporânea.

Não há que se negar que a abertura ao uso dos meios fomentou um importante passo para o diálogo com a sociedade contemporânea, um reconhecimento da potencialidade dos instrumentos e a necessidade de utilizá-los para cumprir o mandato missionário de levar a Boa Notícia a todas as criaturas (Mc 16,15).<sup>382</sup>

A ideia de uma Igreja distante de uma cultura digital desconsidera a complexidade inerente da própria cultura digital, que ultrapassa as fronteiras convencionais, mas também se restringe a uma compreensão limitada de identificação dessa cultura apenas com “celulares e tablets”<sup>383</sup>. Para Moraes &

<sup>381</sup> MORAES, A. O.; BRAIDO, O., Presença do ministro ordenado nas redes sociais, p. 279.

<sup>382</sup> MORAES, ABIMAR; GRIPP, A. D., Da pastoral dos meios à infopastoral: considerações acerca da recepção do decreto inter mirifica, p. 42.

<sup>383</sup> XVI ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, 17c.

Gripp, a cultura digital impactou a sociedade positivamente, nesse sentido, não podemos pensar a formação dos futuros presbíteros distante dessa realidade digital.

A cultura digital, positivamente, criou possibilidades de compartilhamento do conhecimento e da informação, e o encurtamento das distâncias. Isso faz com que pessoas conversem em tempo real e, apesar de estarem, algumas vezes, na outra extremidade do planeta, se sintam habitantes de uma mesma urbe.<sup>384</sup>

Conforme o relatório de síntese, o Sínodo também enfatizou que é impossível evangelizar a cultura digital sem antes compreendê-la profundamente. Essa observação realça a necessidade de uma compreensão aprofundada da cultura digital antes de buscar evangelizá-la, destacando a importância de uma abordagem fundamentada e informada por parte da Igreja nesse contexto. Em sintonia com o que afirma Moraes & Braido, podemos enfatizar que na formação dos futuros presbíteros deverão ser desenvolvidos alguns conhecimentos tecnológicos.

O conhecimento dos meios tecnológicos, sabendo usar-lhes corretamente; maturidade de juízo, para que no exercício ministerial sejam guias e mestres dos outros”; e sensibilidade e competência que permitam uma integração entre o Evangelho e a cultura digital. Torna-se, cada vez mais claro, que a questão pastoral que aqui se põe é a de compreender uma cultura que tem características próprias: um modo de interpretar a vida, aspectos éticos e, até mesmo, delineamentos de uma espiritualidade. Por isso, o processo de formação não pode se reduzir a um “alfabetizar”, mas avança na direção de um “inculturar” o ministro ordenado.<sup>385</sup>

Existe todo um universo simbólico, valores, significados e práticas que não surgem de forma espontânea ou natural, mas requerem formação e intercâmbio intergeracional, especialmente do ponto de vista de uma “Tradição viva”<sup>386</sup>. Não obstante, “é necessário que, no mundo atual, os candidatos ao sacerdócio tenham, pelo menos, uma visão de conjunto do impacto que as novas tecnologias da informação e da Comunicação Social exercem sobre os indivíduos e a Sociedade brasileira”<sup>387</sup>. A perspectiva de uma nova atuação dos futuros presbíteros está contextualizada numa cultura digital que influenciará o seu agir, por isso, não deverá ser descuidada pelo processo formativo.

<sup>384</sup> MORAES, ABIMAR; GRIPP, A. D., Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital, p. 152.

<sup>385</sup> MORAES, A. O.; BRAIDO, O., Presença do ministro ordenado nas redes sociais, p. 279 – 280.

<sup>386</sup> XVI ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, 17

<sup>387</sup> MORAES, A. O., O Programa de Educação para a Comunicação: o ministro ordenado como interlocutor num novo contexto cultural, p. 446.



Os candidatos devem preparar-se a compartilhar o seu ministério, tanto com aqueles que são “ricos em informação” como com os que são “pobres em informação”. Convidando ao diálogo, evitando, assim, um estilo de uso da Comunicação Social que suscite e sugira o domínio, a manipulação ou o proveito próprio e o uso de uma linguagem descontextualizada e hermética que não respeite a realidade dos interlocutores nem a linguagem própria de cada Meio de Comunicação Social.<sup>388</sup>

Entretanto, o relatório sinodal chama a atenção para algumas questões a serem enfrentadas do ponto de vista digital e que deverão ser levadas em consideração na formação dos novos padres. A síntese sinodal destaca especialmente os danos e as feridas que podem ser causados via internet, apontando o bullying, a desinformação, a exploração sexual e a dependência tecnológica. Por isso, motiva a comunidade cristã a uma reflexão séria sobre como tornar o espaço on-line “não apenas seguro, mas também espiritualmente vivificante”<sup>389</sup>.

O relatório evidencia a própria realidade interna da Igreja católica, em que certos ambientes digitais abordam a fé “de modo superficial, polarizado e até carregado de ódio”<sup>390</sup>, contribuindo, portanto, com a própria insegurança digital. Portanto, o desafio principal, é “garantir que a nossa presença online constitua uma experiência de crescimento para aqueles com quem nos comunicamos”<sup>391</sup>. De acordo com a síntese sinodal, são justamente as “iniciativas apostólicas online [que] têm um alcance e um raio de ação que se estende para além das fronteiras territoriais tradicionalmente entendidas”<sup>392</sup>.

É preciso que compreendamos que não é possível confundir “o processo de renovação pastoral, em vista do anúncio do evangelho no mundo atual, com uma espécie de modernização superficial que se limita ao “uso” dos recursos tecnológicos que a cultura digital coloca a nosso dispor”<sup>393</sup>.

A comunicação proposta pela igreja católica deve deixar-se configurar pelo estilo comunicativo do Novo Testamento que é narrativo. Trata-se de comunicar uma boa notícia, um feito acontecido, uma história de salvação traduzida em visitas, encontros e gestos de amor que podem ser percebidos. Tal comunicação centra-se, sobretudo, na vida e ações da pessoa de Jesus Cristo e, não, exclusivamente, em seus ditos, palavras e ensinamentos. Preocupa-se com a profundidade da vida de Jesus, com o sentido do acontecimento da sua Encarnação/Ressurreição, com a repercussão dos seus atos e das suas palavras. Para tanto, a comunicação do evangelho deve usar

<sup>388</sup> MORAES, A. O., O Programa de Educação para a Comunicação: o ministro ordenado como interlocutor num novo contexto cultural, p. 446.

<sup>389</sup> XVI ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, 17f.

<sup>390</sup> XVI ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, 17g.

<sup>391</sup> XVI ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, 17g.

<sup>392</sup> XVI ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, Relatório de Síntese, 17h.

<sup>393</sup> MORAES, A. O.; BRAIDO, O., Presença do ministro ordenado nas redes sociais, p. 281.

fórmulas novas, sugestivas, imagens evocadoras capazes de envolver os/as interlocutores/as de todos os tempos e lugares.<sup>394</sup>

Desta maneira, os desafios contemporâneos, como a cultura digital, podem ser enfrentados não somente por meio de “convergências”, “questões” em aberto e “propostas” teóricas eclesiais, mas também podem encontrar, por parte da Igreja, ações e decisões concretas e práticas diante da complexidade da realidade atual, que avança cada vez mais, não apenas do ponto de vista tecnológico, mas principalmente sociocultural e comunicacional. O caminho sinodal é para a Igreja o modo de se viver a profunda experiência eclesial. Esse caminho deverá ser percorrido pelos futuros presbíteros na sua formação inicial e permanente.

«O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio». Este itinerário, que se insere no sulco da “atualização” da Igreja, proposta pelo Concílio Vaticano II, constitui um dom e uma tarefa: caminhando lado a lado e refletindo em conjunto sobre o caminho percorrido, com o que for experimentando, a Igreja poderá aprender quais são os processos que a podem ajudar a viver a comunhão, a realizar a participação e a abrir-se à missão. Com efeito, o nosso “caminhar juntos” é o que mais implementa e manifesta a natureza da Igreja como Povo de Deus peregrino e missionário.<sup>395</sup>

---

<sup>394</sup> MORAES, A. O.; BRAIDO, O., Presença do ministro ordenado nas redes sociais, p. 282.

<sup>395</sup> FRANCISCO, PP., Documento preparatório para Sínodo de 2023.

## 5 Conclusão

O tema da formação catequética sempre me foi caro, razão pela qual pude dedicar-me ao trabalho de conclusão da graduação. Desde os doze anos de idade me considero catequista e ao longo dos últimos anos pude aprofundar ainda mais a compreensão sobre esse serviço ministerial na Igreja. Durante o período do meu processo formativo no seminário busquei dedicar-me aos estudos e a experiências consistentes que pudessem favorecer o aprimoramento da minha formação catequética em vista do exercício do ministério presbiteral.

O interesse pelo tema da formação catequética dos futuros presbíteros desenvolvido nesta pesquisa é fruto do meu amor à vocação sacerdotal somado à paixão pela dimensão catequética no processo de evangelização dos discípulos missionários. Diante do paradigma da catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã, tenho buscado aprofundar ainda mais os conhecimentos e as experiências catequéticas. Como presbítero tenho a oportunidade de acompanhar de forma mais concreta, nas comunidades cristãs, a implantação e o desenvolvimento do processo catequético de Iniciação à Vida Cristã acontecendo na prática.

As experiências diante do tema abordado enriquecem essa investigação que buscou, sobretudo, destacar a importância da formação catequética para os futuros presbíteros, tendo em vista que no atual contexto, a atuação dos presbíteros é essencial para a iniciação da vida de fé de uma comunidade cristã.

A observação ao longo de todos esses anos de estudo e a dedicação a missão catequética, assim como a experiência adquirida através do acompanhamento dos diversos itinerários catequéticos nas comunidades e a colaboração com a formação de catequistas, visa encontrar nas fontes pesquisadas a valoração teórica de outros autores que de igual modo estudaram e puderam receber e agregar suas colaborações para esta realidade tão cara a Igreja Católica.

A pesquisa representa uma colaboração para que a catequese como realidade fundamental no processo de evangelização da Igreja, seja cada vez mais debatida no âmbito acadêmico e, conseqüentemente, se estruture cada vez mais como um campo de pesquisa sério e abrangente da teologia sistemático pastoral.

Nesta investigação, a identificação de algumas situações evidentes em relação à formação catequética dos futuros presbíteros e outras ainda carentes de respostas

satisfatórias, foram capazes de despertar o desejo de aprofundar o conhecimento sobre essa temática. Foi a partir desse contexto que surgiu esta árdua pesquisa, que não está definitivamente concluída, mas sim aberta para contribuições. O percurso delineado, também anseia por receber mais colaborações, visando enriquecer esta importante dimensão da formação de indivíduos dispostos a se configurarem como discípulos de Jesus Cristo e a se identificarem com o seu pastoreio ao longo da vida.

A formação catequética dos futuros presbíteros visa colaborar com o processo de formação da identidade presbiteral. O processo de formação deverá ser um grande itinerário catequético, que sintetizam as etapas de um momento formativo, que chamamos inicial, e são definidos pela *Nova Ratio* de Discipulado e Configuração, respectivamente, mas que desemboca na formação permanente. Assim como o processo de Iniciação à Vida Cristã não termina com a celebração dos sacramentos, o processo formativo dos presbíteros também não termina no dia de sua ordenação presbiteral, é, portanto, integral, gradual e permanente.

A projeção que apresentamos com esta pesquisa sugere um processo formativo dos futuros presbíteros que deverá ser orgânico, integral e integrador, a partir das conexões entre as fases e as dimensões formativas. Na perspectiva desta pesquisa para uma dimensão formativa que integre a catequese, identificamos a inspiração catecumenal como caminho catequético que poderá iluminar um projeto formativo para os futuros presbíteros da Igreja em vista de uma nova configuração para a sua atuação.

A articulação da dimensão catequética com as demais dimensões da formação presbiteral poderá favorecer uma melhor preparação dos candidatos ao ministério presbiteral. Destarte, os futuros presbíteros deverão ser preparados para responder com maior empenho as exigências que se requer na atualidade da missão evangelizadora da Igreja. A dimensão catequética na formação contribui para que o futuro presbítero encontre na missão pastoral o seu amadurecimento na fé: ser sinal da caridade de Cristo na realização da obra da salvação.

A missão de testemunhar a fé, esperança e caridade cristã é fundamental para os novos presbíteros, e a maneira como isso se manifesta está intimamente ligada à compreensão da realidade à luz do mistério de Cristo. O intercâmbio da Igreja com o mundo, refletindo o exemplo da encarnação de Deus, é essencial para trazer o dom da redenção ao mundo. A aquisição do conhecimento e o desenvolvimento intelectual são aspectos importantes no processo de formação dos presbíteros, pois

ajudam a embasar e enriquecer a missão de testemunhar a fé cristã de forma eficaz e relevante

A tradição milenar da Igreja em formar seus pastores, estabelecida por Jesus Cristo com os doze primeiros discípulos, tem evoluído ao longo da história, desenvolvendo métodos que permitem adaptar-se às necessidades de cada época. O Concílio Vaticano II desempenha um papel importante nessa constante evolução da Igreja. Consciente dessa competência, Paulo VI e os padres conciliares reconhecem a importância de encontrar maneiras que promovam a descoberta e redescoberta de métodos que aprimorem a formação dos presbíteros. Durante esse evento conciliar, os três elementos que compõem o ministério sacerdotal são identificados nos exemplos dos santos padres, conhecidos como "tria munera", que estão presentes na missão messiânica de Jesus: ensinar, santificar e governar.

O legado significativo do Concílio Vaticano II, que propôs a integração de realidades fragmentadas, é cada vez mais crucial nos tempos atuais, marcados pela fragmentação e desvalorização do outro, das instituições, da moral e da fraternidade. Como presbítero, após esta pesquisa, sinto-me desafiado a compreender que entre a teoria e a prática existem pessoas: o formando, o formador, os fiéis leigos, os presbíteros e o bispo, cada uma com suas particularidades. Propor um caminho da integração catequética pode levar a uma experiência de crescimento pastoral e espiritual, tornando-as conscientes de quem são diante de Deus e encorajando-as a se tornarem o que Ele deseja.

Diante do exposto nesta pesquisa fica claro que a catequese na atualidade reclama a presença e o envolvimento dos novos presbíteros. Nesse sentido, não é mais possível insistir em um modelo formativo que não favorece ao candidato uma profunda experiência comunitária e espiritual.

Pensar uma nova configuração para a atuação dos futuros presbíteros representa um passo importante para a caminhada catequética da Igreja, sobretudo no Brasil. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil tem empreendido muitos esforços para favorecer uma formação catequética para os futuros presbíteros por meio da realização de diversos Encontros Nacionais e Seminários na perspectiva da Iniciação à Vida Cristã.

Pode-se perceber um grande desenvolvimento da reflexão e envolvimento dos presbíteros do Brasil com a missão catequética, prova disso, nos últimos anos há uma crescente busca pela pesquisa acadêmica nesta área com a publicação de alguns

estudos. A catequese passa por um grande processo de renovação, consequentemente, os futuros presbíteros precisam passar por esse processo de renovação para servir melhor a Igreja na perspectiva da ação evangelizadora. É, portanto, a partir do processo de renovação da formação catequética dos seminaristas que poderá surgir uma nova configuração para a ação catequética dos futuros presbíteros.

Se faz necessário repensar o projeto de formação presbiteral, levando em consideração as demandas do mundo atual. Nossos jovens nascem e crescem em um contexto completamente diferente, e é crucial prepará-los para serem padres do novo milênio, prontos para enfrentar os desafios e acompanhar as transformações da sociedade.

Há de ser desenvolvido na formação dos futuros presbíteros uma habilidade de comunicação efetiva e afetiva, que desperte a capacidade de utilização dos diversos tipos de linguagem e comportamento comunicativo próprios da cultura digital na qual os novos padres estarão inseridos. Toda a atuação dos novos presbíteros está contextualizada numa cultura digital, que influencia diretamente o seu agir, de modo que, a formação deve buscar desenvolver nos futuros presbíteros essa competência comunicativa, para que esteja em harmonia com o ambiente humano no qual vivem, que saibam dialogar, ouvir, compreender, comunicar e serem compreendidos<sup>396</sup>.

Por conseguinte, os futuros presbíteros não devem apenas se interessar pelas novas tecnologias para estar "na moda" ou para não se sentirem "alienados", mas sim porque estas representam a linguagem da vida atual e, principalmente, porque compreendem que através delas podem exercer uma comunicação que promove a comunidade<sup>397</sup>.

Para uma nova configuração da atuação dos futuros presbíteros se requer que estejam alinhados com a visão eclesial proposta pelo Papa Francisco, que tem influenciado de maneira significativa a Igreja nos últimos anos, promovendo o espírito Conciliar. Além disso, é imprescindível que possuam as virtudes humanas por excelência, que farão uma grande diferença no mundo. Conforme as palavras do Papa Francisco, é necessário que haja uma ligação pessoal profunda com Jesus

---

<sup>396</sup> MORAES, A. O.; BRAIDO, O., Presença do ministro ordenado nas redes sociais, p. 281.

<sup>397</sup> MORAES, A. O.; BRAIDO, O., Presença do ministro ordenado nas redes sociais, p. 281.

e, ao mesmo tempo, uma forte conexão com o Povo de Deus<sup>398</sup>. Esses laços constituem a identidade sacerdotal e são essenciais para o exercício do ministério com autenticidade e compromisso.

A dimensão catequética na formação dos futuros presbíteros resgata o discipulado e o exemplo de Jesus, que acolhia, incluía e curava os feridos. A experiência catequética do seminarista será a experiência de Jesus com os seus discípulos. Por isso, no seminário não se poderá deixar de lado a experiência pessoal do formando com Jesus Cristo. Recomeçar sempre de Jesus Cristo, por isso a referência aos cinco pães e dois peixes (Jo 6, 9-14) nos lembra da importância de compartilhar o que temos para saciar a fome do próximo, e a atitude de não calar o grito do cego (Mc 10, 46-52) nos desafia a agir em favor daqueles que necessitam. A fé em meio às tempestades (Mc 4, 35-41), como a demonstrada quando Jesus aparentava dormir no barco, é um ensinamento valioso a ser transmitido aos futuros presbíteros.

Durante o percurso desta pesquisa, constatamos a escassez de reflexão e diretrizes significativas para a formação catequética dos futuros presbíteros. A importância desse aspecto da formação presbiteral não tem recebido a devida atenção, como evidenciado pela falta de materiais e manuais específicos para orientar esse processo. É notável que haja uma vasta disponibilidade de material sobre a formação de catequistas, enquanto a formação catequética dos futuros presbíteros nessa área carece de bibliografia equivalente. Essa lacuna merece ser preenchida para garantir que os novos presbíteros estejam preparados para desempenhar um papel eficaz na transmissão da fé das comunidades.

Para uma formação catequética nos seminários que não se reduza apenas à dimensão intelectual, é essencial considerar alguns passos. Em primeiro lugar, compreender os referenciais teóricos e criteriológicos no campo da eclesiologia, que trata da natureza e missão da Igreja, possibilita aos seminaristas uma compreensão mais ampla do contexto no qual exercerão seu ministério. Além disso, a reflexão sobre a formação e a catequese oferece subsídios teóricos e práticos que fundamentam a atuação pastoral, permitindo que os futuros presbíteros estejam preparados para transmitir a fé de maneira adequada e significativa. A integração desses referenciais teóricos é essencial para uma formação catequética sólida e

---

<sup>398</sup> EG 91.

autêntica.

Em segundo lugar, compreender e esclarecer os conceitos de formação e catequese para estruturar uma proposta formativa significativa para os futuros presbíteros. Nesse sentido, a definição clara dos horizontes dentro dos quais se compreende e estrutura a formação catequética torna-se essencial, considerando a dimensão eclesiológica, que aborda a identidade presbiteral, a dimensão formativa, que estabelece as bases do caminho a ser percorrido, e a dimensão catequética, que engloba a especificidade desta formação.

Ao definir os horizontes e fazer escolhas conscientes em relação a eles, delinea-se o caminho da formação catequética para uma nova atuação dos futuros presbíteros, considerando não apenas as necessidades individuais, mas também as demandas da Igreja e das comunidades às quais servirão. Portanto, a clareza conceitual e a conscientização sobre esses horizontes são passos cruciais para uma formação catequética eficaz e alinhada com as exigências do exercício do ministério presbiteral.

Depois de estabelecermos as bases que sustentam a formação catequética dos futuros presbíteros diante dos desafios da formação presbiteral no mundo contemporâneo, e tendo clara a relação entre o presbítero e a catequese em vista de uma nova configuração para sua atuação, podemos sugerir como contribuição dessa pesquisa algumas diretrizes que favoreçam escolhas conscientes e capazes de reformular determinados percursos formativos.

A primeira seria estabelecer uma clara opção eclesiológica, que neste caso, deve ser, obviamente, aquela que emergiu da reflexão conciliar, que colocou todo o Povo de Deus como sujeito ativo na missão evangelizadora da Igreja<sup>399</sup>. O futuro presbítero, deverá vincular seu ministério dentro da comunidade cristã, que ele é chamado a guiar, mas não a substituir. Pelo contrário, é convidado a encorajar a comunidade cristã a um caminho rumo à maturidade da fé.

Indubitavelmente, a formação dos seminaristas deve transcender a mera aquisição de conhecimento cognitivo, transformando-se em um processo integral de desenvolvimento que exige o engajamento pleno da pessoa em formação. Desse modo, é preciso manter em vista a realidade prática na qual o formando irá exercer seu ministério, assegurando que esteja preparado para intervir de maneira concreta

---

<sup>399</sup> LG 5-71.



nas situações inerentes à missão que lhe será confiada.

A segunda refere-se ao papel do futuro presbítero na catequese. Sua missão específica requer a definição clara das tarefas que lhe são atribuídas. Devido à sua configuração ontológica com Cristo, assumida por meio do ministério ordenado, o presbítero é, acima de tudo, o moderador da catequese. Através da sua ordenação, ele é chamado a garantir a proclamação do Evangelho na comunidade eclesial que preside.

A terceira confirma que também o presbítero é um educador na fé, uma vez que “participam da função de ensinar própria dos bispos, e são seus mais próximos colaboradores”<sup>400</sup>. Na formação dos futuros presbíteros não poderá faltar essa compreensão tão necessária da vida do presbítero como educador na fé, pois ele não transmite apenas conhecimento teológico, mas também nutre e fortalece a resposta de fé da comunidade cristã. Assim, o futuro presbítero deve ser formado para ser um grande místico, ajudando os fiéis a crescerem na sua jornada de fé, alcançando a maturidade cristã e assumindo o compromisso missionário.

Finalmente, não poderá faltar nas diretrizes da formação dos futuros presbíteros a consciência de que deverão ser na comunidade o “catequista dos catequistas”<sup>401</sup>, chamado a formar e acompanhar os catequistas no seu caminho pessoal de fé e no serviço pastoral que realizam na comunidade. Sobremaneira, “valorizando o grupo de catequistas com espírito de comunhão e corresponsabilidade necessárias para uma autêntica formação”<sup>402</sup>.

As reflexões teóricas propostas nessa pesquisa sobre a formação catequética dos futuros presbíteros conduzem à conclusão de que os elementos a serem considerados durante os anos de formação no seminário e, conseqüentemente amadurecidos na formação permanente, estão em sintonia com a natureza própria das tarefas da catequese. Estas incluem a formação de anunciadores da Palavra, a conclusão dos estudos teológicos de forma interdisciplinar com foco na ação pastoral, e a articulação de novas comunidades cristãs.

Com esta pesquisa, reafirmamos que o presbítero não nasce pronto e que precisa, na formação de sua Identidade, fazer uma experiência catequética que favoreça sua configuração a Jesus, Bom Pastor. A formação catequética dos

---

<sup>400</sup> PO 2.

<sup>401</sup> DGC 225.

<sup>402</sup> DC 116f.

seminaristas não pode se resumir a uma disciplina de catequética ao longo do curso de Teologia, precisamos levar a sério a dimensão catequética na formação presbiteral. Para cumprir e colaborar verdadeiramente com a missão da Igreja de formar discípulos missionários de Jesus Cristo, os futuros presbíteros precisam ser formados em linha catequética e na perspectiva da Iniciação à Vida Cristã.

Durante seu itinerário formativo, o seminarista deve refletir sobre as motivações que fundamentam sua aspiração pastoral. Ele deve compreender, não apenas de forma cognitiva, mas também espiritual, que a catequese constitui o cerne da missão evangelizadora da Igreja, pois ela, como enfatiza o Diretório Nacional de Catequese, “ao transmitir a fé, gera filhos pela ação do Espírito Santo e os educa maternalmente”<sup>403</sup>.

Os novos presbíteros, deverão potencializar e revigorar a comunidade eclesial com a bela e nobre arte de educar na fé: a catequese. As inspirações do Papa Francisco sobre o sacerdócio devem penetrar as paredes, por vezes, gélidas dos seminários e fazer arder os corações dos seminaristas para tomar parte na construção de um novo rosto eclesial. É imprescindível a definição de caminhos possíveis para concretizar os propósitos delineados nesta pesquisa.

Torna-se imperativo abordar a temática da formação catequética dos futuros presbíteros, representando, assim, o primeiro passo em direção a horizontes até então inexplorados. Que esta pesquisa, apenas um passo nessa longa caminhada, ajude-nos, a redescobrir que precisamos de um espírito novo, a enxergar que estamos em tempo de profunda renovação eclesial. No tocante a dimensão catequética na formação dos futuros presbíteros essa vitalidade da renovação vem pela Iniciação à Vida Cristã

---

<sup>403</sup> DNC 39.

## Referências bibliográficas

- ALBERICH, E. **Catequese Evangelizadora**. Manual de catequética fundamental. Adaptação para o Brasil e América Latina: Luiz Alves de Lima. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.
- ALEIXANDRE, D.; VELASCO, J.M.; PAGOLA, J. A. **Olhos fixos em Jesus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- ALMEIDA, A. J. Modelos eclesiológicos e ministérios eclesiais, **REB** 48 [1988], 316-321.
- ALVES DE LIMA, L. **A catequese do Vaticano II aos nossos dias**: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. São Paulo: Paulus, 2016.
- ALVES DE LIMA, L. **A iniciação cristã ontem e hoje**. In. COMISSÃO EPISCOPAL PARA ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA, 3ª Semana Brasileira de Catequese. Brasília: Edições CNBB, 2010.
- AMADO, J.; FERNANDES, L. (org.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.
- AMADO, J.P. **Presbíteros: comunhão e missão**. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- BENTO XVI, PP. **Deus caritas est**. Carta Encíclica. São Paulo: Loyola, 2006.
- BENTO XVI, PP. **Discurso para os jovens no Brasil em 2007**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070510\\_youth-brazil.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070510_youth-brazil.html). Acesso em: 25 de Out. 2023.
- BÍBLIA: **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- BORTOLI, E. **Pequenas comunidades, lugares de Iniciação à Vida Cristã**. Brasília: Edições CNBB, 2017.
- BRANDES, O., **Presbítero: vocação e missão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- BRASIL, A.R. **O presbítero na Igreja e a crise da dimensão sacerdotal do ministério presbiteral segundo “Théologie du Sacerdoce” de Gustave Martelet, SJ**. Tese (Doutorado em Teologia). Roma: Gregoriana, 2005.
- BRIGHENTI, A. **O novo rosto do catolicismo brasileiro**: clero, leigos, religiosos e perfil dos padres novos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- BRIGHENTI, Agenor. **O novo rosto do clero**: perfil dos padres novos no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

BRODOLONI, P. **La Formazione Catechetica Nei Seminari Maggiori Italiani**. Disponível em: <http://web.tiscali.it/Catechetica/interventi/Brodoloni%201.htm>. Acesso em: 23 de Ago. 2023.

BRUNO, Eugenio; PONTIFICIO CONSIGLIO PER LA PROMOZIONE DELLA NUOVA EVANGELIZZAZIONE. **Il catechista testimone della fede**: far crescere il desiderio di Dio nel cuore degli uomini. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2018.

BRUSTOLIN, L.A., **Desafios da ação evangelizadora da Igreja no Brasil**. Síntese no encontro em preparação para o jubileu da esperança realizado em Brasília em janeiro de 2024.

CARMO, S. **Catequese no mundo atual**: crises, desafios e um novo paradigma para catequese. São Paulo: Paulus, 2016.

CARRANÇA, T., Jovens 'sem religião' superam católicos e evangélicos em SP e Rio. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257>. Acesso em: 30 de Jun. 2023.

CARVALHO, W. F.; DANTAS, A. T., **Iniciação à vida cristã**: da intuição à decisão pastoral. Teresina: Nova Aliança, 2023.

CASTELLUCCI, E. A trent'anni dal decreto Presbyterorum ordinis. La discussione teologica postconciliare sul ministero presbiterale, **ScC** 124, 1994.

CELAM. **A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época**. Brasília: Edições CNBB, 2015.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da Vª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

CELAM. **Manual de Catequética**. São Paulo: Paulus, 2007.

CENTRELLA, F. **La formazione catechistica dei presbiteri**. Edizioni San Lorenzo, 2022.

CIFUENTES, R.L. **Sacerdotes para o terceiro milênio**. Aparecida: Editora Santuário, 2009.

CIPOLLINI, P.C. **Por uma Igreja Sinodal**: sinodalidade – tarefa de todos. São Paulo: Paulus, 2022.

CNBB. **Diretrizes básicas da formação dos presbíteros da Igreja no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1995.

CNBB. **13º Plano bienal dos organismos nacionais**. (Doc. 57). Disponível em: <https://efosm.files.wordpress.com/2013/02/cnbb-doc-57-e28093-projeto-de-evangelizac3a7c3a3o-da-igreja-no-brasil-em-preparac3a7c3a3o-ao-grande-jubilei-do-ano-2000.pdf>. Acesso em: 03/11/2023.

CNBB. **Carta aos presbíteros.** São Paulo: Paulinas, 2004.

CNBB. **Catequese Renovada:** Orientações e conteúdo. São Paulo: Paulinas, 1987. (Doc. 26).

CNBB. **Comunidade de comunidades:** uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Doc. 100).

CNBB. **Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade:** São Sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-14). São Paulo: Paulinas, 2016. (Doc.105).

CNBB. **Critérios e itinerários para a instituição do Ministério de Catequista.** Brasília: Edições CNBB. (Doc.112).

CNBB. **Diretório Nacional de Catequese.** São Paulo: Paulinas, 2006. (Doc. 84).

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil 1979-1982.** Disponível em: <https://efosm.files.wordpress.com/2013/02/cnbb-doc-15-diretrizes-gerais-da-ac3a7c3a3o-evangelizadora-da-igreja-no-brasil-e28093-1979e280931982.pdf>. Acesso em: 12 de Nov. 2023.

CNBB. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil.** Brasília: Edições CNBB, 2018. (Doc. 110).

CNBB. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil.** (Doc. 92). Disponível em: <https://efosm.files.wordpress.com/2013/02/cnbb-doc-93-diretrizes-para-a-formac3a7c3a3o-dos-presbc3adteros-da-igreja-no-brasil1.pdf>. Acesso em: 24 de Out. 2023.

CNBB. **Discípulos e servidores da palavra de Deus na missão da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2012. (Doc. 97).

CNBB. **Evangelização e missão profética da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 2006. (Doc. 80).

CNBB. **Formação dos presbíteros na Igreja do Brasil.** (Doc. 55). Disponível em: <https://efosm.files.wordpress.com/2013/02/cnbb-doc-55-e28093-diretrizes-bc3a1sicas-da-formac3a7c3a3o-dos-presbc3adteros-da-igreja-no-brasil-1994.pdf>. Acesso em: 24 de Nov. 2023.

CNBB. **Iniciação à vida cristã:** itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Doc. 107)

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã: um processo de Inspiração Catecumenal.** Brasília: Edições CNBB, 2009. (Estudos da CNBB 97).

CNBB. **Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas.** (Doc. 62). Disponível em: <https://efosm.files.wordpress.com/2013/02/cnbb-doc-62-e28093-missc3a3o-e-ministc3a9rios-dos-cristc3a3os-leigos-e-leigas.pdf>. Acesso em: 24 de Out. 2023.

CNBB. **O Presbítero: Mestre da Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio.** São Paulo: Paulinas, 1999.

CNBB. **Os grandes desafios da sociedade Brasileira.** Análise de conjuntura eclesial 2023. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wpcontent/uplads/2023/04/OS-GRANDES-DESAFIOS-PARA-A-SOCIEDADE-BRASILEIRA-230414-191806.pdf>. Acesso em: 20 de Jul. 2023.

CNBB. **Presbítero, Anunciador da Palavra de Deus, Educador da Fé e da Moral da Igreja.** Brasília: Edições CNBB, 2010.

CNBB. **Vida e ministério do presbítero pastoral vocacional.** Disponível em: <https://efosm.files.wordpress.com/2013/02/cnbb-doc-15-diretrizes-gerais-da-ac3a7c3a3o-evangelizadora-da-igreja-no-brasil-e28093-1979e280931982.pdf>. Acesso em: 12 de Dez. 2023.

CNBB. **Vida e missão do presbítero: Pastoral Vocacional.** São Paulo: Paulinas, 1982.

CNP. **Presbíteros do Brasil construindo história.** Instrumentos preparatórios aos Encontros Nacionais de Presbíteros. São Paulo: Paulus, 2001.

COMBLIN, J. Algumas reflexões sobre a formação sacerdotal hoje. *REB*, v. 41, n. 162, p. 321 -346, 1981.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. A colaboração dos fiéis leigos no Sagrado ministério dos sacerdotes. **A Santa Sé.** Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cclergy/documents/rc\\_con\\_intedic\\_doc\\_15081997\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_intedic_doc_15081997_po.html). Acesso em: 20 de Dez. 2023.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Catequético Geral.** 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para Catequese.** São Paulo: Paulinas, 1998.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros,** 2013. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cclergy/documents/rc\\_con\\_cclergy\\_doc\\_20130211\\_direttorio-presbiteri\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20130211_direttorio-presbiteri_po.html). Acesso em: 23 de Out. 2023.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instituição de catequistas.** Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/rc\\_con\\_ccdds\\_doc\\_20211203\\_decreto-rito-istituzione-catechisti\\_la.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20211203_decreto-rito-istituzione-catechisti_la.html). Acesso em: 12 de Dez. 2023.

COSTA, R.F. **Mistagogia Hoje**: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais. São Paulo: Paulus, 2014.

CROZERA, Paulo. **Os ministérios**. Bogotá: CELAM; Brasília: Edições CNBB, 2008.

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Traduzido por José Mariano e Johan Konings. São Paulo: Paulinas, 2007.

FAVALE, A. **I Presbiteri**: Identità, Missione, Spiritualità e Formazione Permanente. Torino: Editrice Elledici, 1999.

FERREIRA, S. A vida dos presbíteros nas dioceses do Brasil: desafios e perspectivas. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 72 n. 286 (2012). Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/issue/view/73>. Acesso em: 12 Set. 2023.

FISICHELLA, R. **Coletiva de imprensa do Moto proprio Antiquum Ministerium**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-05/apresentacao-motu-proprio-catequista-fisichella-franz-peter-elst.html>. Acesso em: 23 de Jul. 2023.

FONTES, Douglas Alves; MORAIS, Joaquim Gonçalves de; FERREIRA, Nivaldo dos Santos. **A formação sacerdotal hoje**. Rio Bonito, RJ: Benedictus, 2018.

FRANCISCO, PP. Audiência com os seminaristas das Dioceses da Calábria, 2023. **A Santa Sé**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2023/march/documents/20230327-seminaristi-calabria.html>. Acesso em: 25 de Nov. 2023.

FRANCISCO, PP. Carta aos Padres da Diocese de Roma. **A Santa Sé**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/it/letters/2023/documents/20230805-lettera-sacerdoti.html>. Acesso em: 11 de Set. 2023.

FRANCISCO, PP. Aos participantes na Assembleia Geral Extraordinária da Conferência Episcopal Italiana. **A Santa Sé**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2014/documents/papafrancesco\\_20141108\\_lettera-cei.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2014/documents/papafrancesco_20141108_lettera-cei.html). Acesso em: 20 de Out. 2023.

FRANCISCO, PP. Audiência geral, 15 de fevereiro de 2023. **A Santa Sé**. <<<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2023/documents/20230215-udienza-generale.html>> acesso em: 27/09/2023.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica em forma de Motu Proprio Antiquum Ministerium**: pela qual se institui o ministério de catequista. Brasília, DF: Edições CNBB, 2021. (Documentos Pontifícios, n. 48.)

FRANCISCO, PP. **Christus Vivit**. Para os jovens e para todo o Povo de Deus. Exortação Apostólica pós-sinodal. São Paulo: Paulus: 2019.

FRANCISCO, PP. Discurso do Papa aos fiéis da Diocese de Roma no dia 18 de Setembro de 2021. **A Santa Sé.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210918-fedeli-diocesiroma.html>. Acesso em: 23 de Nov. 2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa aos fiéis da Diocese de Roma.** Sala Paulo VI: Setembro, 2021. A Santa Sé. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210918-fedeli-diocesiroma.html>. Acesso em: 11 de Nov. 2023.

FRANCISCO, PP. Discurso do Papa Francisco à comunidade do Pontifício Seminário Lombardo em Roma no dia 07 de Fevereiro de 2022. **A Santa Sé.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/february/documents/20220207-seminario-lombardo.html>. Acesso em: 27 de Out. 2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco.** Momento de reflexão para o início do percurso sinodal. Cidade do Vaticano, 9 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211009-apertura-camminosinodale.html>. Acesso em: 12/05/2023.

FRANCISCO, PP. Documento preparatório para Sínodo de 2023. **A Santa Sé.** Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/09/07/0540/01156.html#PORTOGHESEOK>. Acesso em: 11 de Nov. 2023.

FRANCISCO, PP. Encontro de Francisco com os seminaristas do Pontifício Seminário Regional Flamínio de Bolonha, 2019. **A Santa Sé.** Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2019/december/documents/papa-francesco\\_20191209\\_seminario-benedettoxv.html](https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2019/december/documents/papa-francesco_20191209_seminario-benedettoxv.html). Acesso em: 12 de Nov. 2023.

FRANCISCO, PP. Homilia em Lampedusa no dia 8 de julho de 2013. **A Santa Sé.** Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papafrancesco\\_20130708\\_omelia-lampedusa.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papafrancesco_20130708_omelia-lampedusa.html). Acesso em: 15 de Set. 2023.

FRANCISCO, PP. Mensagem do Papa Francisco para o 60º dia Mundial de oração pelas vocações. **A Santa Sé.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/20230430-messaggio-60-gm-vocazioni.html>. Acesso em: 12 de Nov. 2023.

FRANCISCO, P.P. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.** São Paulo: Paulinas, 2013.

FRISULLO, Vicente. **Espiritualidade e missão do catequista:** a partir do documento da CNBB n. 107. São Paulo: Paulinas, 2017.



GALVÁN, F. R. El sacerdote y la catequesis: Las tareas específicas que todo presbítero debe realizar en la catequesis. In. **Revista Actualidad Catequética**, n. 227, 2010.

GAMBINO, V. **Dimensioni dela formazione presbiterale**. Torino: Editrice Elle Di Ci, 1993.

GEVAERT, J. **O primeiro anúncio**: finalidade, destinatários, conteúdos, modalidade de presença. São Paulo: Paulinas, 2009.

GIAQUINTA, C. **Formar verdaderos pastores**: el seminario y la formación sacerdotal. Buenos Aires: Guadalupe, 2012.

GIL, P. C., **Catequese e sinodalidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

HACKMANN, G. L. B. **A identidade presbiteral depois do Vaticano II**. Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião. v. 9, n. 24, p. 1090-1112, 19 mar. 2012. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n24p1090/3531>. Acesso em: 24 de Out. 2023.

INAPAZ – CNBB. **Análise de conjuntura eclesial**. As ameaças à comunhão eclesial no contexto de polarização sociopolítica, cultural e religiosa. Brasília: INAPAZ-CNBB, 2023.

JOÃO PAULO II, PP. **Mensagem do Santo Padre para o XXXVII dia mundial de oração pelas vocações**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/vocations/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_30091999\\_xxxvii-voc2000.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/vocations/documents/hf_jp-ii_mes_30091999_xxxvii-voc2000.html). Acesso em: 10 de dez. 2023.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte**. São Paulo, Paulinas, 2001.

JOÃO PAULO II. **Carta do Sumo Pontífice João Paulo II a todos os bispos da Igreja por ocasião da quinta-feira santa de 1979**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_19790409\\_vescovi-giovedi-santo.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1979/documents/hf_jp-ii_let_19790409_vescovi-giovedi-santo.html). Acesso em: 15 de 2023.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Evangelium Vitae**. São Paulo: Paulinas, 1995.

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000.

JOÃO PAULO II. **Código de Direito Canônico**. Tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 2001.

JOÃO PAULO II. **Discurso aos participantes no Congresso «Os presbíteros e a catequese na Europa»** (8 de maio de 2003).

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae***. São Paulo: Paulinas, 2006.

JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis**. São Paulo: Paulinas, 1992.

KUZMA, C., **Igreja sinodal**. In. AQUINO, J.; MORI, G.L., Igreja em saída sinodal para as periferias: reflexões sobre a Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, 2022, p. 151.

LAGHI, P. **Natureza y misión del sacerdocio ministerial**. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/21093/1/Naturalez>. Acesso em: 15 de Dez. 2023.

LEÓN OJEDA, Felipe de J. de. **A iniciação cristã**. Bogotá: CELAM; Brasília: Edições CNBB, 2008.

LIMA, E. R. **Ser presbítero católico**: estudo sobre a identidade. Petrópolis, RJ: Vozes: Editora PUC-Rio, 2002. – (Série Teologia PUC-Rio).

LIMA, Luiz Alves. **A alegria de iniciar discípulos missionários**. In. SOCIEDADE BRASILEIRA DE CATEQUISTAS. Rio de Janeiro: Vozes, 2018. p. 17.

MEDDI, L. **Catechetica**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2022.

MELGUIZO YEPES, Guillermo. **Os presbíteros**: discípulos missionários de Jesus bom pastor. Bogotá: CELAM; Brasília: Edições CNBB, 2008.

MORAES, A. O. O Programa de Educação para a Comunicação: o ministro ordenado como interlocutor num novo contexto cultural. **REB. REVISTA ECLESIASTICA BRASILEIRA**, v. 282, p. 439-453, 2011.

MORAES, A. O.; BRAIDO, O. Presença do ministro ordenado nas redes sociais. In. **PqTeo**, Rio de Janeiro, v.6, n.12, p. 281.

MORAES, A. O.; CALANDRO, E. A Iniciação à Vida Cristã a partir de Aparecida: perspectivas catequéticas após o primeiro decênio da Conferência. **Pesquisas em Teologia**, v. 1, p. 01-21, 2018.

MORAES, A. **Os princípios e a teologia da Iniciação à vida Cristã**. Brasília: 2022. Disponível em: <https://www.catequesedobrasil.org.br/noticia/seminario-virtual-os-principios-e-a-teologia-da-iniciacao-a-vida-crista-07042022-083358>. Acesso em: 10 de Set. 2023.

MORAES, ABIMAR; GRIPP, A. D., Da pastoral dos meios à infopastoral: considerações acerca da recepção do decreto *inter mirifica*. **Caminhos**, v. 20, p. 40-60, 2022.

MORAES, ABIMAR; GRIPP, ANDREIA DURVAL. Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital. **Fronteiras** - Revista de Teologia da Unicap, v. 3, p. 145-167, 2020.

NERY, I. J. **Catequese com adultos e catecumenato**. História e proposta. São Paulo: Paulus, 2019.

NOGUEIRA, J.R. **O presbítero na Igreja**: Identidade, missão e desafios atuais segundo a Ex. ap. <<*Pastores dabo Vobis*>> e alguns Documentos da Conferência

NORIEGA, R., **Ministério Sacerdotal**: a responsabilidade ética na arte de servir. Tradução de Oscar Ruben Lopez Maldonado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

OSIB. **Presbíteros segundo o coração de Jesus para o mundo de hoje**. II Seminário Nacional sobre a formação presbiteral da Igreja no Brasil, 2013.

PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 22ª ed. São Paulo: Paulinas, 1976.

PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA, **Recomendações pastorais da Assembleia Plenária para a formação sacerdotal nos seminários**. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cbishops/pcal/documents/rc\\_c\\_bishops\\_pcal\\_20090220\\_pastorale\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cbishops/pcal/documents/rc_c_bishops_pcal_20090220_pastorale_po.html). Acesso em: 10 de Dez. 2023.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. São Paulo: Paulinas, 2020.

POZO, C. **Naturaleza y misión del sacerdocio ministerial**. In. Benlloch Poveda, A. Os daré pastores según mi corazón, 1992.

QUEIROZ, Márcio Sérgio Oliveira de; COSTA, Paulo Cezar. **Por uma pastoral presbiteral a partir dos desafios e anseios da igreja do Ceará. Do concílio Vaticano II a exortação apostólica 'Pastores dabo vobis'**. 2009.Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia,2009.Disponível em:[http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0510382\\_09\\_Indice.html&gt;](http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0510382_09_Indice.html&gt;)

RECONDO, J.M. **La formación de los futuros sacerdotes**. Disponível em: <https://www.osar.org.ar/la-formacion-espiritual-de-los-futuros-sacerdotes-segun-pastores-dabo-vobis>. Acesso em: 15 de Nov. 2023.

REINERT, J. F. **Inspiração catecumenal e conversão pastoral**. São Paulo: Paulus, 2018.

REINERT, J.F. **Paróquia e Iniciação cristã**: a interdependência entre a renovação paroquial e mistagogia catecumenal. São Paulo: Paulus, 2015.

RITUAL ROMANO. **RICA**. São Paulo: Paulus, 2014.

RODRIGUES, B.M. **Querigma, Palavra e Catequese**: Do encontro pessoal com Jesus à fé vivida e testemunhada. Fortaleza: Editora Parole, 2019.

RODRIGUEZ, M. J., A catequese numa era secular. **Catequese**, 151, p. 6-15, Janeiro/Junho/2018.

SALVADOR, A.D. **Formação presbiteral**: inicial e permanente. Bogotá: CELAM; Brasília: Edições CNBB, 2008.

SÁNCHEZ ESPINOSA, Víctor; LEÓN OJEDA, Felipe de J. de; ROMERO CABRERA, Orlando; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL; CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Departamento de Missão e Espiritualidade. **A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época**. Brasília: CNBB, 2017.

SANTORO, D. F. Identidade e missão do presbítero: perspectivas e desenvolvimento do Vaticano II. **A Teo**, p. 483-484, Setembro/Dezembro 2015.

SANTOS, J. A formação de catequista para a animação à vida cristã. **Catequese**, n. 128, Outubro/Dezembro, 2009, p. 52-64.

SANTOS, J. B. **Presbíteros sinodais**: comunhão, participação e missão. São Paulo: Santuário, 2022.

SECRETARIA GENERAL DO SÍNODO. XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos. **Relatório de Síntese**. Disponível em: <https://www.synod.va/content/dam/synod/assembly/synthesis/portuguese/2023>. Acesso em: 10 de Dez. 2023.

SEMANA BRASILEIRA DE CATEQUESE, 3, 2009, Itaici, SP. **Iniciação à vida cristã**. Brasília: Edições CNBB, 2010.

SILVA, Gilberto Felipe; COSTA, Alfredo Sampaio. **A formação espiritual do presbítero**: À luz do documento de Aparecida. 2009. Dissertazione per ottenere a Licenza in Teologia con specializzazione in Spiritualità - Pontificia Università Gregoriana, Faculta di Teologia, Roma, 2009.

SILVA, Z. L. **Perspectiva Eclesiológica da identidade do presbítero na Exortação Apostólica PASTORES DABO VOBIS**. Tese (Mestrado em Teologia Dogmática). Roma: Gregoriana, 2000.

SÍNODO DOS BISPOS. **XV Assembleia geral ordinária**, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional.

SORAVITO, L. **O Ensino da Catequese nas Faculdades e Seminários Teológicos**. In Gruppo Italiano *Catecheti*, *Catechetica: identità e compiti*. Actas do II Encontro Nacional dos Catequistas Italianos, Frascati 23-25 de Abril de 1977, Secretariado do Grupo Italiano de Catequese, Udine 1977, 27-41.

SORRENTINO, F. **A formação dos futuros presbíteros na Igreja sinodal:** comunhão, participação e missão. Anais FAJE, Belo Horizonte- MG, v.7, n.2, 2022. Disponível em: [file:///C:/Users/bruno/Downloads/7.+Francesco+Sorrentino%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/bruno/Downloads/7.+Francesco+Sorrentino%20(3).pdf). Acesso em: 22 de Set. 2023.

TABORDA, F. **A Igreja e seus ministros:** uma teologia do ministério ordenado. São Paulo: Paulus, 2011.

VATICANO II. **Ad gentes.** Mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 2007.

VATICANO II. **Decreto Presbyterorum Ordinis.** São Paulo: Paulus, 2002.

VATICANO II. **Decreto Unitatis Redintegratio.** São Paulo: Paulinas, 2007.

VATICANO II. **Dei Verbum.** Mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 2007.

VATICANO II. **Gaudium et Spes.** Mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 2007.

VATICANO II. **Lumen Gentium.** Mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 2007.

VATICANO II. **Optatam Totius.** Decreto do Concílio Vaticano II sobre a Formação Sacerdotal. Petrópolis: Vozes, 1987.

VATICANOII. **Sacrosanctum Concilium.** Mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 2007.

VIANA, W.C. **Um longo e belo caminho:** um itinerário formativo para seminaristas. Brasília: Edições CNBB, 2013.

VILLEPELET, Denis. **O futuro da catequese.** São Paulo: Paulinas, 2007.

ZANETTI, A. **Iniziazione cristiana e comunità:** Criteri per una verifica sul campo. Venezia: Marcianum Press, 2022.